

A EDUCAÇÃO SEXUAL NOS LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA: UMA ABORDAGEM NO CAMPO DO CURRÍCULO

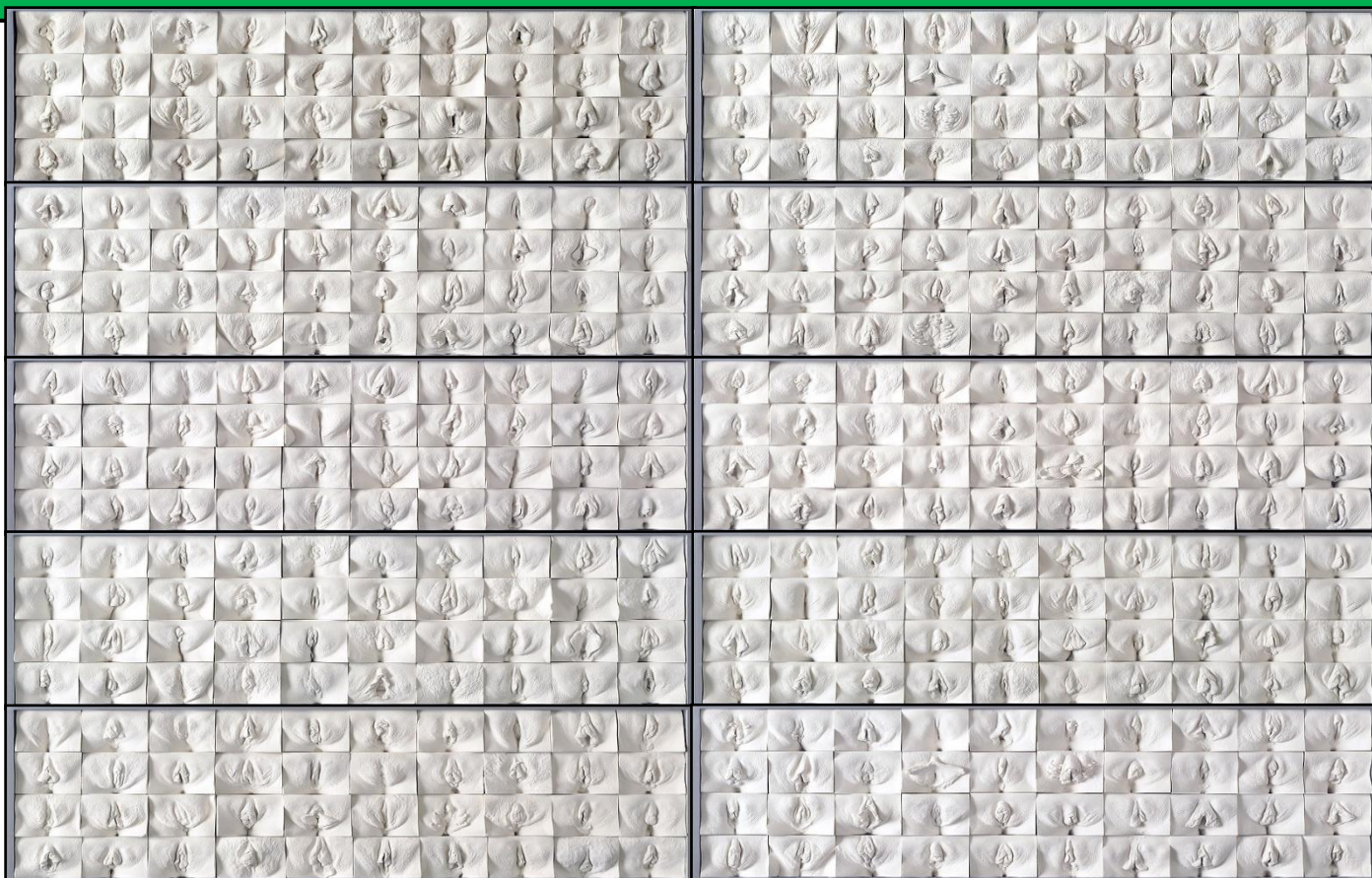


Imagem: **A Grande Muralha das Vaginas**: quatrocentas vaginas esculpidas em gesso pelo artista plástico britânico Jamie McCartney a partir de moldes das vaginas de voluntárias.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE

ROBERTO SANTOS TEIXEIRA FILHO

**A EDUCAÇÃO SEXUAL NOS LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA:
UMA ABORDAGEM NO CAMPO DO CURRÍCULO**

TRABALHO FINAL DE CONCLUSÃO DE CURSO

JACOBINA

2016

ROBERTO SANTOS TEIXEIRA FILHO

**A EDUCAÇÃO SEXUAL NOS LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA:
UMA ABORDAGEM NO CAMPO DO CURRÍCULO**

Trabalho Final de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em
Educação e Diversidade, do
Departamento de Ciências Humanas IV
da Universidade do Estado da Bahia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Gomes
da Silva

JACOBINA

2016

Ficha Catalográfica Elaborada pelo Bibliotecário:

João Paulo Santos de Sousa CRB-5/1463

Teixeira Filho, Roberto Santos.

T266e A educação sexual nos livros didáticos de biologia: uma abordagem no campo do currículo / Roberto Santos Teixeira Filho.

Jacobina - BA

123 f.

Dissertação (conclusão do curso de pós-graduação Strictu Senso / Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia, MPED. Departamento de Ciências Humanas – Campus IV). Universidade do Estado da Bahia, 2016.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Gomes da Silva.

1. Educação Sexual. 2. Livro didático. 3. Ateliê de pesquisa. 4. Desconstrução do discurso. I Roberto Santos Teixeira Filho . II. Ana Lúcia Gomes da Silva. III. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas/Campus IV. III. Título

CDD – 372.372

TERMO DE APROVAÇÃO

(A SER FORNECIDA PELA SECRETARIA DO CURSO)

**A EDUCAÇÃO SEXUAL NOS LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA: UMA
ABORDAGEM NO CAMPO DO CURRÍCULO**

ROBERTO SANTOS TEIXEIRA FILHO

Este Trabalho Final de Conclusão de Curso foi apresentado em vinte e seis de julho de dois mil e dezesseis como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação e Diversidade. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Profa. Dr^a. Ana Lúcia Gomes da Silva
Orientadora

Profa Dr^a Denise Maria Botelho
Membro titular

Prof. Dr. Antenor Rita Gomes
Membro titular

Dedico este trabalho à minha
companheira, Gabi com quem compartilho
respeito, afetos, amizade e tesão... tesão
pela vida! E, se o tesão pode ser
motivado pelo amor essa dedicatória é
exatamente isso! Ela é uma declaração
de amor à minha amada mulher! Uma
mulher admirável e inesquecível! Dedico
também à minha mãe e à família
(consanguíneos e amigas/os) pela
compreensão nos momentos de ausência.

AGRADECIMENTOS

Certamente estes parágrafos não irão atender a todas e todos que fizeram parte dessa importante expedição. Portanto, desde já peço desculpas àquelas e àqueles que não estão presentes entre essas palavras, mas elas e eles podem estar certas/os que fazem parte do meu pensamento e do meu obrigado.

Agradeço à Gabi, minha companheira, fonte de inspiração, motivo e motivação maior desta experiência, pelo deleite, a mim proporcionado, do conviver com o amor acima de tudo!

À minha mãe, Cândida, pela disposição em ser parte e/ou extensão de mim e pelo amor a mim dedicado!

Agradeço à minha orientadora Ana Lúcia, pela atenção, dedicação, comprometimento e sabedoria com que me guiou nesta itinerância. Quero registrar a minha reverência à luta e garra que ela empenha por este Programa de Pós-Graduação ainda embrionário.

Agradeço à Neusa e Iranildo que me acolheram quando do meu retorno à Jacolinda! À Natan e à Ivson, primos-irmãos, pela irmandade!

À Leo e Lara, fontes de renovação do amor! Importante para alimentar o viver!

Aos membros da banca pelas contribuições e leitura atenta a este trabalho!

Quero deixar registrado o meu reconhecimento às minhas amigas e aos meus amigos (família a qual eu escolhi) Adonai, Be, Juliano, Amanda, Uiara, Iaia, Naza, Helber, Rosane, Bruninho, Katy, Isa, Ricardo, Milão, Clívio, Demian, Jorge, Luciana e Margarete, pois acredito que sem a referência deles seria menos prazeroso e mais difícil escolher os caminhos e caminhar.

Às minhas companheiras e aos meus companheiros de turma.

Às professoras e aos professores do MPED.

À Coordenação e Secretaria do Curso, pela cooperação. Agradeço aos professores Jerônimo e Ana Lúcia, pela doação ao programa.

Quero registrar também, o meu reconhecimento à minha irmã, Michelle, ao meu irmão, Raphael, ao meu pai, Roberto e à toda minha família, inclusive à grande e bela família que ganhei há 4 anos – as/os tais Barbosas – pois penso que sem o incentivo delas e deles seria menos legal e mais difícil construir este trabalho.

Enfim, a todas e todos que por algum motivo contribuíram para a realização desta pesquisa.

Os coletivos políticos, tais como, os movimentos negros, quilombola, indígena, de mulheres, LGBT, ambientalista, comunidade surda, povos do campo, povos da floresta, povos itinerantes e povos das águas (Compreendem como povos do campo, das águas e das florestas todos os sujeitos coletivos que tem sua existência e identidade marcada pela relação com estes espaços diversos, organizados em instituições representativas formal ou informalmente instituídas), das comunidades tradicionais, de inclusão das pessoas com deficiência dentre outros, afirmam o direito à diferença, instigam à adoção de políticas públicas específicas e a transformação das políticas universais, fazendo avançar, na sociedade, a luta política pelo reconhecimento, pela luta contra o racismo e pela valorização da diversidade. (CONAE, 2014, p.31-32)

RESUMO

TEIXEIRA FILHO, Roberto S. **A Educação Sexual nos Livros Didáticos de Biologia**: uma abordagem no campo do currículo. 2016. 126. Trabalho Final de Conclusão de (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) – Universidade Estadual da Bahia. Jacobina, 2016.

Este Trabalho Final de Conclusão de Curso de Mestrado Profissional, volta-se para a Educação Sexual dirigida à adolescentes, buscando problematizar processos de produção das diferenças sexuais e de gênero. Esta investigação sustentou-se nos campos dos Estudos Culturais e dos Estudos Feministas, articulados com a perspectiva pós-estruturalista de análise. Realizamos pesquisa exploratória com a aplicação de questionário à estudantes do ensino médio, intervenção pedagógica através de *Ateliê de Pesquisa Formativo* e analisamos livros didáticos de biologia endereçados ao ensino médio. A pesquisa exploratória realizou-se a partir da análise de questionários respondidos por estudantes. Investigamos as necessidades e as dificuldades das/os estudantes em relação à Educação Sexual na escola. Os resultados indicaram que todas/os as/os entrevistadas/os consideraram importante a implantação da Educação Sexual na escola, entretanto, apontaram ausência de trabalho pedagógico em Educação Sexual em sua escola. Outro achado da pesquisa, evidenciado nos encontros do *Ateliê de Pesquisa Formativo* diz respeito à existência da dicotomia entre teoria e prática, uma vez que as/os docentes reconhecem a importância de se trabalhar a Educação Sexual na escola, mas, no entanto, não incluem em suas práticas a discussão desse tema. Ficou evidente ainda, a necessidade de investimento em ações pedagógicas que promovam efetivamente a Educação Sexual na escola. O processo analítico dos livros didáticos de biologia baseou-se nos achados da pesquisa exploratória, nas discussões sobre os temas relacionados à Educação Sexual ocorridas no *Ateliê de Pesquisa Formativo*, nos estudos das “representações” sexuais e de gênero marcadas nos livros didáticos e na tentativa de explicitar um modo de problematizar tais representações a partir de um processo de “desconstrução”. O modo como o gênero e a sexualidade estão representados produz significados que marcam e constituem não apenas o sujeito e as práticas normais, como também os sujeitos e as práticas “desviantes”, “não autorizadas”, “anormais”. Os resultados obtidos com a experiência, sustentada por uma metodologia de trabalho aberta, dialógica e participativa, possibilitaram as/aos docentes participantes da pesquisa um espaço de reflexão e de elaboração de vivências e experiências, o que propiciou uma reconstrução/ressignificação em relação às questões que envolvem a Educação Sexual. Assim, o estudo investigativo realizado possibilitou a construção de conhecimentos e de habilidades na área, instrumentalizando os sujeitos da Educação Básica para o enfrentamento das dificuldades e da complexidade das temáticas da Educação Sexual e para intervenções transformadoras, seja no âmbito pessoal, profissional ou escolar. Assim, considerando as informações obtidas será elaborado Documento Referencial em Educação Sexual.

Palavras-chave: Educação Sexual. Livro Didático. Ateliê de Pesquisa. Desconstrução do Discurso.

ABSTRACT

TEIXEIRA FILHO, Roberto S. Sexual Education in the Textbook Biology: an approach in the curriculum field. 2016. 126. Work Completion Final (Professional Masters in Education and Diversity) - State University of Bahia. Jacobina, 2016.

This Final Work Professional Master's Course Completion, turns to the sexual education directed to adolescents, seeking to discuss production processes of sex and gender differences. This research was sustained in the fields of Cultural Studies and Feminist Studies, linked to the post-structuralist analysis perspective. We conducted exploratory research with the application of questionnaire to high school students, educational intervention through workshop of Formative Research and analyze biology textbooks addressed to high school. Exploratory research was carried out from the analysis of questionnaires answered by students. We investigate the needs and difficulties of / students regarding sexual education in school. The results indicated that all / the the / os interviewed / considered them important to the implementation of sex education in school, however, pointed out the absence of pedagogical work in sex education in your school. Another finding of the research, evidenced in the workshop meetings of Formative Research concerns the existence of the dichotomy between theory and practice, since / teachers recognize the importance of working to sexual education at school, but, however, do not include in their practical discussion of the topic. It was also evident, the need for investment in educational activities that effectively promote sex education in school. The analytical process of teaching biology books was based on the findings of the exploratory research, in discussions on issues related to sexual education that took place in the workshop of Formative Research, in studies of "representations" sexual and marcardas gender in textbooks and attempt to explain a way to problematize such representations from a process of "deconstruction." The way gender and sexuality are represented produces meanings that mark and are not only the subject and normal practices, as well as the subjects and practices "deviants", "unauthorized", "abnormal." The results obtained from the experience, supported by an open working method, dialogic and participatory, enabled the / participants faculty research a space for reflection and development of experiences and experiences, which led to a reconstruction / reframing on the issues involving sexual education. Thus, the investigative study enabled the construction of knowledge and skills in the area, providing tools for the subjects of basic education to face the difficulties and complexity of the issues of sexual education and transformative interventions, whether in personal, professional or school environment. Thus, considering the information obtained will be prepared Reference Document on Sexual Education.

Keywords: Sexual education. Textbook. Workshop Search. Deconstruction Discourse.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Delineamento metodológico.....	43
Quadro 1 - Composição dos estabelecimentos da rede estadual de ensino do município de Jacobina-BA. Fonte: Elaborado pelo autor.	47
Quadro 2 - Plano de formação do Ateliê de Pesquisa Formativo.....	74

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição da população residente em Jacobina-BA por situação de domicílio. Fonte: IGBE/Censo Demográfico (2016).....	48
Gráfico 2 - Distribuição de matrículas no ensino médio por situação de domicílio em Jacobina-BA. Fonte: IGBE/Censo Escolar (2016).....	48
Gráfico 3 - - Distribuição de unidades escolares por situação de domicílio e por dependência administrativa. Fonte: IBGE/Censo Escolar.	49
Gráfico 4 – Distribuição de docentes por situação de domicílio.	50
Gráfico 5 - Existência de trabalho de Educação Sexual na escola.	59
Gráfico 6 - Tipos de trabalhos de Educação Sexual existentes na escola.	60
Gráfico 7 - Existência de professor/a que ensina sobre Educação Sexual.	61
Gráfico 8 - Disciplinas que lecionam sobre Educação Sexual na escola.	62
Gráfico 9 – Temas mais importantes sobre Educação Sexual.	63
Gráfico 10 – Dificuldades para tratar de temas relacionados à Educação Sexual. ...	64
Gráfico 11 – Proporção de estudantes que já leram algum material sobre Educação Sexual. Fonte: Elaborado pelo autor.	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil das/os discentes envolvidas/os na pesquisa.....	58
---	----

SUMÁRIO

ANTECEDENTES: CICLO DE RESPOSTA SEXUAL OU DÁDIVA DA VIDA?.....	14
FASE 1: EXPLORANDO AS ZONAS DE PRAZER	19
1 PRELIMINARES.....	19
2 FLERTANDO COM A PESQUISA: O LIVRO DIDÁTICO E A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO CURRICULAR.....	29
2.1 O LIVRO DIDÁTICO ATRAVÉS DO CONTEXTO POLÍTICO	29
2.2 O LIVRO DIDÁTICO COMO OBJETO DE INVESTIGAÇÃO	31
2.3 A EDUCAÇÃO SEXUAL PARA A DIVERSIDADE E O PAPEL DO LIVRO DIDÁTICO NESTE CONTEXTO	33
3 A CANTADA: DISCURSO, ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS E O LIVRO DIDÁTICO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO SEXUAL.....	37
3.1 O LIVRO DIDÁTICO COMO UM ARTEFATO SOCIOCULTURAL	37
3.2 A CONJUNTURA DO LIVRO DIDÁTICO E DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO CAMPO DO CURRÍCULO: A ANÁLISE PÓS-ESTRUTURALISTA DA DESCONSTRUÇÃO DO DISCURSO	40
FASE 2 – ATENÇÃO E CUIDADO PARA PROPORCIONAR PRAZER.....	42
4 O CAMINHO PARA O ORGASMO: COMO FAZER? – MATERIAIS E MÉTODOS 42	
4.1 DESCOBRINDO AS ZONAS DE PRAZER: A PESQUISA EXPLORATÓRIA ..44	
4.1.1 Brinquedos Sexuais: os Instrumentos da Pesquisa Exploratória	44
4.1.2 Pressupostos Teóricos-Metodológicos da Aplicação de Questionários	45
4.1.3 Caracterização e Composição da Amostra para o Trabalho de campo (Pesquisa Exploratória e Ateliê de Pesquisa Formativo).....	46
4.1.4 Análise e Sistematização dos Achados da Pesquisa Exploratória.....	50
4.2 ATELIÊ DE PESQUISA	51
4.3 ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS.....	51
4.3.1 Sistematização da Análise dos Livros Didáticos	52
4.4 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS.....	52
FASE 3: AFLORAMENTO DO PRAZER.....	54
5 COM CARINHO: NECESSIDADES, POSSIBILIDADES E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO SEXUAL SEGUNDO OS AMANTES DESTA PESQUISA.....	54
5.1 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS	55
5.2 DESENVOLVIMENTO METODOLOGICO.....	56
5.3 PERFIL DAS/OS DISCENTES DO SEGUNDO ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE JACOBINA-BA	57
5.4 A EDUCAÇÃO SEXUAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE JACOBINA-BA	58
5.5 A EDUCAÇÃO SEXUAL NO COTIDIANO ESCOLAR DAS/OS DISCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DA REDE ESTADUAL DE JACOBINA-BA.....	63

6 COM AMOR! ALCANÇANDO O ORGASMO – ATELIÊ DE PESQUISA FORMATIVO E ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS: O INÍCIO DE UM DOCUMENTO REFERENCIAL	67
6.1 ATELIÊ DE PESQUISA FORMATIVO EM EDUCAÇÃO SEXUAL	67
6.1.1 Caracterização do Local e das/os Participantes da Experiência	69
6.2 ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA	75
6.2.1 O Que Falam as Imagens – Uma Análise do Texto Imagético dos Livros Didáticos de Biologia.....	89
6.3 O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO DOCUMENTO REFERENCIAL EM EDUCAÇÃO SEXUAL.....	92
6.3.1 Justificativa e objetivo	93
6.3.2 Metodologia	94
6.3.3 Desenvolvimento do material educativo	95
7 O ORGASMO E A EFEMERIDADE DO FIM: CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS.....	107
APÊNDICE A - Questionário de Pesquisa	113
APÊNDICE B - Documento Referencial em Educação Sexual	117
ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	124

ANTECEDENTES: CICLO DE RESPOSTA SEXUAL OU DÁDIVA DA VIDA?¹

Apresentamos aqui uma ante seção com o intento de antecipar um chamado provocativo à prática reflexiva de (des)construção e reconstrução de conceitos e significados em torno das questões de gênero e sexualidade.

Assim, este Trabalho Final de Conclusão de Curso (TFCC) teve como objetivo a demonstração da possibilidade de utilização da metodologia de desconstrução do discurso como prática pedagógica para o trato com a Educação Sexual. Dessa maneira, propusemos a problematização das questões de gênero e sexualidade, através da desconstrução do discurso dos livros didático de biologia do ensino médio no que se refere à Educação Sexual.

Destarte, começamos a estrutura deste trabalho com um questionamento. A referida interrogação dispara uma ideia adotada para os títulos e subtítulos desta obra: a utilização de metáforas como posicionamento político-pedagógico das/os autoras/es (orientando e orientadora) para marcar a educação sexual sob uma ótica para além da biológica tecnicista e, por conseguinte, para além do discurso hegemônico da ciência principal, partindo do pressuposto de que o diálogo sobre educação sexual contém muito das subjetividades das/dos sujeitas/os que vivenciam sua autonomia/liberdade e corporeidade.

Daniela Martins (2014, p. 31) comentando a percepção de Caillé sobre o paradigma do individualismo metodológico², assevera que este se resume no utilitarismo racionalista que transparece a ação individual como interessada e fundada no cálculo, cujo horizonte normativo repousa no critério de definição do justo/certo que alcance o maior número de indivíduos:

¹ Nesta escrita, mesmo seguindo as normas da ABNT, assumo inspirado em Jimena Furlani, um “modo feminista de escrever”, ou seja: 1 – oponho-me a qualquer linguagem sexista que tenha a forma masculina como regra geral. Explícito o masculino e o feminino, ora com linguagem inclusiva (por exemplo: alunas e alunos), ora, quando possível, utilizando termos neutros em gênero (por exemplo: estudante). Não utilizo “homem” para me referir à humanidade. 2 – Escrevo na primeira pessoa do singular – e do plural em reverência a coautoria deste texto. Assumo, portanto, uma posição contrária à suposta “neutralidade da ciência moderna”, uma vez que os Estudos Feministas – e suas/seus estudiosas/os – são assumidamente interessadas/os numa sociedade menos desigual em gênero. 3 – Nas citações bibliográficas, dou visibilidade à autoria, citando o prenome e o sobrenome da/o autora/or quando da sua primeira aparição no texto. Nas referências bibliográficas o prenome identifica o gênero da/o autora/or.

² Herdeiro de uma ciência cartesiana, racionalista, centra na heteronormatividade e controle da experiência humana, característico do paradigma científico dominante (eurocêntrico).

Neste caso, o tentar “prever” o ganho da maioria torna a ação social refém do universo do cálculo, sempre inexato, sempre interessado, e restringe a sociedade a uma mera soma de indivíduos. Não há como admitir, defende, que o vasto universo das relações sociais possa ser reduzido a uma única dimensão, a do interesse individual e do cálculo (MARTINS, D. 2014, p. 31).

E essa linguagem do cálculo está presente no conteúdo discursivo-normativo dos didáticos examinados, enquadrados, em grande parte, numa lógica instrumental e homogeneizadora da vida humana, sob aspectos dissociados de suas demais dimensões. A abordagem sobre direitos sexuais e reprodutivos nos livros é, portanto, ausente, já que não congrega o universo de possibilidades, pluralidades, subjetividades, historicidades e contextos das/os adolescentes, enquanto categoria constituída “por meninos e meninas que trazem experiências, práticas sociais e estilos de vida distintos, em função das atribuições de gênero, suas complexas articulações com classe social e raça/etnia e as marcas que estas pertenças imprimem à subjetividade de cada um” (VILLELA; DORETO, 2006, p. 2.467).

Contestando o viés “biologicista” (biólogo mais tecnicista), intentamos, com o uso da expressão “dáviva³ da vida”, fazer uma provocação acerca da representação do parto, do feminino, sobretudo, do prazer feminino, presente no livro didático de biologia. A sexualidade enquanto dáviva do/no cuidado⁴ está associada a autonomia/liberdade e alteridade/reconhecimento. Nesse sentido:

A dáviva do/no cuidado, nesta experiência, aparece claramente como aquilo que sela uma aliança, que promove “o reconhecimento por parte do grupo e de si próprio como um potencial oferecedor” (MOREIRA, 2006, p. 290).

³ “Assim a dáviva é um procedimento de exteriorização pelo qual o homem produz uma coisa que permitirá, ao mesmo tempo, a partilha e a união, a distribuição entre o mesmo e o outro” (Aldo Haesler). Tecemos apenas um adendo na conceituação do referido autor para afirmarmos a isonomia de gênero na gramática, acrescentando o termo “mulher” junto ao termo “homem”.

⁴ “Em conformidade com a análise sociológica de Martins (2003) que, por seu turno, se fundamenta no paradigma sociológico da dáviva, a expansão de práticas de cuidado *humanistas* atendeu à necessidade de resgatar o cuidado a partir de suas bases comunitárias, traduzidas pelas relações de proximidade, reciprocidade, de vizinhança, pelas alianças formadas no cotidiano pessoa-a-pessoa, em favor do bem comum. A existência de uma rede de símbolos e significados comuns, nutrida pelas relações de reciprocidade, conforme a autora, permite a livre circulação de “bens de cura” (atenção, confiança, acolhimento, escuta, diálogo, técnicas, remédios, procedimentos, etc.).” (MARTINS, 2014. p. 30).

Como posto, no sistema da dádiva, ao dar, o indivíduo também autoriza outrem a dar, afinal “não damos para recebermos, mas para que o outro dê por sua vez; assim, os homens⁵ dão testemunho ‘uns aos outros de que eles não são coisas’” (HAESLER, 2002, p. 153).

O exercício da dádiva pode se dar epistemologicamente⁶, enquanto elemento interpretativo “para se pensar os fundamentos da solidariedade e da aliança nas sociedades contemporâneas” e no cotidiano das comunidades. O valor e a simbologia das relações são fundamentais nas relações sociais, baseado no princípio da comunidade que, mesmo tendo sido negligenciado nos últimos duzentos anos como nos afirma Boaventura Santos (2000, p. 75), “é o princípio menos obstruído por determinações e, portanto, o mais bem colocado para instaurar uma dialética positiva com o pilar da emancipação”, na perspectiva de práticas associativas e democráticas.

A compreensão da dádiva como o sistema de trocas básico da vida social permite romper com o modelo dicotômico característico da modernidade, pelo qual a sociedade seria fruto de uma ação planejadora do Estado ou do mercado. Marcel Mauss (2003) nos diz, no entanto, que esses não são fenômenos universais, sendo característicos apenas de sociedades com maiores complexidades, como a sociedade moderna, afirmando, inclusive, que nas sociedades tradicionais havia a presença constante de um sistema de reciprocidades de caráter interpessoal. Sistema compreendido em Mauss que sofre expansão ou retração sob a perspectiva de uma tríplice obrigação coletiva de doação, dar, receber e retribuir.

Nesse sentido, Caillé (1998, p. 13) nos ensina que a definição da dádiva enquanto universalidade e sua tríplice relação compromissória faz parte de uma ambiciosa hipótese de ressignificação do olhar sobre o sistema social. Segundo ele, “trata-se de nada menos do que pôr termo à hegemonia do economicismo sobre nossos espíritos e retraduzir muitas das questões oriundas da tradição filosófica num questionamento passível de um esclarecimento empírico pertinente”.

⁵ Tecemos apenas um adendo na conceituação do referido autor, para afirmarmos a isonomia de gênero na gramática, acrescentando o termo “mulheres” junto ao termo “homens”.

⁶ A teoria da dádiva fora sistematizada pelo antropólogo e etnólogo Marcel Mauss no Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas, em 1924.

A fala (texto) de António Nóvoa “Sobre o significado da gratidão”, no III Encontro PIBID UNESPAR (2014), reflete bastante o sentido da Dívida enquanto comprometimento, enquanto vínculo:

Se me derem mais dois minutos, explico-vos o que é que quero dizer com a palavra “agradeço”. Há uns meses atrás eu estava em Brasília a preparar uma aula magna da Universidade de Brasília e vinha-me a cabeça que queria agradecer aos colegas brasileiros tudo o que me têm dado, e tem sido muito. E vinha-me à cabeça o Tratado da Gratidão, de S. Tomaz de Aquino. Todos aqui saberão que o Tratado da Gratidão, de S. Tomaz de Aquino tem três níveis de gratidão: um nível mais superficial, um nível intermédio e um nível mais profundo. O nível mais superficial é o nível do reconhecimento, do reconhecimento intelectual, o nível cerebral, o nível cognitivo do reconhecimento. O segundo nível é o nível do agradecimento, do dar graças a alguém por aquilo que esse alguém fez por nós e o terceiro nível mais profundo do agradecimento é o nível do vínculo, é o nível de sentirmos vinculados e comprometidos com essas pessoas. E de repente descobri uma coisa na qual eu nunca tinha pensado: que em inglês ou em alemão se agradece no nível mais superficial da gratidão. Quando se diz thank you ou quando se diz zu danken, estamos a agradecer no plano intelectual. Que na maior parte das outras línguas europeias, quando se agradece, se agradece no nível intermediário da gratidão. Quando se diz merci em francês quer dizer dar uma mercê, dar uma graça. Eu dou-lhe uma mercê, eu estou-lhe grato, eu dou-lhe uma mercê por aquilo que me trouxe, por aquilo que me deu. Ou gracias em espanhol ou grazie em italiano. Dou-lhe uma graça por aquilo que me deu e é nesse sentido que eu lhe agradeço, é nesse sentido que eu lhe estou grato. E que só em português, que eu conheça, que eu saiba, é que se agradece com o terceiro nível, o terceiro nível, o nível mais profundo do tratado da gratidão. Nós dizemos obrigado e obrigado quer dizer isso mesmo, fico-vos obrigado! Fico obrigado perante vós. Fico vinculado perante vós. Fico-vos comprometido a um diálogo, agradecendo-vos ao vosso convite, agradecendo-vos a vossa atenção, fico obrigado, vinculado a continuar este diálogo e a poder contribuir, a medida das minhas possibilidades, para os vossos projetos, para os vossos trabalhos, para as vossas reflexões, para o vosso diálogo. É esse diálogo e quero e esse diálogo e é nesse preciso sentido que eu vos digo MUITO OBRIGADO!

No mesmo sentido, a adoção de metáforas ao longo dos títulos e subtítulos desta dissertação como mecanismo epistêmico de marcar e dar ênfase à relação sexual, evocando o prazer a ela inerente, como forma de problematizar o caráter positivista do discurso da biologia reprodutiva. É preciso afirmar epistemicamente que o parto é uma dívida! – Sem deixar de considerar que as mulheres têm o direito de não querer vivenciar a experiência da maternidade e, portanto, não consideramos aqui a dívida como algo impositivo ou, ainda, que faz parte da “natureza feminina” ser mãe, uma vez que, ser mãe, assim como gênero, é uma construção

sociocultural. O prazer é um direito! O prazer é um direito das mulheres! O prazer é um direito de todas e todos!

Assim, dividimos esta dissertação, apenas por razões didático-políticas, em 4 fases espiraladamente cíclicas, portanto, vale salientar que todas as “partes” desta obra são articuladas e que os achados da pesquisa permeiam toda ela:

Fase 1 – Explorando as zonas de prazer: nesta fase apresentamos a introdução (preliminares) e os capítulos teóricos;

Fase 2 – Atenção e cuidado para proporcionar prazer: nesta fase apresentamos a metodologia e os instrumentos utilizados para esta pesquisa;

Fase 3 – Afloramento do prazer: nesta fase apresentamos as análises e as discussões emergentes do campo;

Fase 4 – Consumindo o prazer: nesta fase apresentamos as conclusões da pesquisa.

FASE 1: EXPLORANDO AS ZONAS DE PRAZER

1 PRELIMINARES

Este Trabalho de Conclusão de Curso de Mestrado teve como objeto de estudo a abordagem da educação sexual no discurso científico (textual e/ou imagético) dos livros didáticos de biologia. Volta-se, portanto, para a educação sexual de adolescentes a partir da problematização dos processos de produção em torno das diferenças de gênero e sexualidade. Para isso, foram aplicados questionários a docentes e discentes da educação básica, foi realizado ateliê de pesquisa formativo com docentes da educação básica e, ainda, foram analisados livros didáticos de biologia do ensino médio como elementos constitutivos da prática pedagógica e do currículo.

Desse modo, objetivamos analisar a abordagem discursiva da educação sexual dos livros didáticos de biologia, como produtora das representações ligadas às desigualdades sexuais e de gênero e como um elemento constituinte do currículo escolar para desenvolver uma metodologia pedagógica através da desconstrução do discurso. Defendemos que esta prática possibilita a problematização das questões de gênero e sexualidade em sala de aula, de modo que as/os docentes e discentes possam superar as dificuldades encontradas ao se trabalhar com o tema em questão.

Assim, através desta pesquisa problematizamos e, portanto, tensionamos o processo de produção e divulgação do conhecimento, através do discurso científico veiculado no livro didático de biologia, trazendo uma visão de mundo mais ampla, para além da cultura de grupos dominantes que operam hegemonicamente o desenvolvimento desses processos, bem como, os processos de elaboração do currículo da educação básica.

A análise acerca da produção do conhecimento sobre a sexualidade humana encontra sustentação nos campos de estudos multiculturais, teorias feministas e dos estudos epistemológicos a partir do que se passou a chamar de crise do paradigma

dominante e as conseqüentes especulações a respeito do paradigma emergente (BOAVENTURA SANTOS, 1986), articuladas com a perspectiva pós-estruturalista da desconstrução do discurso (DERRIDÁ, 2001), bem como, com a pedagogia crítica.

O paradigma dominante tem como marco referencial a ciência ocidental moderna, a qual é pautada no cartesianismo e no racionalismo positivista que por séculos empenhou-se em omitir dos seus discursos diversas/os sujeitas/os de direitos epistemológicos como estratégia para a manutenção de um poder. Para além dos demais elementos caracterizadores do cânon científico moderno (eurocentrismo e racismo), o androcentrismo (sexismo, misoginia e machismo) se sustentou e se sustenta no processo de produção e difusão do conhecimento e, por conseguinte, em todas as implicações dele advindas, permeadas por disputa de poder através do discurso.

Mulheres, gays, lésbicas, travestis, transexuais, bissexuais, crianças e jovens, negras/os, indígenas, quilombolas, deficientes, comunidades rurais, trabalhadoras/es, mães, estudantes, ativistas, educadoras/es têm enfrentado diferentes formas de discriminação que se interseccionam, se inter-relacionam tais como o sexismo, o racismo, a homofobia/lesbofobia, a pobreza, dentre outros, em suas experiências de vida. Os corpos das mulheres negras, LGBTT, pobres, latino-caribenhas/os foram transformados e tiveram seus sentidos atribuídos/classificados pela/o “outra/o”, ou seja, pelo homem branco/mulher branca, heterossexual, cristão/ã, de classe média/alta, ocidental.

A abordagem da pedagogia crítica lida com um mundo existencial em perspectiva histórica e significativa em relação ao papel dos aspectos econômico, político e retórico do poder, da cultura e do conhecimento. Ela enfoca a forma de entender a cultura hegemônica que promove e valoriza certo tipo de conhecimento à custa de ofuscar outros. As obras das/os autoras/es afiliados com esse referencial teórico oferecem visões críticas sobre a opressão institucional e as estruturas implícitas de poder encontradas nas escolas.

Destarte, a problemática central discutida nesta dissertação – resultado da pesquisa proposta e da pesquisa realizada – repousa na abordagem da educação sexual no discurso científico dos livros didáticos de biologia como produtor das

representações ligadas às desigualdades sexuais e de gênero. Entendemos, aqui, que os conteúdos produzidos e veiculados por estes livros contribuem para a constituição dos currículos e das práticas pedagógicas, bem como, para a produção de identidades culturais.

A desigualdade de gênero, classe e raça que é experienciada no convívio social de modo geral e, mais especificamente, nas práticas pedagógicas são as primeiras lições colonizadoras que meninos e meninas vivenciam a respeito das suas condições e posições assimétricas, hierarquizadas e, por conseguinte, excludentes. As representações de gênero e sexualidade são reproduzidas e produzidas no ambiente educacional e servem para manutenção da cultura do patriarcado colonizador. Assim, a cultura hegemônica legitima saberes estabelecendo verdades absolutas.

Dessa forma, buscamos compreender e demonstrar, através da desconstrução do discurso, sob a perspectiva pós-estruturalista, como os livros didáticos de biologia contribuem para legitimar e produzir as representações socioculturais das diferenças de gênero. A partir desta análise problematizamos a educação sexual, a sexualidade, a heteronormatividade, o gênero e as diferenças.

Todavia, assumimos a necessidade de indagações em torno da produção e representação das diferenças e identidades através do livro didático e do currículo, como recursos pedagógicos e, como estas diferenças estão representadas na cultura, sendo esta uma condição *sinequa non* para a educação e formação dos educadores numa perspectiva emancipatória que lute pela equalização das desigualdades entre as/os sujeitas/os.

Exatamente movido por estas indagações é que surge a gênese da pesquisa e as minhas implicações com a temática exposta, as quais apresentamos no item a seguir.

MINHAS EXPERIENCIAS DOCENTES, MINHAS ESCOLHAS

As indagações que nos move para o estudo da temática investigativa sobre gênero e sexualidade emanam de uma experiência pessoal como professor de biologia para o ensino médio, a qual se deu em uma aula sobre sexualidade para

uma turma do segundo ano do ensino médio – composta por estudantes de 15 e 16 anos de idade. Na ocasião pude perceber, na prática, a dificuldade de se lecionar assuntos que versem sobre o tema em questão. Pude, ainda, diagnosticar que o livro didático utilizado pela escola, e quase que religiosamente seguido/utilizado pelas/os estudantes, não contemplava de forma satisfatória os conteúdos de Educação Sexual, abordando-os de forma incompleta e sob o viés androcêntrico.

O livro restringia-se aos assuntos relacionados à reprodução humana, tais como doenças sexualmente transmissíveis, métodos contraceptivos e descrição e função dos aparelhos reprodutores masculino e feminino, sendo que apresentava uma descrição detalhada da anatomia e dos mecanismos fisiológicos do aparelho reprodutor masculino, como por exemplo a ereção do pênis, ao passo que não descrevia sobre os mecanismos fisiológicos de ereção do clitóris. Temas considerados tabus não eram tratados no livro, tais como orientação sexual, homossexualidade e identidades de gênero, masturbação e prazer, notadamente o prazer feminino, dentre outros.

Para, além disso, senti dificuldade ao tratar da anatomia do aparelho reprodutor feminino, pois além de estar abordado de forma incompleta no livro, notei que não há muitos termos sinônimos para o clitóris (ao contrário do pênis, para o qual há uma infinidade deles), fato que me trouxe certa dificuldade em explicar/ilustrar para as/os estudantes “o que é” e qual a função daquela estrutura anatômica. Ao tratar deste órgão – que não aparece na maioria dos livros e quando aparece é apenas em uma imagem com uma seta indicando o seu “nome” – notei que boa parte das alunas e dos alunos o desconhecia e que as/os estudantes que já conheciam não sabiam ao certo qual era a sua função. Patente foi a constatação que me fora concebida de que nenhuma das alunas e nenhum dos alunos sabiam que o clitóris é o único órgão humano conhecido com função exclusiva de proporcionar prazer – não se fala em prazer nas aulas de Educação Sexual para adolescentes.

Vale ressaltar que, embora os livros didáticos de biologia foquem a Educação Sexual na descrição e função dos aparelhos reprodutores masculino e feminino, informações importantes e específicas sobre a anatomia e fisiologia do clitóris para o prazer e para a reprodução não são abordadas nestes livros.

Diante desses fatos, fui buscar na literatura científica específica mais informações sobre o assunto e percebi que os livros didáticos também produzem, reproduzem e legitimam as representações socioculturais de gênero e que este aspecto é também reflexo do currículo de biologia para a educação básica. Segundo Margarida & Mônica, a elaboração de livro didático, sobretudo ao tratar de temas da Educação Sexual, ocorre sob um ambiente de embates internos e pressões externas (MARGARIDA DE SANTANA & MÔNICA WALDHELM, 2009).

Nasce, portanto, a partir dessa experiência aqui registrada e das inquietações daí surgidas, a ideia de analisar a abordagem da Educação Sexual nos livros didáticos de biologia e, com ela, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPED), no curso de Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED) da Universidade do Estado da Bahia, campus IV, em Jacobina-BA. É sob a luz da incursão neste programa de pós-graduação e do encontro “cósmico” com a professora Ana Lúcia, minha orientadora no Mestrado, que construo, junto com ela, este trabalho que trata da apresentação de uma proposta metodológica-pedagógica que possa contribuir com a construção de uma educação sexual para a cidadania.

Assim, o tempo passou a testemunhar o meu esforço em conciliar na universidade, na docência e na vida, desafios intelectuais, experiências adquiridas, limitações pessoais, demandas sociais e políticas, escolhas e vontades micropolíticas na área de Educação Sexual que nos impulsionou nesta trajetória de pesquisa desafiadora e significativa.

Estas razões, por si só, justificam a realização da pesquisa e sua relevância para a educação básica. No item “O CONVENCIMENTO”, apresentamos a justificativa da pesquisa.

O CONVENCIMENTO

Diante do exposto, entendemos que esta pesquisa se justifica na atual conjuntura escolar, tendo em vista a necessidade de avanço rumo à melhoria da qualidade do ensino sobre este tema, o qual deve ser ofertado às/aos adolescentes

na escola – basta atentarmos para os constantes casos de homofobia no ambiente escolar que são noticiados quase que diariamente na grande mídia.

Nosso desafio sobre a conjuntura escolar dialoga com Margareth Rago sobre a nova escola, ao afirmar:

Uma escola não hierarquizadora, feminista e libertária, não pode, portanto, escapar de examinar as tecnologias disciplinares de produção de subjetividade que promove no cotidiano. [...] Portanto, trata-se de buscar outras linguagens, abertas, descentralizadas, femininas, corporais, afetivas, que, na sua diferença, permitam questionar, e nos libertar dos procedimentos masculinos, eurocêntricos, “normais”, arrogantes e onipotentes operantes em nosso mundo. (RAGO, 2007, p.488).

Consideramos aqui a escola sob uma perspectiva mais ampla, como o espaço formativo das faculdades e universidades que formam as/os profissionais que estarão na Educação Básica. É fundamental que nós, as/os formadoras/es, possamos, a partir da teoria que subsidia a nossa prática, realizar uma prática pedagógica desafiadora e libertadora, fazendo acontecer em nossas aulas e, portanto, na prática das/os futuras/os educadoras/es que estão sob a nossa responsabilidade. Defendemos que a teoria por nós estudada e acreditada será imobilizada e paralisante se continuarmos apenas discursando sobre ela, mas, se ao contrário, estivermos operando com ela cotidianamente, modificaremos muito dessa hierarquização e assimetria que ainda marcam as relações sociais, inclusive no ambiente escolar.

Vivenciamos cotidianamente os desafios da desconstrução de práticas estereotipadas e excludentes que legitimam discursos sobre a sexualidade, o corpo e o conhecimento.

A Educação Sexual é um tema polêmico que deve ser abordado nas escolas, de modo a contribuir para a diminuição da discriminação social contra pessoas do sexo feminino ou de orientação não heterossexual. É aconselhado às escolas que educam alunas/os na faixa etária de 11 a 18 anos que trabalhem com o tema “orientações sexuais”. Isso porque o ensino adequado da Educação Sexual pode ajudar as/os estudantes a compreenderem melhor a si mesmas/os, às/aos outras/os e a tornarem mais claros seus valores e suas atitudes pessoais (MICHAEL

REISS, 1997). Devemos ter atenção, contudo, com a forma como a Educação Sexual é encarada nas escolas, na medida em que este tema pode estar profundamente implicado na preservação de antigas normas sexuais (JIM JOSÉ, 1999).

É papel da educação incitar na/o estudante, na/o docente e na população reflexões sobre temas que atuem na formação da sua conduta ideológica em relação ao tratamento interpretativo de gênero, sem impor condutas ou modelos específicos de comportamento no que tange a igualdade e a equidade. Para que tal objetivo seja atingido, no âmbito da Educação Sexual, é importante que todas as ferramentas utilizadas no processo educativo discutam a questão da sexualidade humana. Especialmente no que concerne ao livro didático, a qualidade da abordagem, ao focar nos mecanismos fisiológicos da reprodução (do sexo e do ato sexual), pode ser tão prejudicial quanto a não abordagem, o esvaziamento e o silenciamento considerando que juízos de valor explícitos e/ou implícitos em explicações podem comprometer a qualidade da informação veiculada.

Neste sentido, analisamos os discursos sobre Educação Sexual veiculados nos livros didáticos de biologia, através de um processo de desconstrução proposto por Jimena Furlani (2005, p.17) “como um recurso analítico dos artefatos escolares” para problematizar as representações de gênero produzidas pelo discurso biológico e pelo silêncio dele veiculados no livro didático, através de seu texto (verbal e/ou imagético), bem como, “poderá sugerir formas de operar na prática pedagógica, da educação sexual e em qualquer nível de ensino” (FURLANI, 2005, p.17), em qualquer área do conhecimento e em qualquer lócus (diversidade sociogeográfica) em que se der a prática pedagógica.

Na pesquisa realizada, buscamos articular diferentes identidades culturais de gênero e sexualidade à problematização do educacional e do social. Acreditamos que esta articulação somente se efetiva se procurar explicitar como essas identidades se constroem através do livro didático e, a partir dele, na prática pedagógica e se inscrevem no social, constituindo sujeitos, por meio de processos ora inclusivos, ora excludentes de normalização ou subordinação, por meio de disputas de poder e de rearticulação de determinados saberes.

Há pouca informação sobre a sexualidade feminina em contraste com a grande quantidade de informações existentes a respeito da sexualidade masculina, bem como, a linguagem utilizada para abordar esses temas constitui uma representação de gênero que ratifica o preconceito e a discriminação sexual. Assim, devemos considerar que as representações dos livros didáticos são também reflexo das representações socioculturais de gênero, visto que o discurso biológico, enquanto uma linguagem científica visa produzir, reproduzir, justificar e legitimar as diferenças estabelecidas no âmbito sociocultural.

Desse modo, o olhar sobre a temática a partir das propostas do paradigma emergente poderá apontar para uma aproximação entre os aspectos científicos e culturais, de modo a desconstruir os vetores de desigualdade e hierarquia no tratamento de gênero projetados nos livros didáticos de biologia. Como afirma Susan Bordo (1997) “é preciso que seja uma preocupação contemporânea esta temática”.

Vistos historicamente, o disciplinamento e a normatização do corpo feminino – talvez as únicas opressões de gênero que se exercem por si mesmas, embora em graus e formas diferentes a depender da idade, classe social, da raça e da orientação sexual – têm de ser reconhecidos como uma estratégia espantosamente durável e flexível do controle social. (RAGO, 1997, p.20).

Neste sentido, o referencial teórico desenvolvido por Glória Ladson-Billings (1994) demonstra como o Ensino Culturalmente Relevante é essencial para enfrentar o *status quo* e buscar práticas de ensino emancipatórias. Ladson-Billings (1994) oferece uma abordagem profunda para analisar as experiências e reflexões sobre as práticas culturalmente relevantes, as quais as/os professoras/es que atuam no ensino médio podem aplicar da seguinte maneira: considerar-se membros da comunidade; considerar o ensino como um retorno dado à comunidade, e encorajar as/os estudantes a adotar a mesma postura; ajudá-las/os a estabelecer relações entre a comunidade e as identidades nacionais e globais; proporcionar experiências educacionais que demonstrem o papel central da cultura; oferecer oportunidades para criticar o sistema no papel de agentes empreendedores de mudanças.

Além disso, as epistemologias do feminismo negro e latino-americano demandam que levemos em consideração o(s) conhecimento(s) e as formas de

estabelecer conhecimentos, as metodologias, as abordagens e os projetos políticos e estratégicos que não só emerge dos estratos mais baixos como também se localizam em dimensões múltiplas das camadas de poder. Tais “conhecimentos” requerem metodologias e epistemologias que vão além das ferramentas analíticas pré-estabelecidas centradas no eurocentrismo e no patriarcalismo. Dessa forma, pesquisadoras acadêmicas e ativistas não brancas e latino-americanas têm se engajado em experiências daquelas/es que foram historicamente excluídas/os e oprimidas/os dos processos de produção e divulgação do conhecimento.

Segundo Glória Anzaldúa (1990), “o que é considerado teoria na comunidade acadêmica dominante não é necessariamente aquilo que as mulheres não brancas consideram teoria”. A Teoria Feminista Negra e Latino-americana contribuiu para uma abordagem sobre o conhecimento na qual cada pessoa traz em si um conhecimento e posicionamento que não é necessariamente assimilado ou subordinado ao poder das outras pessoas. Diante desse contexto, mulheres pertencentes a grupos raciais historicamente excluídos analisam as estruturas de poder, as desigualdades de gênero e a opressão racial, assim como a violência gerada pelo Estado por uma perspectiva interseccional, a qual, juntamente com a perspectiva do Ensino Culturalmente Relevante, proverá subsídios para a desconstrução do discurso biológico veiculado no livro didático de biologia no que se refere à Educação sexual.

Destarte, é sob estas perspectivas que propomos como produto/contribuição dessa investigação uma metodologia pedagógica, construída a partir da análise pós-estruturalista de desconstrução do discurso. O exercício pós-estruturalista de desconstrução através do próprio discurso pode servir como uma prática pedagógica produtiva para a construção e assimilação dos conceitos biológicos, sobretudo os que tratam de Educação Sexual e, mais além, promovendo a emancipação do corpo e sexualidade como fator de promoção da igualdade entre as/os sujeitas/os.

Pretendemos, assim, investir no empoderamento de crianças, jovens e mulheres, com oportunidade de exercitar um questionamento constante das relações de poder e suas formas de construção de conhecimentos e saberes hegemônicos que reproduzem a heteronormatividade, a homofobia, a misoginia, o sexismo, o patriarcalismo etc. Para isso, torna-se necessário a apropriação das

tecnologias e conhecimentos das estratégias de opressão e dominação em que esses conhecimentos são gerados e reproduzidos, dentre os quais destacamos aqui, o livro didático e o currículo.

No capítulo 1 apresentamos o livro didático no contexto curricular, político e sociocultural através de uma incursão bibliográfica na literatura científica sobre o tema.

2 FLERTANDO COM A PESQUISA: O LIVRO DIDÁTICO E A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO CURRICULAR

2.1 O LIVRO DIDÁTICO ATRAVÉS DO CONTEXTO POLÍTICO

O livro didático foi compreendido como instrumento indispensável ou peça central dos currículos e das práticas escolares por muito tempo. Posteriormente, passou a dividir com outros recursos didáticos esse lugar de destaque. Contudo, não há indícios em termos de políticas públicas educacionais de que este será descartado ou abandonado. Sua relevância, suas características, seus efeitos foram e são objeto de estudo de muitas investigações no Brasil, sobretudo no período posterior à queda do regime militar, isto é, durante os anos de 1980.

A partir daquele período, inúmeras pesquisas estudaram o livro didático, apontando para questões distintas: a relação dos conteúdos com questões gerais e ideológicas (MARIA FRANCO, 1982), (MARIA NOSELLA, 1981), (LEDA SCHEIBE, 1986), (BÁRBARA FREITAG; VALÉRIA MOTTA e WANDERLY COSTA, 1989), (FREITAG, et al., 1987); aspectos ligados às discussões sobre ensino aprendizagem e a relação professor/a-aluna/o (OLGA MOLINA, 1987), (JOÃO OLIVEIRA, 1983a), (LÚCIA MOYSÉS, 1985); a exclusão de identidades culturais, por exemplo, a Raça e Etnia (ESMERALDA NEGRÃO, 1987), (REGINA PINTO, 1987), (VERA TRIUMPHO, 1987); a política do mercado e da produção do livro didático no país (OLIVEIRA, 1983b, 1983c), (ROSEMERI SILVA, 1983).

Há hoje, no Brasil, uma grande oferta de livros didáticos de estilos variados disponíveis no mercado, oferecidos ao público do Ensino Médio pela indústria editorial. O livro didático é um recurso do ensino, ligado a programas educacionais coerentes com a política pedagógica de cada escola, mas vinculado a uma política educacional maior, como a estabelecida pelo Governo Federal (com a LDB – Lei 9493-96 e os PCN/96). Procura subsidiar as matérias regulares do currículo escolar

(p. ex, no Ensino Fundamental, apenas as disciplinas oficiais: Português, Matemática, Ciências, Geografia, História possuem livros didáticos).

Desse modo, sua característica básica é ser utilitário ao ensino. Se considerarmos que as informações científicas estão constantemente sendo processadas e que a sociedade também se modifica, a atualização periódica é um aspecto permanente nos livros didáticos.

A partir de 1996, a Secretaria de Educação Fundamental (SEF) passou a coordenar a avaliação pedagógica dos livros didáticos utilizados na educação pública do país, criando o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD). Anualmente, critérios de avaliação definidos pelo PNLD são alterados em resposta às demandas educacionais. Visam três ações básicas: 1) avaliar os livros (ausência ou presença de preconceitos; legibilidade textual e visual; adequação dos textos literários; qualidade da apresentação visual e das ilustrações; qualidade de impressão e acabamento); 2) acompanhar a política do governo federal para esses livros; e 3) estudar o mercado editorial de didáticos.

O Dia Nacional do Livro Didático, no Brasil, é comemorado em 27 de fevereiro. Em 2005, nesta data, o MEC comunicou as últimas medidas que o Governo Federal tomou no sentido de garantir a qualidade e a distribuição de livros, dicionários ou obras literárias às escolas públicas: em setembro de 2004, o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE/MEC), órgão gestor do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), iniciou negociações com a Receita Federal e o Ministério da Fazenda visando à isenção tributária do PIS, Cofins e Pasep para os livros didáticos – ou seja, o mesmo tratamento fiscal dado aos livros técnicos e científicos. No final de novembro do mesmo ano, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva anunciou, em cerimônia no Palácio do Planalto, a isenção fiscal do livro no Brasil, que deixou de pagar aquelas contribuições. Uma medida que agradou editores, livreiros e escritores, considerada uma das decisões mais importantes para o mercado editorial brasileiro nos últimos anos.

O MEC, em 2004, criou o Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio. Em 2005, pela primeira vez, 1,3 milhão de alunas/os da primeira série do ensino médio de 5.392 escolas das regiões Norte e Nordeste recebeu 2,7 milhões de livros de português e matemática, num investimento de R\$ 38,4 milhões. Desde então,

observamos a ampliação dessas políticas, sendo, nos dias atuais, o livro didático distribuído para as escolas da rede pública de ensino, gratuitamente, contemplando todos os componentes curriculares.

2.2 O LIVRO DIDÁTICO COMO OBJETO DE INVESTIGAÇÃO

A indiscutível importância do livro didático no cenário da educação pode ser compreendida em termos históricos, através da relação entre este material educativo e as práticas constitutivas da escola e do ensino escolar. Esta importância é atestada, entre outros fatores, pelo debate em torno da sua função na democratização de saberes socialmente legitimados e relacionados a diferentes campos de conhecimento, pela polêmica acerca do seu papel como estruturador da atividade docente, pelos interesses econômicos em torno da sua produção e comercialização, e pelos investimentos de governos em programas de avaliação.

Bittencourt (2004) identifica, nas pesquisas sobre livros didáticos, no Brasil e no exterior, uma evolução no sentido de compreender este artefato cultural em sua complexidade. Estudos que privilegiavam a análise de conteúdo dos textos em termos dos valores e ideologias por eles veiculados foram sendo complementados por análises que relacionam estes aspectos às políticas públicas e a aspectos da produção do livro didático. Ainda segundo esta autora, as análises realizadas após os anos 80 caracterizam-se pela adição de perspectivas históricas e concentram o foco das investigações em questões relacionadas a processos de mudança e estabilidade de conteúdos no livro didático, bem como a sua própria permanência como suporte preferencial de comunicação de saberes escolares (BITTENCOURT, 2004, p.472).

No campo da Educação em Ciências, as investigações que têm o livro didático como objeto de investigação, tradicionalmente, concentram-se no inventário e discussão de erros conceituais. Vários estudos têm documentado graves falhas conceituais e imprecisões metodológicas e contribuído, juntamente com avaliações oficiais, para a melhoria da qualidade desse material (BIZZO, 1995; BRASIL, 2005).

Este esforço tem se mostrado instrumental tanto no aumento da acurácia conceitual quanto na eliminação de textos que veiculem preconceitos ou ponham em risco a segurança da/o aluna/o. No entanto, um levantamento dos trabalhos apresentados nos principais congressos da área entre 1997 e 2003 revela a desproporção entre o número de trabalhos que versam sobre a forma de apresentação dos conteúdos e aqueles que propõem ou relatam investigações acerca de outros aspectos relevantes para a compreensão da natureza, do papel e dos usos do livro didático de biologia, tanto em termos específicos, tais como sua linguagem, padrões de apresentação gráfica, práticas de utilização em sala de aula, quanto em termos mais gerais, como políticas para livros didáticos e ideologias veiculadas pelos textos (CASSAB; MARTINS, 2003).

Trabalhos que discutem os processos de seleção do livro por professoras/es ou que investigam aspectos do uso do livro didático no espaço escolar são, segundo Cassab (2003), exceções. Este quadro é confirmado pelas poucas revisões mais abrangentes disponíveis (FRACALANZA, 1992; FREITAG, 1997) e sugere importantes lacunas, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento de análises que contemplem e integrem dimensões inerentes e essenciais à problemática do livro didático, a saber, discursivas, históricas, políticas e econômicas.

Tem-se configurado, no entanto, uma ampliação do escopo do interesse de alguns/algumas pesquisadores/as da área de Educação em Ciências pelo livro didático, em especial, daqueles/as que vêm problematizar a questão do discurso nestes/destes materiais.

Segundo Nascimento e Martins, exemplos incluem investigações sobre práticas de leitura do texto verbal e imagético do livro didático (SILVA; ALMEIDA, 1998; MARTINS; GOUVÊA; PICCININI, 2005); leituras e critérios para escolha do livro por professores (CASSAB; MARTINS, 2003b); influências histórico-culturais nas representações que circulam no texto do livro (SELLES; FERREIRA, 2004); críticas acerca das visões de ciência veiculadas pelos livros didáticos (QUESADO, 2005); análises de imagens e ilustrações (MARTINS et al., 2004; CARNEIRO, 1997; OTERO; GRECA, 2004; FREITAS et al., 2004), reflexões sobre usos, práticas de escolha e representações do livro nos currículos e no ideário de professoras/es

(MEGID NETO; FRACALANZA, 2003); análises dos gêneros discursivos (BRAGA, 2003) e de aspectos retóricos subjacentes ao livro didático (NASCIMENTO, 2003).

Há, ainda, trabalhos que analisam o caráter multimodal do texto de livros didáticos (MARQUEZ; IZQUIERDO; ESPINET, 2003), caracterizações de diferentes gêneros de textos didáticos e científicos (MARTIN, 1992) e investigações que buscam integrar análises de aspectos de conteúdo, valores e práticas sociais na análise de livros didáticos (CLÉMENT et al., 2005).

2.3 A EDUCAÇÃO SEXUAL PARA A DIVERSIDADE E O PAPEL DO LIVRO DIDÁTICO NESTE CONTEXTO

Estudantes, em geral, apresentam uma grande resistência quanto à aceitação da homossexualidade. Com base nisso, Van de Ven (1994) sugere como forma de controlar a homofobia na sociedade, uma melhoria da qualidade da informação a este respeito, disponível nas escolas. Propõe-se que esta diretriz deva ser estendida à questão da repressão sexual sobre a mulher. No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 9.394/96 se dirige ao desenvolvimento da/o educanda/o, pautado no exercício da cidadania. No Título II, art. 3º, IV, enfoca o respeito à liberdade e o apreço à tolerância. Tal desiderato é reforçado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, que recomendam que a prática administrativa e pedagógica do sistema de ensino seja norteadada pela estética da sensibilidade, princípio inspirador não apenas do ensino de conteúdos ou atividades, mas uma atitude diante de todas as formas de expressão que deve estar presente no desenvolvimento do currículo e na gestão escolar. Tal estética não se dissocia das dimensões éticas e políticas da educação porque quer promover a crítica à vulgarização da pessoa, às formas estereotipadas e reducionistas de expressar a realidade, às manifestações que banalizam os afetos e brutalizam as relações pessoais.

Os livros didáticos têm representado, no sistema educacional brasileiro, o principal e até mesmo o único veículo através do qual as/os alunas/os tomam conhecimento da ciência. Segundo Freitag e colaboradores (1993), a trajetória do

livro didático no Brasil pode ser entendida em termos de três fatores: (1) Estudos não-sistemáticos sobre o tema; (2) Falta de legitimidade daqueles que controlavam os livros didáticos até meados da década de 1990, quando foi instituída, no contexto do Plano Nacional do Livro Didático, uma prática sistemática de avaliação dos livros por profissionais capacitados; e (3) Acreditividade do livro didático.

Estas/es autoras/es afirmam que, até há pouco tempo, o livro didático não tinha uma história, mas apenas uma sequência de decretos, leis e medidas governamentais e fazem críticas contundentes à qualidade dos livros didáticos brasileiros, tanto em relação ao aspecto teórico-metodológico quanto ao aspecto político-ideológico. Elas/es também criticam os conteúdos mal formulados e/ou inadequados para a realidade das/os alunas/os. Questiona-se, então, como se apresentam os temas sexualidade e educação sexual, assuntos permeados de controvérsias, nos livros didáticos brasileiros?

A este respeito Helena Altmann (2005), investigou a construção da Educação Sexual em escola municipal da cidade do Rio de Janeiro afirmando em suas considerações finais:

Os dados da pesquisa indicam a importância dos livros didáticos na educação sexual nas escolas. Amplamente utilizados no Brasil, são eles que introduzem concretamente e direcionam a abordagem do tema da sexualidade na escola. Neste sentido, especial atenção deve ser dada a esse suporte de ensino, seja pelos mecanismos de avaliação desse material, ligado ao MEC, que recomendam ou não os livros às escolas, seja pelas/os professoras/res quando escolhem o livro a ser adotado em sala de aula (p.167).

Segundo Tatiana Lionço (2008), os livros didáticos silenciam sobre a diversidade sexual e naturalizam a heterossexualidade e o binarismo de gênero. Ainda que nos livros não haja afirmações homofóbicas/lesbofóbicas, a afirmação da diversidade sexual como valor social permanece ausente nos materiais didático-pedagógicos. Ainda de acordo com esta autora, há dois desafios no reconhecimento de que a desigualdade de gênero deve ser combatida pela educação formal: o primeiro é romper o silêncio dos livros sobre a diversidade sexual; o segundo é encontrar mecanismos discursivos para apresentá-la em uma matriz de promoção da igualdade e da diversidade.

Cláudia Viana (2008) analisou que a inexistência de alusões explícitas aos homossexuais e/ou à homossexualidade nos modelos de família é um silenciamento sobre a diversidade sexual e os seus dados demonstraram que – apesar dos avanços decorrentes da abundância de imagens e exercícios voltados para a introdução de alguns aspectos para além dos padrões tradicionais de família – a ausência da diversidade sexual e, portanto, de famílias homoparentais nos livros examinados é expressão das relações de poder que sustentam um modelo ainda patriarcal e heterossexual de família. Além disso, a naturalização da heterossexualidade sustenta a possibilidade da homofobia/lesbofobia e a legitima ao excluir outras formas de família para além do modelo hegemônico.

Corpo, sexualidade e gênero como construções históricas, sociais e culturais são noções abarcadas para propor práticas que escapem a abordagens naturalistas tão comuns no ensino de Ciências, caracterizadas por aspectos higienistas, ascéticos e cartesianos. Os resultados indicam a necessidade de: (a) adoção de perspectivas histórico-culturais na abordagem dos temas relacionados à Educação Sexual (b) incorporar estudos sobre corpo, gênero e sexualidade às aulas de ciências para além da perspectiva biológica; (c) pensar atividades pedagógicas que discutam os processos de construção de noções como certo/errado, normal/patológico e bom/ruim, que muitas vezes são a base afetiva para que diferenças sejam tomadas como desigualdades em processos que favoreçam atitudes preconceituosas e discriminatórias; (d) estruturar abordagens diferenciadas para o trabalho com a EJA levando em consideração sua diversidade etária e especificidade cultural; (e) estimular discussões a respeito das influências sociais em assuntos tidos como íntimos.

O silêncio sobre diversidade sexual detectado nos livros didáticos é, antes, um reflexo do silêncio sobre o tema na legislação que sustenta o programa de distribuição de livros didáticos às escolas públicas. (ROGER RIOS & WANDERSON, 2009). Débora Dinis (2008) destaca a necessidade de maior espaço no currículo de formação em Pedagogia para discussão dos temas sexualidade e gênero. Em Margarida Santana (2009) é revelado os bastidores do processo de produção acerca dos livros didáticos, no qual são realizados estudos, pesquisas, reuniões, embates internos tudo isso sob um ambiente de pressões externas.

Para Gislene Guimarães (2006), a inclusão de pressupostos de outros modelos didáticos nos currículos e nos livros pode indicar, ainda, um momento de evolução no desenvolvimento profissional das/os professoras/es de Ciências, podendo constituir-se em espaço significativo de reflexão sobre a finalidade da educação e sobre as práticas cotidianas de sala de aula.

3 A CANTADA: DISCURSO, ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS E O LIVRO DIDÁTICO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO SEXUAL

A cantada faz parte do encantamento que seduz e estimula a continuar o diálogo, os olhares tácitos, a movimentações dos corpos como um texto a ser lido, conhecido e analisado. Assim, o livro didático nessa pesquisa se configura com este texto que é um artefato sociocultural com uma história que se revela conforme os contextos políticos e educacionais. Vamos, pois, adentrar neste assunto no tópico a seguir.

3.1 O LIVRO DIDÁTICO COMO UM ARTEFATO SOCIOCULTURAL

O livro didático é um artefato sociocultural, isto é, suas condições sociais de produção, circulação e recepção estão definidas com referência a práticas sociais estabelecidas na sociedade. Enquanto tal, ele possui uma história que não está desvinculada da própria história do ensino escolar, do aperfeiçoamento das tecnologias de produção gráfica e dos padrões mais gerais de comunicação na sociedade. De fato, ao longo dos anos nos quais o livro didático esteve presente no ensino de biologia, podemos perceber várias mudanças nos seus formatos que possuem relação com o acentuado crescimento do conhecimento científico, com os avanços tecnológicos que baratearam a editoração e com as diferentes políticas públicas para educação no Brasil, notadamente a ampliação da oferta da escolarização à população.

No caso do ensino de Ciências, os poucos manuais que continham exclusivamente informações identificadas com a ciência de referência cederam lugar aos numerosos livros atuais, nos quais mesclam-se textos culturais (notícias de jornal, histórias em quadrinhos etc.), exercícios propostos e resolvidos, sugestões de atividades para alunas/os e professoras/es. Esta mudança envolve também o

suporte de apresentação, na medida que versões impressas são acompanhadas por textos em mídia eletrônica (CD-ROM e conteúdos *on-line*) e acompanha tendências pedagógicas dominantes e novidades em termos de abordagens metodológicas.

Dados da literatura sobre análises de livros didáticos de ciências para a escola secundária documentaram e discutiram mudanças, tanto na concepção quanto no formato de apresentação destes materiais, que incluem um uso cada vez mais frequente de recursos visuais, sugestões de atividades a serem realizadas pelas/os estudantes, maior explicitação de relações entre conteúdos científicos e contextos do cotidiano, organização e estruturação interdisciplinar e referências a concepções alternativas, tipicamente possuídas por estudantes (MARTINS, 2000; 2002).

A definição de livro didático como artefato sociocultural, dentro de uma abordagem discursiva, expande as discussões sobre este para além dos estudos da indústria cultural e das relações com o mercado editorial, na medida que permite caracterizar os formatos dos livros didáticos com diferentes práticas discursivas. Assim, busca-se compreender os textos de ciências brasileiros contemporâneos nas suas relações com práticas locais, por exemplo, as demandas das situações comunicativas que se estabelecem entre professor/a e alunas/os em sala de aula, os critérios e procedimentos de escolha do livro didático pela/o professor/a, os espaços e tempos da escola, as condições materiais de trabalho escolar e com práticas mais remotas em relação à experiência cotidiana, tais como o planejamento e a implementação de currículos, a agenda de exames nacionais e de vestibulares e a avaliação do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD).

Assim, para além de componentes curriculares, os livros didáticos de ciências e biologia também representam elementos socioculturais, pois veiculam conhecimentos que contribuem para produzir identidades culturais. Essa produção dá-se através do discurso biológico, textual verbal e/ou imagético, o qual é considerado objetivo e imparcial, e, por isso confiável, o que lhe confere status de veracidade. Contudo, os conteúdos aí veiculados foram e ainda são produzidos sob o manto do positivismo lógico ou empírico ou de mecanismos materialistas ou idealistas, todos estes elementos estruturais do paradigma dominante, os quais doutrinam, através do modelo da racionalidade científica, o modo de fazer “ciência”.

É a partir desses discursos estruturantes que se concretiza a distinção sujeito/objeto e as derivadas desta: as distinções natureza/ser humano e ser humano/animal. Este modelo de racionalidade científica se distingue e se defende, através de limites que são policiados de modo ostensivo, “de duas formas de conhecimento não científico potencialmente perturbadoras e intrusas: o senso comum e as chamadas humanidades ou estudos humanísticos [...]” (SANTOS, 1987, p.21).

Através destas divisões, a ciência fora cercada de linguagem própria, como produto da objetividade e imparcialidade alcançadas pelo distanciamento sujeito/objeto, conferindo-lhe um caráter de isenção e conseqüente efeito de verdade. E é sob esta lógica positivista que a linguagem do discurso biológico se afasta da linguagem do senso comum e das humanidades. Dessa forma, para a linguagem biológica, o uso de termos populares (senso comum) em suas descrições é considerado inadequado. A ciência principal, segundo o paradigma dominante, compreende que deve haver uma desvalorização completa destes termos. E é, também, sobre essa compreensão da ciência que a proposta deste estudo encontra sua problematização.

Sendo assim, através da problematização em torno da objetividade/neutralidade, do distanciamento sujeito/objeto e da suposta isenção dos conhecimentos na ciência, reconhecemos a atual crise do paradigma dominante e concomitante a esta, sem importar, por hora, sua relação de causa e conseqüência, admitimos também a coexistência de um período de transição que aponta para um novo paradigma científico.

Desse modo e, com base nos sinais desta crise, sob a abordagem das representações de gênero, buscar-se-á a desconstrução dos discursos biológicos utilizados nos livros didáticos – os quais se materializam nos currículos escolares – por sinalizarem um colapso das distinções básicas entre sujeito e objeto. Aqui repousa o principal desafio desta proposta: utilizar um recurso analítico “incomum à ciência principal” – a desconstrução dos parâmetros que orientam a Educação Sexual através da desconstrução do próprio discurso biológico como sendo um discurso objetivo e imparcial, com *status* de verdade.

3.2 A CONJUNTURA DO LIVRO DIDÁTICO E DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO CAMPO DO CURRÍCULO: A ANÁLISE PÓS-ESTRUTURALISTA DA DESCONSTRUÇÃO DO DISCURSO

A problematização da constituição cultural das identidades de gênero e sexuais no currículo escolar baseia-se no estudo das representações dessas identidades nos livros didáticos de biologia e no processo de desconstrução do discurso. Na análise cultural, o conceito de representação sustenta-se nos estudos de Michel Foucault e, em especial, ao entendimento de discurso por ele formulado. Neste sentido, a análise do discurso biológico, faz-se sob a perspectiva da relação entre saber e poder, na qual, não há saber neutro (FOUCAULT, 2004). Para Michel Foucault, (2004 p.21), “todo saber é político, porque todo saber tem sua gênese em relações de poder”. Assim, questionar-se-á a objetividade e imparcialidade do discurso científico/biológico e do currículo escolar.

A posição pós-estruturalista afirma que a realidade é construída discursivamente. Para Silva:

Ver o currículo como representação significa expor e questionar seus sistemas de produção e invenção, suas regras, seus acordos, tornando explícita sua anatomia estrutural. O currículo não deve ser considerado como um registro puro e inquestionável da realidade. Ele é a criação linguística, discursiva, de uma realidade própria (SILVA, 2001, p. 65).

Dessa forma, consideramos que o currículo está presente e interferindo diretamente na vida de todos nós: educadoras/es, estudantes e comunidade mais ampla. Portanto, o campo do currículo que opera os conhecimentos, sobretudo, os que versam a sexualidade humana, nos ambientes escolares nem sempre é tranquilo, há um conflito contínuo e lutas entre os grupos culturais para fazer valer os seus interesses, conhecimentos e valores nos currículos que se desenvolve na escola.

Desse modo, para se combater a discriminação o (pre)conceito sexual, os quais são resultado direto do machismo/misoginia operantes na produção e divulgação do nosso conhecimento científico, faz-se necessário uma análise

epistemológica sociocultural da construção do conhecimento, científico ou não, a respeito da educação sexual e de como esse tema é tratado pelos currículos e livros didáticos de ciências e biologia.

Considerando a existência de elementos socioculturais nos componentes curriculares e nos livros didáticos de ciências e biologia, reprodutores de identidades culturais, há que se analisar os elementos discursivos a serem desconstruídos e edificados. Neste sentido, bastante valiosos são os estudos de Foucault e Derrida, ao apontarem para a (des)construção discursiva da realidade.

Para trabalhar a desconstrução na Educação Sexual, precisa-se pensar em seu sentido amplo, referindo-se a “qualquer análise que questione operações ou processos que tendam a ocultar ou olvidar o trabalho envolvido em sua construção social, tais como a naturalização, o essencialismo, a universalização ou o fundacionismo.” (SILVA, 2000a, p. 36).

Pensando, então nos artefatos didáticos como representações identitárias, tanto o currículo quanto o livro também devem ser vistos “[...] como texto, como discurso, como signo, como prática de significação”. (SILVA, 2001b, p. 65). Em sendo representações, precisam expor e questionar seus sistemas de produção, invenção e regras, arguindo sobre os efeitos que os referidos significados promovem no âmbito das políticas identitárias, como marcam as diferenças enquanto desigualdades e, por fim, quais condições históricas autorizam tal saber em detrimento de outro.

Portanto, além da análise junto aos livros didáticos, torna-se necessária à discussão em torno do currículo como resultado de relações de poder, compreendendo que dessas relações são produzidas desigualdades e hierarquias, cristalizadas pela resistência.

FASE 2 – ATENÇÃO E CUIDADO PARA PROPORCIONAR PRAZER

O prazer faz parte da natureza humana e do bem-estar de mulheres e homens e requer cuidado, atenção, construção cotidiana e desconstrução de tabus e mitos. Conforme, sinaliza Afonso Santana

“[...] Quantas letras estranhas, estrangeiras nesse corpo? Como achar o ponto G na cartilha de um corpo? Quantas novas letras podem ser incorporadas nesta interminável e amorosa alfabetização? Movidó pelo amor, pela paixão pode o corpo falar idiomas que antes desconhecia. (SANT'ANNA, 2011, p.1).

Assim, no jogo da sedução e na busca dos pontos G, há vários caminhos, materiais e métodos, através dos quais respondemos ao ‘como fazer’. Neste estudo investigativo, no Capítulo 3, apresentamos a itinerância metodológica.

4 O CAMINHO PARA O ORGASMO: COMO FAZER? – MATERIAIS E MÉTODOS

Uma das grandes questões da Educação Sexual no contexto do mestrado profissional refere-se aos limites e às possibilidades de uma intervenção eficaz, ou seja, a concretização de propostas direcionadas à realidade particular de cada escola. As aulas desenvolvidas sobre o tema sexualidade, de acordo com Nelson Vitiello (1997), devem ser ministradas por meio de metodologia participativa e dialógica, baseada na realidade sócio cultural, desenvolvida com criatividade intimista e lúdica. Tendo em vista o exposto, é relevante que a/o professor/a-pesquisador/a trabalhe de forma atrelada à sua realidade e que ofereça alternativas para transformar o tema Educação Sexual em conteúdo de ensino, a partir da sua

própria vivência regional, uma vez que o tema mobiliza as mais variadas questões advindas da cultura, da ciência e da religião.

Diante disso, para alcançar os objetivos propostos esta pesquisa foi delineada e conduzida em três afazeres inter-relacionados conforme a figura 1, quais sejam:

- Pesquisa exploratória, na qual foram aplicados questionários à discentes da Educação Básica;
- Ateliê de pesquisa formativo, no qual foi realizada intervenção no campo da pesquisa;
- Pesquisa analítica, na qual foram analisados livros didáticos de biologia.

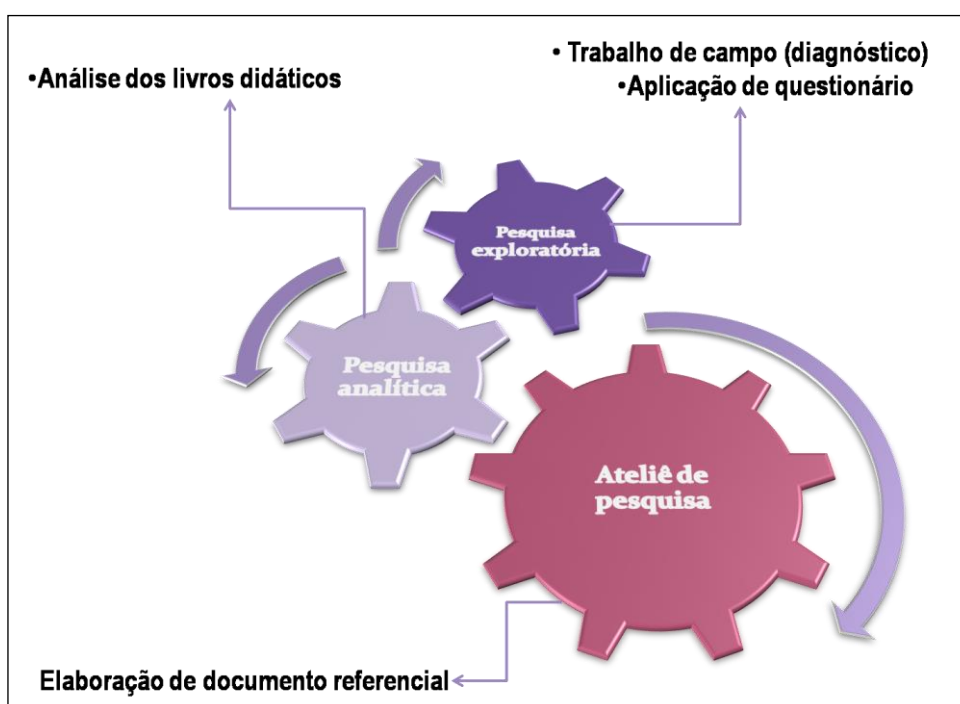


Figura 1 - Delineamento metodológico.
Fonte: Elaborado pelo autor.

Na experiência de se descobrir as zonas de prazer faz-se necessário explorar cada uma delas, assim, num encontro entre os sujeitos da pesquisa, buscamos identificar e levantar informações que nos permitiram descobertas, as quais estão diretamente ligadas aos nossos objetivos da pesquisa conforme descrito a seguir:

4.1 DESCOBRINDO AS ZONAS DE PRAZER: A PESQUISA EXPLORATÓRIA

A pesquisa exploratória teve o objetivo de realizar levantamento sobre a importância, o lugar e o papel do livro didático de biologia na práxis pedagógica da Educação Sexual, identificar os principais desafios, dogmas e tabus acerca da Educação Sexual e ainda traçar os perfis dos sujeitos da pesquisa.

Para tanto, foram aplicados questionários (APÊNDICES A) a discentes da rede pública de ensino da cidade de Jacobina – BA.

Brinquedos Sexuais: os Instrumentos da Pesquisa Exploratória

O brincar historicamente acompanha a pessoa humana em distintas fases da vida e desperta na imaginação criativa novos conhecimentos e formas de ser e agir no mundo. Recordar a máxima aristotélica significa compreender que

“não há compreensão possível para o homem sem imaginação. A imaginação como faculdade mediadora entre o sensível e o inteligível, entre a forma e intelecto, entre o objetivo e o subjetivo, o corporal e incorporeal, exterior e interior – quebra de fronteiras e de hierarquias entre o objetivo e subjetivo, essência e aparência, real e imaginário. [...] está ligada à capacidade produtiva da linguagem. Assim como a linguagem, produz realidade. A incrementa e a transforma. (LARROSA , 2002, p.135).

Neste sentido, realizar, intervir e produzir uma educação sexual na educação básica se reveste de profunda imaginação para construir outros sentidos para a existência humana em que mulheres e homens, jovens e crianças com os seus corpos se expressem no mundo.

Nesta pesquisa, os brinquedos sexuais são os instrumentos da pesquisa que, foram utilizados adequadamente, para atender as escolhas do objeto de estudo e seus objetivos, conforme requer a natureza da pesquisa qualitativa. Assim, é preciso novos olhares para a pesquisa em educação, deixando claro que todo método e todo instrumento possui vantagens e limitações, mas que se bem

explorado pelo/a pesquisador/a, poderá sim, potencializar seus usos e, através deles, chegar a vários gozos (resultados e achados da pesquisa).

Pressupostos Teóricos-Methodológicos da Aplicação de Questionários

As pesquisas quanti-qualitativas, voltadas ao cotidiano escolar, vêm oferecendo subsídios para analisar, repensar e reconstruir o saber didático. Para Maria Estrela; Isabel Madureira & Teresa Leite (1999) a aplicação de questionário é a técnica mais frequentemente utilizadas em análise de necessidades e de dificuldades na área da educação. As vantagens do uso do questionário relacionam-se ao fato de sua utilização permitir, em pouco tempo, atingir populações maiores e possibilitar o tratamento estatístico da informação. Portanto, para a realização dessa atividade investigativa, utilizamos como técnica de levantamento de dados um questionário para discentes (APÊNDICE A), constituído de oito questões (sendo duas questões abertas e seis questões semiabertas) possibilitando as/os professoras/es e as/os estudantes exporem suas opiniões livremente.

Vale ressaltar que foi solicitada a permissão da direção do colégio para o desenvolvimento da pesquisa. A aproximação com os participantes da pesquisa foi feita de forma coletiva em sala de aula pelo próprio pesquisador, através da sua apresentação pessoal e da presente pesquisa. Dessa forma, antes da aplicação dos questionários, os objetivos da pesquisa foram explicitados e foi feito o convite para a participação junto à mesma. Os participantes foram informados a respeito do direito à privacidade e à preservação do anonimato e foi reafirmado o direito à liberdade de não participar da mesma. Na ocasião, foi obtida a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido das/os concordantes em participar da pesquisa (ANEXO 1), em cumprimento à Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que trata sobre a pesquisa envolvendo seres humanos. A abordagem às/aos participantes se deu através da entrega dos questionários e dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido individualmente.

Caracterização e Composição da Amostra para o Trabalho de campo (Pesquisa Exploratória e Ateliê de Pesquisa Formativo)

O ensino médio no município de Jacobina é ofertado, prioritariamente, pela rede estadual de ensino, a qual é composta por quatro colégios estaduais – dentre os quais três estão localizados na sede urbana (Centro Educacional Deocleciano Barbosa, Centro de Ensino Profissional em Gestão de Negócios Felicidade e Colégio Estadual Luiz Eduardo Magalhães) e um no distrito do Junco (Colégio Estadual de Junco) – e mais cinco anexos desses colégios localizados nos distritos pertencentes a referida cidade. Além desses, a rede estadual de ensino em Jacobina possui ainda, na sede urbana, a APAE e duas escolas (Escola Estadual Frei José da Encarnação e Escola Estadual Padre Alfredo Haasler), no entanto essas escolas ofertam apenas o ensino fundamental. Complementa, ainda, a oferta de ensino médio em Jacobina, o Instituto Federal da Bahia (IFBA) e o Centro Noturno de Educação da Bahia. Este último funcionando nas dependências da unidade escolar do Centro Educacional Deocleciano Barbosa.

Código UEE	Unidade Escolar
1178712	Anexo – Luís Eduardo Magalhães – Col. Est. Mod. – Dist. Lages do Batata
1179326	Anexo do Colégio Estadual Modelo Luís Eduardo Magalhães – Dist. Caatinga do Moura
1179327	Anexo do Colégio Estadual de Junco
1178711	Anexo – Colégio Estadual de Junco – Dist. de Cachoeira Grande
1178713	Anexo – Colégio Estadual de Junco – Distrito Itaitu
1158165	APAE de Jacobina
1121962	Centro Educacional Deocleciano Barbosa de Castro
1176100	Centro Est. de Ed. Profissional em Gestão e Negócios do Cent. Baiano Prof. Felicidade de Jesus Magalhães

1179308	Centro Noturno de Educação da Bahia – CENEB de Jacobina
1158157	Colégio Estadual de Junco
1178094	Colégio Estadual Luís Eduardo Magalhães
1122209	Escola Estadual Frei José da Encarnação
1121954	Escola Estadual Padre Alfredo Haasler

Quadro 1 - Composição dos estabelecimentos da rede estadual de ensino do município de Jacobina-BA. Fonte: Elaborado pelo autor.

Contudo, para escolhermos o colégio no qual realizamos o trabalho de campo, portanto, o nosso universo da pesquisa, baseamo-nos nas observações de que 70% da população de Jacobina estão alocadas em domicílio urbano (Gráfico 1), que seguindo esta tendência 74% das matrículas iniciais da rede pública do médio também são em domicílio urbano (Gráfico 2) e, ainda, na observação de que dos treze estabelecimentos de ensino que Jacobina-BA possui, doze estão em domicílio urbano, dos quais seis são da rede pública de ensino, sendo que destes seis, quatro são da rede da dependência administrativa estadual. Assim, podemos concluir que a população, assim como o número de matrículas e o número de estabelecimentos do ensino médio de Jacobina-BA é majoritariamente urbano.

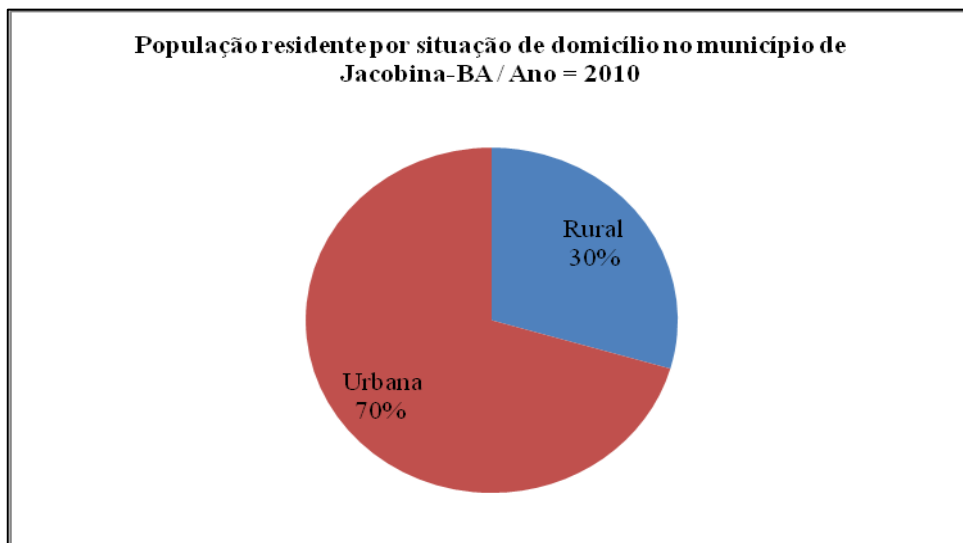


Gráfico 1 - Distribuição da população residente em Jacobina-BA por situação de domicílio. Fonte: IGBE/Censo Demográfico (2016).

Além disso, ao voltarmos nosso olhar para a amostragem de docentes que iria compor a pesquisa exploratória, observamos que 90% das/os professoras/es do ensino médio de Jacobina-BA, estão lotadas/os em domicílio urbano e, notamos ainda, que todas/os as/os professoras/es da dependência administrativa estadual no ensino médio também estão lotadas/os em domicílio urbano.

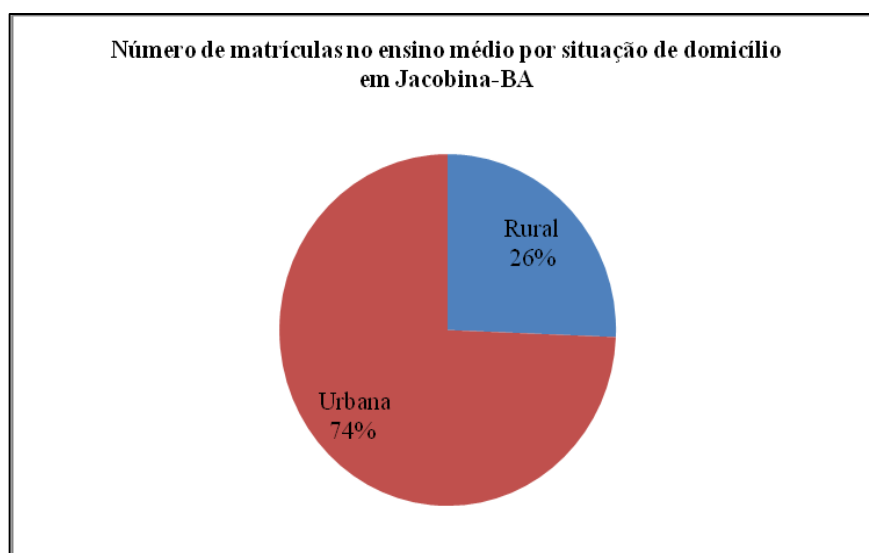


Gráfico 2 - Distribuição de matrículas no ensino médio por situação de domicílio em Jacobina-BA. Fonte: IGBE/Censo Escolar (2016).

Diante deste cenário concluímos que deveríamos selecionar um colégio na sede urbana e, após contatos iniciais com os três colégios da sede urbana

selecionamos o Colégio Estadual Luiz Eduardo Magalhães pelos seguintes motivos: a) apoio e interesse da direção em capacitar os suas/seus docentes; b) interesse de parte das/os professoras/es em participar do ateliê; c) o colégio Modelo não oferta turmas no turno vespertino, de modo que este turno é utilizado pelas/os professoras/es para a prática das atividades complementares (AC) e, então, as/os mesmas/os se dispuseram e sugeriram a realização do ateliê durante estes encontros.

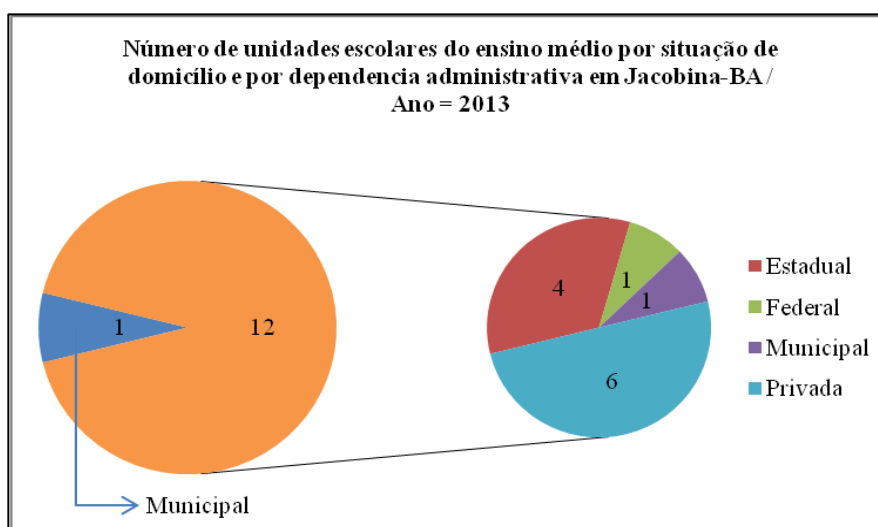


Gráfico 3 - - Distribuição de unidades escolares por situação de domicílio e por dependência administrativa. Fonte: IBGE/Censo Escolar.

Destarte, adotamos como critério de inclusão para a composição da amostragem de discentes para a aplicação dos questionários, as/os estudantes que estiverem regularmente matriculados na segunda série do ensino médio no colégio selecionado. A escolha pelo segundo ano se deve ao fato de que, geralmente, os temas ligados à Educação Sexual nos livros didáticos de biologia são abordados nessa etapa de ensino.

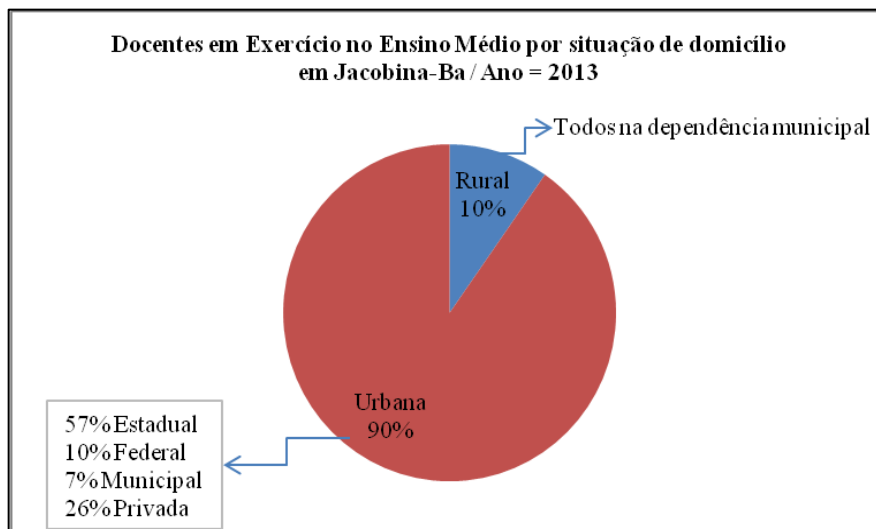


Gráfico 4 – Distribuição de docentes por situação de domicílio.
Fonte: IBGE/Censo Demográfico (2016).

Para a amostragem de docentes, serão inclusos na pesquisa professoras/es de quaisquer disciplinas do colégio selecionado para a realização do trabalho de campo. Optamos por esse critério de inclusão, haja visto as recomendações dos diversos documentos políticos da educação para o tratamento transversal da orientação sexual pelas diversas disciplinas, a exemplo dos Parâmetros Nacionais Curriculares.

Serão excluídos da pesquisa as/os participantes que responderem inadequadamente os questionários de forma a impossibilitar a interpretação das respostas.

A seguir apresentaremos como construímos e analisamos e como sistematizamos os achados na fase da pesquisa exploratória:

Análise e Sistematização dos Achados da Pesquisa Exploratória

Para a organização dos achados da pesquisa através a aplicação dos questionários, foi feito o levantamento/análise dos dados através do método quanti-qualitativo e os resultados da pesquisa foram apresentados na forma de tabelas e/ou

gráficos. Os achados foram analisados, inter-relacionados e discutidos mediante revisão de literatura.

4.2 ATELIÊ DE PESQUISA

Como trata-se de uma pesquisa de Mestrado Profissional voltado para a Educação Básica, este estudo realizou intervenção no campo de pesquisa através de atividades em formato de *Ateliê de Pesquisa Formativo*⁷, com o intuito de proporcionar um espaço privilegiado para o questionamento, favorecer a desmistificação de preconceitos, reavaliar as informações distorcidas e promover uma reflexão crítica sobre os temas ligados à Educação Sexual, ou seja, uma formação que tem como centralidade a pesquisa como princípio formativo e cognitivo.

O Ateliê foi composto por docentes do colégio selecionado. Com o objetivo de promover a análise do discurso e subsidiar a análise dos livros didáticos, buscamos a participação direta das/os sujeitas/os envolvidas/os nas discussões, de forma a considerar, na abordagem proposta para análise, as visões das professoras, dos professores, das alunas e dos alunos que contemplem as diferenças e diversidades inerentes às questões de gênero e à Educação Sexual.

4.3 ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS

Para a análise do discurso textual e/ou imagético dos livros didáticos de biologia para o ensino médio selecionamos os livros aprovados pelo PNLD e utilizados pelas três escolas da rede estadual de ensino de Jacobina-BA, os quais

⁷ Nossa concepção de Ateliê de pesquisa se alicerça na compreensão de um espaço formativo em que se tece coletivamente, portanto, colaborativamente. É o lugar como espaço-tempo formativo auto formativo, cujo trabalho será produzido por pessoas/profissionais com vontade de criar e, onde se pode experimentar, manipular e produzir produtos resultantes da pesquisa como princípio educativo, cognitivo, formativo, colaborativo e de reflexão/avaliação constante sobre a prática pedagógica.

figuram entre os livros mais distribuídos no Brasil e na Bahia, segundo relatório disponível no site do FNDE (dado não mostrado).

Sistematização da Análise dos Livros Didáticos

Esta fase foi desenvolvida em três etapas. Na 1ª etapa, foi realizada a seleção dos livros didáticos de biologia, conforme os critérios previamente definidos. Na 2ª etapa, realizamos a análise do material sob a perspectiva teórico-metodológica já apresentada, identificando os conteúdos referentes à Educação Sexual. Os conteúdos relativos ao objeto de estudo foram identificados nos capítulos dedicados especialmente ao tema. Na 3ª etapa foram organizadas as informações e discussões sobre as temáticas que foram definidas com base nos achados dos questionários e nas discussões acontecidas no ateliê de pesquisa formativo, conforme descrito no item 4.2.

Para tanto, fez-se necessários atendermos aos protocolos éticos para realização da mesma, considerando as vantagens e os riscos que toda pesquisa pode vir a causarem humanos.

4.4 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

O presente projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estadual de Feira de Santana (UEFS) para apreciação dos procedimentos metodológicos e éticos que envolvem a participação de seres humanos, quais sejam: questionários, Consentimento Informado (CI) e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e demais documentos que se fazem necessários para a condução ética desta pesquisa. Todas/os as/os participantes deste estudo assinaram o TCLE (Anexo 8). Este documento confere ao sujeito da pesquisa e/ou seu representante legal uma síntese sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios

previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar. A assinatura deste termo garante a participação voluntária no referido trabalho.

FASE 3: AFLORAMENTO DO PRAZER

Descobrir o que nos proporciona prazer, bem-estar, alegria é um dos possíveis caminhos para aflorar em cada pessoa humana prazeres mais intensos, menos intensos ou desprazer. Para tal, neste estudo investigativo um dos objetivos foi descobrir as necessidades, demandas, desejos das/os sujeitas/os da pesquisa, a fim de fazer da ciência uma ação intencionalmente prazerosa, política, desconstruindo mitos e tabus acerca da Educação Sexual na Educação Básica. Nesta perspectiva, o Capítulo 4 apresenta, a partir das/os amantes da pesquisa e das/os sujeitas/os envolvidas/os, os desafios da Educação Sexual na Educação Básica, em especial no Ensino Médio da rede pública de Jacobina-BA, considerando a imersão no campo e os tensionamentos e achados que dele emergiram, caracterizando o cenário da temática abordada – Educação Sexual na escola.

5 COM CARINHO: NECESSIDADES, POSSIBILIDADES E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO SEXUAL SEGUNDO AS/OS AMANTES DESTA PESQUISA

Este capítulo apresenta um estudo cujo objetivo foi investigar as necessidades, as possibilidades e as dificuldades das/os docentes e discentes de Jacobina-BA para trabalhar a Educação Sexual na escola. Os dados foram construídos a partir da análise de questionários respondidos por professores/as e estudantes do segundo ano do Ensino Médio do Colégio Luís Eduardo Magalhães da cidade de Jacobina-BA. Os resultados aqui apresentados foram utilizados como base para a elaboração e realização de *Ateliê de Pesquisa Formativo* e para a análise dos livros didáticos.

5.1 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

Apesar da existência, atualmente, de experiências de implantação de programas de Educação Sexual nas escolas brasileiras, com espaço optativo ou com espaço específico, incluído no horário regular das aulas, ainda assim faltam programas nas escolas públicas ou, quando existem, geralmente são descontínuos e voltados para as patologias (CORRÊA, 2003). Uma das grandes questões da Educação Sexual, refere-se aos limites e às possibilidades de uma intervenção eficaz, ou seja, a concretização de propostas direcionadas à realidade particular de cada escola. As aulas desenvolvidas sobre o tema sexualidade, de acordo Vitiello (1997), devem ser ministradas por meio de metodologia participativa e dialógica, baseada na realidade sócio cultural, desenvolvida com criatividade intimista e lúdica.

Tendo em vista o exposto, é relevante que o/a professor/a trabalhe de forma atrelada à sua realidade e que ofereça alternativas para transformar o tema sexualidade em conteúdo de ensino, a partir da sua própria vivência regional, uma vez que o tema mobiliza as mais variadas questões advindas da cultura, da ciência e da religião.

Frente a essas considerações, o cenário parece convidativo à pesquisa, principalmente quando se trata de escolas públicas de cidades de médio porte com representatividade na comunidade bastante expressiva de alunas/os na fase da adolescência. Investigar as dificuldades das/os discentes e docentes em lidar com a educação sexual e buscar indicadores que auxiliem na sugestão de programas educativos orientados por princípios do pós-estruturalismo e da análise do discurso, da autonomia e alteridade mostra-se uma alternativa adequada para a viabilização da implantação da Educação Sexual na prática educativa dos professores.

Diante disso, neste trabalho foram investigadas e analisadas as necessidades, as dificuldades e as possibilidades das/os discentes e docentes da cidade de Jacobina-BA para lidar com a Educação Sexual nas escolas. Essa investigação é importante uma vez que a postura, a atitude e o conhecimento dos/as estudantes e das/os professores/as relacionado ao tema sexualidade irão influenciar decisivamente o comportamento e a formação de todos essas/esses sujeitas/os como cidadãos/os. Além disso, esses dados foram fundamentais para orientar a

elaboração e realização de ateliê de pesquisa e escrita de documento referencial, detalhados e descritos no capítulo 5, desta dissertação, voltados para essas/esses sujeitas/os.

5.2 DESENVOLVIMENTO METODOLOGICO

Esta etapa do estudo constituiu-se em uma pesquisa quali-quantitativa com associação de tratamento estatístico complementar para análise dos dados. Esta investigação foi mediada na perspectiva da pesquisa colaborativa. Acreditamos que a pesquisa-ação colaborativa seja uma das mais adequadas ao propósito das pesquisas cujos objetivos são o empoderamento das/os sujeitas/os para que como co-autores das pesquisas/atividades, deem continuidade as ações, mesmo com a finalização das atividades desenvolvidas pela universidade/pesquisadoras/es durante o tempo de duração da pesquisa.

Além disso, a pesquisa-ação colaborativa, possibilita que reduzamos a distância entre o saber e o fazer, a concepção e a execução, de modo a favorecer ações continuadas e sistêmicas entre os profissionais da educação básica e as/os pesquisadoras/es, bem como das redes municipais e estaduais para onde nossas ações estão centradas. As/os pesquisadoras/es encaminham as ações junto com as/os sujeitas/os da escola realizando a pesquisa com as/os profissionais, cujo protagonismo se revela nas ações tecidas em rede. Para aprofundar sobre pesquisas colaborativas dialogamos e nos inspiramos em Pimenta (2005), Michel Thiolentt (1986), Macedo (2006), Desgagné (1997), Fiorentini (2004), Magalhães (2004).

Realizamos levantamento de informações por meio de questionários, o qual nos permitiu a identificação de problemas que possibilitaram intervenções (ações educativas), em conjunto com as/os participantes, na tentativa de buscar caminhos para a resolução dos problemas. A abordagem qualitativa na análise dos resultados encontrados nos questionários focaliza o que as pessoas vivenciam e a forma como interpretam essas vivências, haja vista que não podemos penetrar no universo das/os educadoras/es e das/os educandas/os através apenas de números e

variáveis. Assim, buscamos trazer reflexões e elucubrações com base na literatura especializada sobre o assunto no que tange este tipo de análise.

Para alcançar o objetivo proposto, acreditamos ser necessário conhecer os significados, as dificuldades, as dúvidas e os anseios da nossa população de estudo. Nesse sentido, a escolha de um estudo de natureza quali-quantitativa apresentou-se como adequada, uma vez que, segundo Minayo (2000), a sua abordagem analítica preocupa-se com os significados das ações e das relações humanas.

5.3 PERFIL DAS/OS DISCENTES DO SEGUNDO ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE JACOBINA-BA

Os dados da TAB. 1 revelam o perfil das/os estudantes participantes da pesquisa. Das/os 75 discentes envolvidas/os nesta pesquisa, 61% são do sexo feminino e 39% do sexo masculino. A faixa etária das/os estudantes foi de 73% entre 14 e 17 anos. Fazendo uma análise desse dado, pode-se dizer que a idade nesta pesquisa pode ser um fator importante a ser considerado uma vez que a maioria delas/deles estão na faixa etária que compreende a adolescência, enquanto que as/os docentes apresentam faixa etária elevada. Das/os discentes investigadas/os, 45% pertencem à religião católica; 28% à religião evangélica. Dados da literatura mostram que as normas e os comportamentos ligados à sexualidade sempre foram influenciados por valores e princípios religiosos. Acredita-se que isso possa favorecer a disseminação de ideias repressoras e castradoras sobre a sexualidade e também pode estar relacionado com a resistência ou adesão de estudantes e professoras/es a programas pedagógicos voltados para a Educação Sexual (REIS; VILAR, 2004).

Tabela 1 – Perfil dos discentes envolvidos na pesquisa

Idade	%
14 - 17	73%
18 – 23	23%
> 24	4%
Sexo	%
Feminino	61%
Masculino	39%
Religião	%
Católica	45%
Evangélica / Protestante	28%
Nenhuma	17%
Cristã	7%
Espírita	1%
Ateísmo	1%
Domicílio	%
Urbano	92%
Rural	8%

Fonte: Elaborado pelo autor (2016)

5.4 A EDUCAÇÃO SEXUAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE JACOBINA-BA

Ao analisar os dados apresentados no gráfico 5, verificamos que 53% das/os estudantes pesquisados afirmam existir um trabalho de Educação Sexual sendo desenvolvido no colégio Modelo, enquanto que 47% relatam que não existe nenhum trabalho de Educação Sexual nas escolas que estudam.

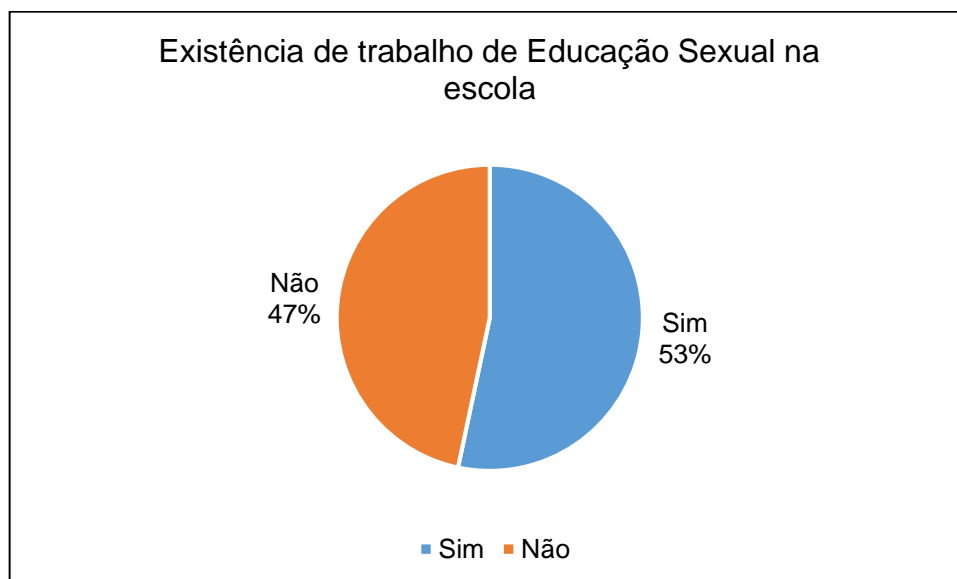


Gráfico 5 - Existência de trabalho de Educação Sexual na escola.

Quando se perguntou às/aos estudantes pesquisadas/os quais os tipos de trabalhos de Educação Sexual são desenvolvidos nas escolas em que atuam, 41% citam a realização de palestras e fóruns, 25% afirmam que não há qualquer tipo de trabalho sobre Educação Sexual em suas escolas e 20% não responderam e nenhum relatou haver o desenvolvimento de projetos pedagógicos.

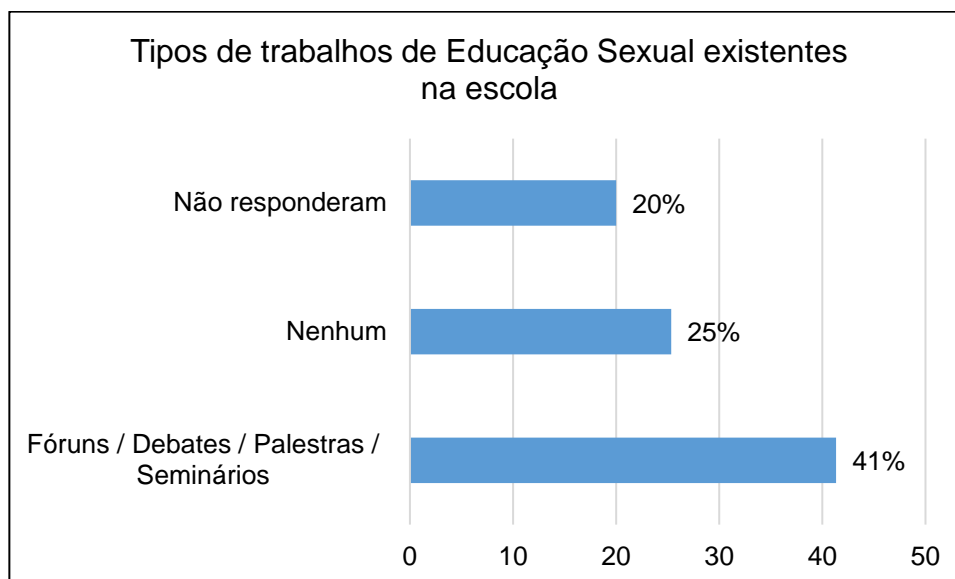


Gráfico 6 - Tipos de trabalhos de Educação Sexual existentes na escola.
Fonte: Elaborado pelo autor.

Quando questionados sobre a existência de professoras/es que lecionam sobre Educação Sexual, 85% das/os estudantes entrevistadas/os relatam que nenhum/a professor/a aborda esse tema e 15% responderam que sim (Gráfico 7). As/os estudantes também foram questionadas/os sobre quais as disciplinas que pertenciam as/os professoras/es que lecionavam sobre Educação Sexual e 7% responderam que eram da disciplina de biologia, 3% mencionaram história e 5% não responderam (Gráfico 8). Nenhum/a dos/as entrevistados/as relata (simultaneamente) que mais de uma disciplina ensinam sobre a Educação Sexual em suas escolas.

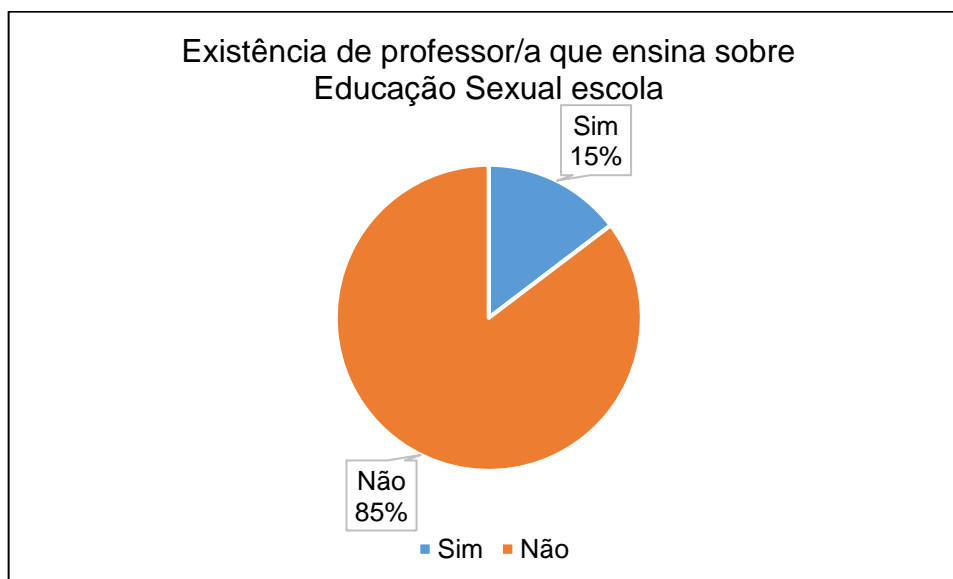


Gráfico 7 - Existência de professor/a que ensina sobre Educação Sexual.
Fonte: Elaborado pelo autor.

Esses achados indicam que a Educação Sexual não tem sido trabalhada nas escolas de Jacobina-BA e que, quando há algum trabalho, este está ligado ao campo das ciências biológicas. Isso deixa claro que, nas escolas pesquisadas, a Educa Sexual não está sendo trabalhada de forma íntegra como um tema transversal conforme proposto pelos PCNs. Esse dado, embora de suma importância, não é em si uma novidade, pois a vinculação da Educação Sexual às aulas de biologia e a adoção de uma perspectiva biológica de Educação Sexual já foi apontada – e criticada – por várias pesquisas (MEYER, 1998; OLIVEIRA, 1998; FURLANI, 2003; ROSISTOLATO, 2003; CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004).

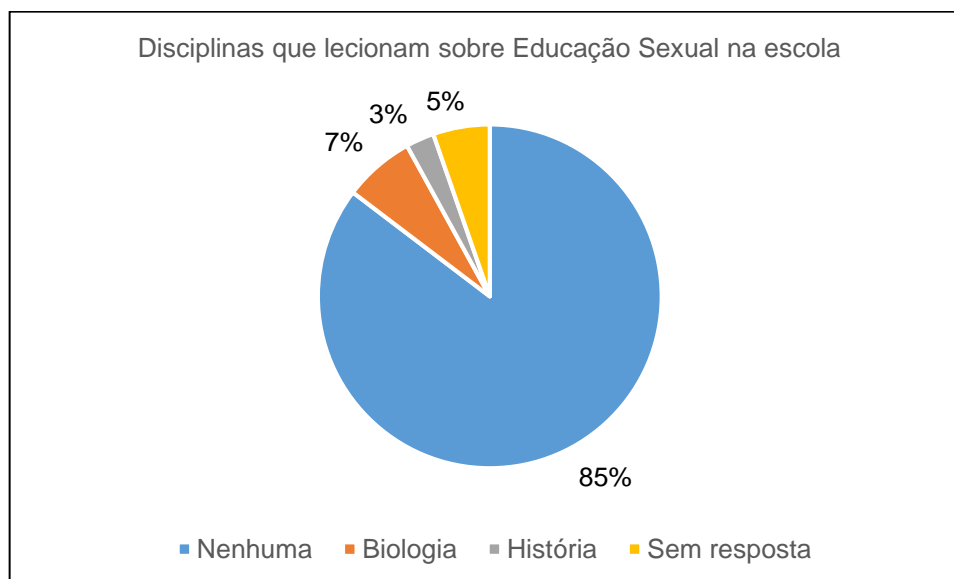


Gráfico 8 - Disciplinas que lecionam sobre Educação Sexual na escola.
Fonte: Elaborado pelo autor.

Sobre a participação de profissionais da área de saúde na Educação Sexual na escola, Vitiello (1997) comenta que, com relação a esta prática, sua opinião é de que a/o médica/o, o enfermeira/o, a/o psicóloga/o, a/o assistente social, quando fazem palestras em escolas, não estão exercendo verdadeiramente a educação sexual, mas, sim, funcionando como informadoras/es.

Nesse sentido, concordamos com esse autor supracitado e acreditamos que o trabalho de Educação Sexual na escola deve ser entendido como um processo sistemático e por isso não se resume a uma intervenção pedagógica como uma palestra ou a informações preventivas e, sim, deve ser elaborado e sobretudo, desenvolvido pela/a professor/a, pois é ele/ela quem conhece melhor e sabe as demandas dos suas/seus alunas/os, suas dúvidas e suas inquietações.

De modo a superar essa abordagem considerada restrita ao campo das Ciências Biológicas, parece fundamental a necessidade de investimentos na capacitação de todas/os as/os professoras/es, abrangendo a escola como um todo, para que mudanças neste cenário possam ser contempladas, pois conforme Silva (1997), o enfoque biológico na Educação Sexual tem concentrado a responsabilidade dessa tarefa às/aos professoras/es de biologia, as/os quais, por estarem sujeitas/os aos mesmos condicionamentos socioculturais, nem sempre conseguem corresponder às necessidades das/os alunas/os.

5.5 A EDUCAÇÃO SEXUAL NO COTIDIANO ESCOLAR DA/OS DISCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DA REDE ESTADUAL DE JACOBINA-BA

Em relação aos temas que as/os discentes entrevistadas/os acham importante abordar na Educação Sexual na escola, o gráfico 9 demonstra que 81% apontam as DSTs como o tema mais importante, 65% afirmam ser a prevenção e 64% apontam o aborto, seguidos de abuso sexual (56%), concepção e gravidez (56%) e sexualidades (53%).

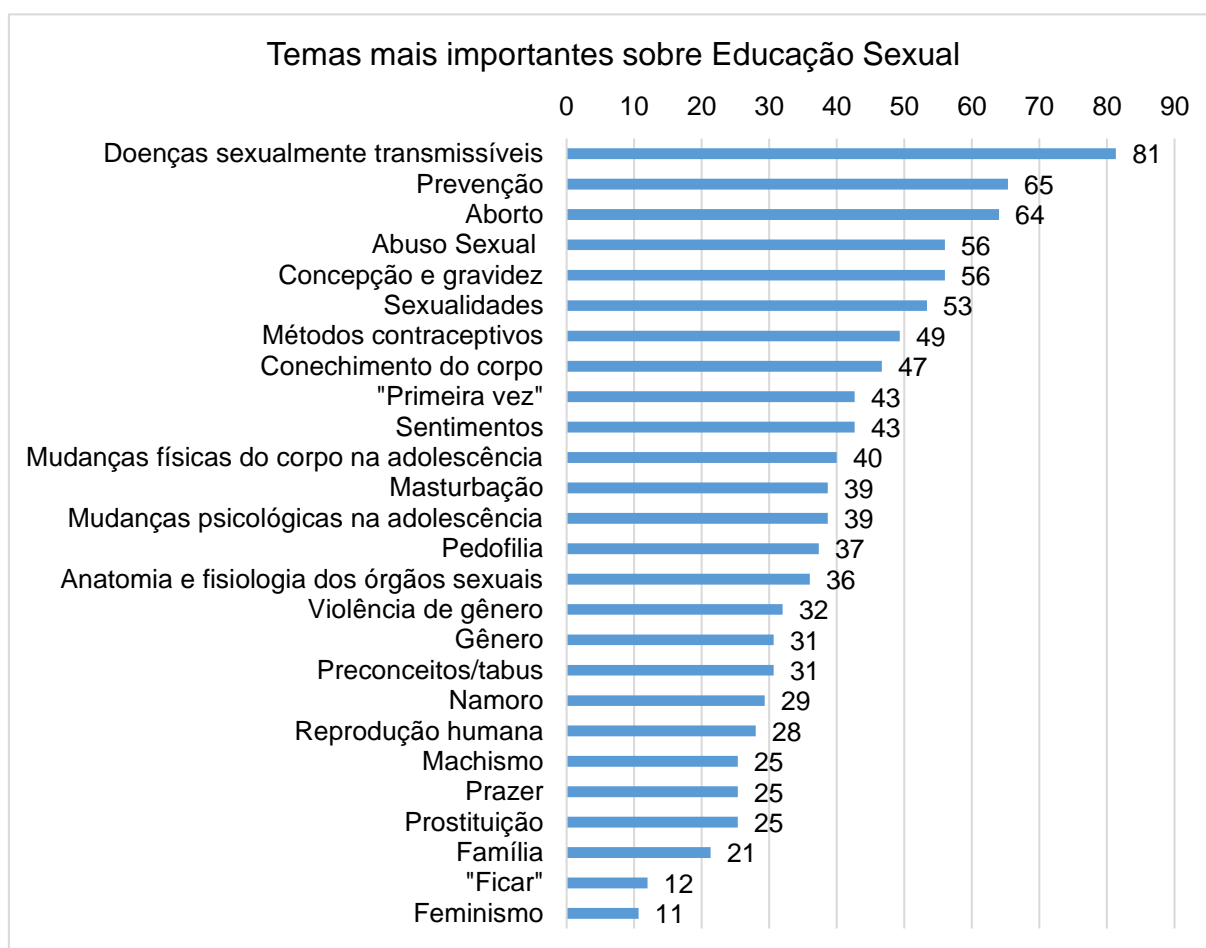


Gráfico 9 – Temas mais importantes sobre Educação Sexual.

Fonte: Elaborado pelo autor.

No que diz respeito às dificuldades encontradas pelas/os discentes investigadas/os ao falar sobre a Educação Sexual na escola, os dados do gráfico 10 mostram que 49% das/os estudantes pesquisadas/os revelam que é a timidez e o constrangimento a maior dificuldade e 37% afirmam ser a falta de material didático

específico. Os que afirmam ser a incompreensão dos pais uma dificuldade para tratar do assunto somam 29% e 26% apontam a incompreensão dos pais e a existência de preconceitos.

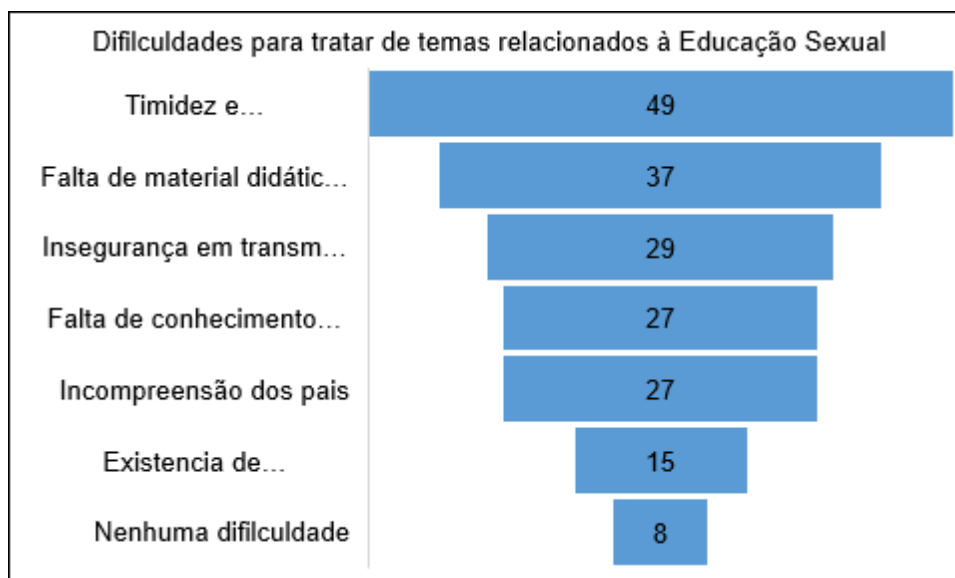


Gráfico 10 – Dificuldades para tratar de temas relacionados à Educação Sexual.
Fonte: Elaborado pelo autor.

Nesta pesquisa, a falta de materiais didáticos específicos sobre o assunto destaca-se como sendo uma das dificuldades mais importantes enfrentadas pelas/os docentes para a abordagem da Educação Sexual em suas instituições de ensino. Pedroso (1999), em pesquisa realizada com professoras/es de ciências das escolas estaduais de Botucatu (SP), constatou que, para a escola, a utilização de recursos didáticos é um dos aspectos principais para viabilizar o trabalho de Educação Sexual. Porém, segundo este estudo, os materiais presentes nas escolas são insuficientes e pouco diversificados.

Essa necessidade de materiais, mencionados pelas/os docentes deve-se ao fato de que abordar o tema sexualidade requer, além de diálogos e discussões, também algo que aproxime a/o aluna/o da realidade, tornando a aula mais proveitosa e dinâmica. Altmann (2003), em pesquisa realizada com professoras/es de uma escola estadual do Rio de Janeiro (RJ), constatou ser a falta de materiais adequados uma das principais dificuldades apontada por elas/es para o desenvolvimento de temas ligados à sexualidade.

Consideramos que os materiais didáticos são importantes e que seu uso auxilia o processo de ensino e de aprendizagem, mas, para isso, é preciso que o/a professor/a estabeleça um objetivo, procure aproveitar a maioria das possibilidades didáticas e esteja atento às limitações que o material pode apresentar. Nos trabalhos de Educação Sexual descritos na literatura especializada, notamos que os materiais mais utilizados são os visuais (quadro negro, cartazes, mapas, figuras, espécimes) e os audiovisuais (TV, vídeo). Esses e outros tipos de materiais podem ser utilizados como estimuladores ou desencadeadores da aula ou ainda como resultados da aula, sendo produzidos pelas/os próprias/os alunas/os e professoras/es evidenciando a aprendizagem. Apenas a existência do material didático não é a solução, pois o/a professor/a precisa saber utilizá-lo. Os materiais que abordam a sexualidade nem sempre trazem uma preocupação com as diversas dimensões que a compõe, assim o/a professor/a deve estar preparado para extrapolar os limites de um material, às vezes, simples e enriquecer as discussões (PEDROSO, 1999).

Outra dificuldade, apresentada pelas/os estudantes, de acordo com o gráfico 10, é que a incompreensão dos pais sobre o assunto dificulta o trabalho de Educação Sexual em suas instituições de ensino. Pode-se dizer que essa atitude paterna é resquício de uma sociedade conservadora, machista, sexista e heteronormativa, na qual falar de sexualidade, ou de sexo, como se diz no senso comum, era assunto para ser abordado em “casa” muito sorrateiramente e de preferência para os rapazes. Falar de sexualidade para as “meninas”, então, nem pensar, pois, os pais pensavam – e muitos ainda pensam – que as meninas não estavam preparadas, era cedo demais, e, caso a escola tentasse orientar, estaria ensinando coisa feia e errada. “Muitos adultos reconhecem sua incapacidade em enfrentar tais situações, mas tal reconhecimento, ainda que meritório, se não for acompanhado por uma atitude de superá-lo como impedimento, reduz-se somente a uma constatação inoperante.” (NUNES; SILVA, 2000, p. 118).

No que diz respeito aos recursos utilizados pelas/os discentes entrevistados, 59% revelam que já leram algum material sobre Educação Sexual, ao passo que 41% afirmam que não leram qualquer material sobre o assunto, revelando-nos alto índice de não leitores (Gráfico 11). Um achado que vale ressaltar foi a observação de que 100% das/os estudantes que afirmaram já terem lido sobre Educação Sexual

afirmaram também que buscaram este tipo de informação na internet (dado não mostrado).

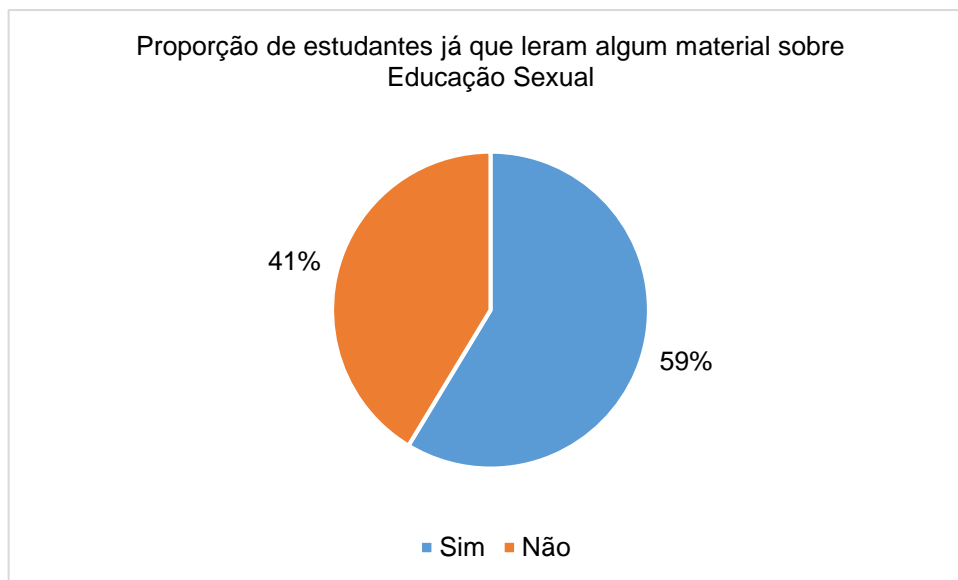


Gráfico 11 – Proporção de estudantes que já leram algum material sobre Educação Sexual.
Fonte: Elaborado pelo autor.

6 COM AMOR! ALCANÇANDO O ORGASMO – ATELIÊ DE PESQUISA FORMATIVO E ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS: O INÍCIO DE UM DOCUMENTO REFERENCIAL

A amorosidade apresentada pelo mestre Paulo Freire nos convoca a uma militância esperançosa revestida de vontade política e condições de trabalho para fazer florescer em cada docente e nas/os discentes envolvidas/os na pesquisa, ao dizer:

Não creio numa educação que não seja centrada na ecologia humana, nos atos de cuidado com a escola, com os docentes, estudantes, gestores, os materiais escolares, o pátio as paredes, as quadras, os corredores, fazendo de cada coisa, de cada objeto um cenário de aprendizado e respeito por mim, pelo outro, pela comunidade escolar, de modo a fazer deles, extensão de mim mesma. Revivendo a alegria, o dinamismo, e amorosidade de uma escola que encanta, porque é viva, e porque tenho por ela um sentimento de pertença como extensão de mim. (FREIRE, 1985, p45).

As vivências e investigações resultantes do Ateliê estão apresentadas neste capítulo.

6.1 ATELIÊ DE PESQUISA FORMATIVO EM EDUCAÇÃO SEXUAL

Neste capítulo, apresentamos o relato de experiência referente à intervenção realizada no colégio Modelo de Jacobina-BA, através da realização de *Ateliê de Pesquisa Formativo* em Educação Sexual para a formação/atualização de um grupo de professoras/es. O relato apresenta a experiência vivida com o grupo de professoras/es participantes do ateliê. Ele destaca determinados momentos dos encontros e privilegia a descrição dos principais temas abordados que serviram de referência para compreender o processo grupal participativo, bem como as expectativas, as representações e as prováveis mudanças da didática das/os professoras/es frente à vivência da Educação Sexual. Além disso, esta intervenção

serviu também como experiência para com a prática da desconstrução do discurso como metodologia didática para problematizar as questões de gênero e sexualidade na prática pedagógica docente.

Destarte, tendo em vista as características específicas do mestrado, quais sejam o aprendizado prático mais aprofundado do método científico como meio de construção do conhecimento e, em especial, do mestrado profissional – a obrigatoriedade da intervenção prática na docência – nesta pesquisa buscamos experimentar uma metodologia intervencionista que pensamos ser possível para uma transposição didática ao se lecionar sobre Educação Sexual. Assim, o nosso intuito não é o de utilizar a desconstrução do discurso como método (ou técnica) de análise de livros para classificá-los como adequados ou inadequados, bons ou ruins, mas sim para criticá-los e, assim, possibilitar a problematização das questões de gênero e sexualidade na prática pedagógica.

Desse modo, o que pretendemos é mais “dizer” a partir do livro didático e menos sobre ele, mas sem deixar de fazer as duas coisas. Assim, embora não intentarmos classificá-los, nesta pesquisa fazemos conclusões sobre os livros a partir da classificação dos mesmos pelo PNDL, todavia, para problematizar questões epistêmicas relacionadas ao processo de construção e divulgação do conhecimento científico no que se refere ao epistemicídio feminino a partir da análise dos livros.

Portanto, focamos em desenvolver uma metodologia que pudesse contribuir com o desenvolvimento profissional das/os docentes – por isso a obrigatoriedade da intervenção no mestrado profissional (no nosso caso o ateliê de pesquisa formativo e a análise dos livros didáticos de biologia). Assim, este estudo busca identificar elementos para uma abordagem da Educação Sexual que alicerce ações pedagógicas voltadas ao questionamento do determinismo biológico e o reconhecimento e respeito radical às diferenças de gênero, orientação sexual, étnico raciais, religiosas etc.

No item que se segue caracterizamos o lócus da pesquisa e suas/eus participantes, as/os quais atuaram como colaboradoras/es da pesquisa através do diálogo estabelecido durante os encontros no ateliê de pesquisa.

Caracterização do Local e dos Participantes da Experiência

O Ateliê de Pesquisa aconteceu com professoras/es do Colégio Estadual Luiz Eduardo Magalhães. A escolha dessa escola deveu-se às seguintes razões: a) apoio e interesse da direção em capacitar as/os suas/eus docentes; b) interesse de parte das/os professoras/es em participar do ateliê; c) o colégio Modelo não oferta turmas no turno vespertino, de modo que este turno é utilizado pelas/os professoras/es para a prática das atividades complementares (AC)⁸ e, então, as/os mesmas/os se dispuseram e sugeriram a realização do ateliê durante estes encontros.

Inicialmente, realizamos reuniões com a diretora e a vice-diretora do colégio a fim de estabelecermos um diálogo e um acordo quanto a realização do ateliê formativo em Educação Sexual. Esse diálogo inicial, em torno das necessidades da escola em relação à temática em questão, buscou a adaptação e a definição de um plano de trabalho. O estabelecimento dessa parceria foi muito importante para alcançar os objetivos propostos na pesquisa e necessária para o bom desenvolvimento e a organização dos encontros.

As estratégias e as metodologias utilizadas nos encontros estão descritas no quadro 2. Salienta-se que apenas os temas mais relevantes, segundo os achados dos questionários, foram trabalhados devido ao tempo reduzido para o desenvolvimento do ateliê. Assim, a partir das demandas da escola e das dificuldades apontadas pelas/os docentes e discentes (apresentadas no capítulo 4), foram discutidos os seguintes temas: a) Orientação Sexual na escola; b) Postura apropriada da/o docente para a prática na Educação Sexual; c) Mitos e tabus sexuais; d) Sexo, Sexualidade e Afetividade; e) Transformação do corpo; f) Preconceitos e Tabus; g) Namoro; h) Iniciação sexual; i) Gravidez na adolescência; j) Abuso sexual; l) Aborto m) Família e Educação Sexual.

⁸ A Atividade Complementar (AC) se constitui como um espaço/tempo inerente ao trabalho pedagógico da(a) professor/a, destinado ao planejamento e organização das atividades a serem realizadas individual ou coletivamente. É, também, um espaço/tempo de formação continuada, uma vez que nele discutem-se temas diversos da educação, há trocas de referências, de materiais de subsídio à práxis pedagógica, socialização de experiências, num exercício de constante aperfeiçoamento da organização do trabalho pedagógico. Para saber mais consultar. www.educacao.ba.gov.br. Jornada Pedagógica 2014. Acesso em 08 de julho de 2016.

ATELIÊ DE PESQUISA: DIÁLOGOS FORMATIVOS		
Esse plano de trabalho intitulado Ateliê de Pesquisa tem como centralidade as demandas definidas pelo grupo de docentes e discentes colaboradoras/es da pesquisa: A Educação Sexual nos Livros Didáticos de Biologia: uma abordagem no campo do currículo.		
OBJETIVOS DOS DIÁLOGOS FORMATIVOS	As temáticas apresentadas nesse Plano de Trabalho objetivam construir uma prática metodológica-analítica com o intuito de promover uma pedagogia crítica em Educação Sexual e ainda: (re)construção de conceitos, reflexão sobre a prática e a postura profissional diante das questões sobre a Educação Sexual, aplicação de conhecimentos e debater ideias e posições sobre os diversos temas polêmicos relacionados à Educação Sexual.	
PÚBLICO ENVOLVIDO	Professoras/es da rede estadual de educação da cidade de Jacobina-BA que lecionam em classes de 2º ano do Ensino Médio.	
ORGANIZAÇÃO DO TEMPO DE TRABALHO	O tempo de trabalho foi distribuído em 8 encontros de ateliê de pesquisa com 6 horas semanais de diálogos coletivos no espaço/tempo de 4 semanas durante um mês, sistematizado a seguir no item Encontros.	
A EDUCAÇÃO SEXUAL: UMA ABORDAGEM TEÓRICO / PRÁTICA		
ENCONTROS	I 28/04/16 2h	<ul style="list-style-type: none"> - Exibição do vídeo “Meu amigo Nietzsche” – duração 15 minutos. - Diálogo sobre o vídeo – duração 20 minutos. - Leitura de texto de Rubens Alves sobre escutatória – duração 5 minutos. - Diálogo sobre o texto – duração 20 minutos. - Realização da oficina “Acordo para o trabalho em grupo” – duração 1 hora. <p>Objetivo: validar, coletivamente, os objetivos que devem orientar o trabalho, visando favorecer a aprendizagem, o respeito as diferentes opiniões, a interação e a solidariedade entre as/os participantes.</p>
	II 30/04/16 4h	<ul style="list-style-type: none"> - Exibição do documentário “Pequenas Mulheres – A Puberdade Precoce” – duração 52 minutos. <p>Sinopse: Documentário sobre o fenômeno da puberdade precoce em meninas. Por meio de depoimentos de mulheres que já passaram por essa situação, o filme discute problemáticas relacionadas a Educação Sexual. Faz, também, uma ligação desse acontecimento com a exposição das crianças às redes sociais e à internet, além de abordar as consequências físicas, psicológicas e psicossociais destas jovens em razão da desconexão entre a maturidade física e a emocional.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Diálogo sobre o filme e a Educação Sexual na escola – duração 30 minutos. - Apresentação dos resultados dos questionários – duração 30 minutos.

	<ul style="list-style-type: none"> - Diálogo sobre os resultados apresentados – duração 30 minutos. - Intervalo – duração 20 a 30 minutos - Apresentação expositiva e dialogada sobre o livro didático no contexto escolar-curricular e os livros a serem analisados coletivamente, considerando a análise da abordagem na perspectiva pós-estruturalista (de desconstrução) – duração 1 hora e 20 minutos.
<p>III 05/05/16 2h</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação expositiva e dialogada de sistematização de análise de livro didático; - Apresentação dos resultados de pré-análise de livro didático de Biologia; - Diálogo sobre os resultados da pré-análise;
<p>IV 07/05/16 4h</p>	<p>- Apresentação do documentário “Clitóris – O prazer proibido” – duração 45 minutos. Sinopse: um das grandes desafios da sociedade é observar o conhecimento sobre a mulher em sociedade, sua sexualidade e sua liberdade. Esse documentário traz luz sobre a sexualidade da mulher, provocando a todas/os a se reinventarem diante de pesquisas profundas e reveladoras. Com depoimentos de médicas/os, educadores sexuais, estudiosas/os do comportamento e mulheres em geral, “<i>Clitóris, Prazer Proibido</i>” contesta a concepção religiosa e patriarcal de que sexo existe apenas para a reprodução. O documentário trata de educação sexual e explora o órgão cuja única função é proporcionar prazer às mulheres. Uma das entrevistadas é a médica Helen O’Connell, pesquisadora de Melbourne, na Austrália, considerada uma das especialistas em clitóris. Ela explica o funcionamento do órgão e afirma que não há um “ponto G”. A dra. Helen afirma também que o clitóris é maior do que se pensa e está diretamente ligado ao orgasmo feminino e traz a tona diversas problemáticas relacionadas a sexualidade e liberdade feminina.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Diálogo sobre o documentário exibido – duração 30 minutos; - Intervalo – duração 15 a 20 minutos. - Elaboração coletiva da matriz de análise que norteará o grupo para a atividade de análise coletiva de livro didático de biologia – duração 1 hora - Sistematização (escrita sistemática) dos resultados da análise – duração 1 hora - Combinação e organização da ordem de análise pelos docentes de livro didático de biologia (as análises das/os docentes devem levar em consideração os resultados apontados nos questionários).
<p>V 12/05/16 2h</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Estudo e diálogo sobre tema da Educação Sexual definido pelas necessidades e desafios das/os docentes e discentes apontados nos questionários – 1 hora e 20 minutos de exposição dialogada e 40 minutos de discussão.
<p>VI 14/05/16 4h</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Estudo e diálogo sobre tema da Educação Sexual definidos pelas necessidades e desafios das/os docentes e discentes apontados pelos questionários – duração 1 hora e 30 minutos. - Apresentação de uma das análises de livro didático de biologia – duração 40 minutos; - Intervalo – duração 20 minutos; - Apresentação de uma das análises de livro didático de biologia – duração 40 minutos; - Diálogo sobre os resultados apresentados – duração 40 minutos.

	VII 19/05/16	<ul style="list-style-type: none"> - Estudo e diálogo sobre tema da Educação Sexual definido pelas necessidades e desafios das/os docentes e discentes apontados pelos questionários – duração 1 hora; - Escrita sistemática e coletiva dos resultados apresentados no encontro anterior – duração 1 hora;
	VIII 21/05/16	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de uma das análises de livro didático de biologia – duração 40 minutos; - Diálogo sobre os resultados apresentados – duração 40 minutos; - Intervalo – duração 20 minutos; - Escrita sistemática e coletiva do conjunto de resultados obtidos ao longo dos oito encontros (passo inicial da elaboração de documento referencial descrevendo a prática de análise de livro didático como recurso pedagógico e os resultados obtidos desta prática) – duração 1 hora e 40 minutos; Encerramento – 10 minutos.
DINÂMICA (METODOLOGIA) DOS ENCONTROS		
<p>A dinâmica de trabalho será referenciada tendo como ponto de partida em cada encontro os saberes e experiências das/os docentes e dos discentes. Os dados emergentes dos questionários e das análises dos livros nortearão o nosso estudo e delinearão a formação de um/uma educador/a sexual crítico-reflexivo/a. Não propomos instrumentalizar o/a professor/a com excesso de informações biologizantes do sistema reprodutor humano, concordando com Larossa (2002) e Pimenta (1999) que o conhecimento não se reduz à informação, mas a sua relação com a experiência.</p> <p>Após levantamento das demandas apontadas pelo grupo definir-se-á coletivamente a sequência do estudo e planejamento das produções em campo para análise teórico/prática. As informações construídas previamente por meio de questionários para ajustar o planejamento de sala de aula funcionarão como “deflagrador” do primeiro diálogo formativo.</p>		
<p>A cada encontro as/os docentes colaboradoras/es registram em forma de síntese a experiência vivenciada pelo grupo e as possíveis aplicações práticas em classe do que foi estudado, bem como a partir dos conteúdos os elementos observáveis da Educação Sexual. Consideramos sempre como ponto de partida de cada encontro, a análise do livro didático no ateliê de pesquisa e as dúvidas que permeiam o planejamento e a organização pedagógica do trabalho docente no que toca o ensino de temas da educação sexual.</p> <p>As atividades de pesquisa desenvolvidas nos ateliês devem ter centralidade na reflexão das questões próprias das/os docentes e discentes, considerando que cada um tem peculiaridades na organização e execução do planejamento, as demandas individuais devem ser discutidas e estudadas numa dimensão científica, crítica e reflexiva e que possa subsidiar a/o docente no planejamento de intervenções.</p> <p>A pauta de cada encontro seguinte serão elaboradas de modo a atender as indagações das/os sujeitas/os participantes sinalizadas em um momento anterior aos encontros de estudos. Para a elaboração do documento referencial, realizaremos atividades em formato de <i>Ateliê de</i></p>		

Pesquisa, com o intuito de proporcionar um espaço privilegiado para o questionamento, favorecer a desmistificação de preconceitos, reavaliar as informações distorcidas e promover uma reflexão crítica sobre os temas ligados à Educação Sexual.

O Ateliê deverá ser composto por estudantes, professoras e professores de biologia, bem como de diversas disciplinas, os quais participarão da elaboração do documento referencial numa construção colaborativa.

Com o objetivo de promover a análise do discurso e subsidiar a elaboração do *Documento Referencial*, serão apresentados inicialmente nestas atividades, os resultados da pesquisa exploratória e da análise de uma sub-amostragem dos livros didáticos selecionados realizada pelo autor da pesquisa e, então, as/os docentes e discentes serão convidadas/os/desafiadas/os a analisarem os demais livros e a apresentarem seus resultados nos encontros subsequentes, conforme definido o cronograma e os eixos temáticos/subtemas que o coletivo considerar relevante para o trabalho com a educação sexual na educação básica. Durante os encontros do ateliê, o autor desta pesquisa, organizará e sistematizará os dados construídos nestas atividades, o que resultará no referido *Documento Referencial* preliminar a ser retomado nos dois anos de acompanhamento do lócus dapesquisa. Assim, buscaremos a participação direta das/os sujeitas/os envolvidas/os nas discussões, de forma a considerar, na abordagem proposta para o *Documento Referencial*, as visões das professoras, dos professores, das alunas e dos alunos que contemplem as diferenças e diversidades inerentes às questões de gênero e à Educação Sexual, numa perspectiva da epistemologia do sul ou pós-colonial, de forma a promover uma educação emancipatória e libertadora.

SOCIALIZAÇÃO DAS PRODUÇÕES DOS ENCONTROS

Os resultados das análises serão socializadas nos encontros já previamente previstos para tal (vide o item encontros). Vale ressaltar, que os resultados socializados em cada encontro serão organizados e apresentados em conjunto, compondo um documento referencial o qual será socializado também como produto da pesquisa do mestrado em questão.

AVALIAÇÃO FORMATIVA

A avaliação formativa tem seu foco no processo de ensino e aprendizagem. Alguns/algumas autores/autoras consideram que a avaliação formativa englobe as outras modalidades de avaliação já que ela se dá durante o processo educacional. Seu caráter é especificamente pedagógico. Assim, a avaliação será processual, coletiva e colaborativa considerando que o pesquisador é inexperiente na docência e que a aprendizagem é colaborativa.

Quadro 2 - Plano de formação do Ateliê de Pesquisa Formativo.
Fonte: Elaborado pelo autor.

Assim que o plano de trabalho do encontro foi estabelecido, incluindo a escolha dos temas a serem debatidos, a proposta de trabalho foi divulgada através de convites para todas/os as/os professoras/es de todas as áreas de ensino pertencentes à referida escola e estendido para funcionárias/os por sugestão das próprias diretora e vice.

Os encontros, com duração de 3 horas, coordenado pelo pesquisador, aconteceram na sala dos professores do Colégio Modelo e contou com a participação de 5 professoras/es, sendo a grande maioria do sexo feminino (4).

Desse modo, o ateliê foi um momento importante, pois, além de dar um retorno dos resultados da pesquisa às/aos entrevistadas/os, possibilitou que as/os participantes conhecessem e entendessem a realidade da Educação Sexual em sua escola e também entendessem as razões que nortearam a pesquisa e a realização do encontro.

Durante os estudos promovidos nos encontros do ateliê de pesquisa as/os docentes perceberam, evidenciaram e concluíram sobre a necessidade de reflexão e discussão constante sobre a atitude dos pais em relação à Educação Sexual na escola, já que foi uma dificuldade manifestada pelas/os discentes investigadas/os em abordar os temas relacionados à Educação Sexual. Assim, durante um dos encontros as/os docentes debateram ideias de projetos pedagógicos voltados para a Educação Sexual que incluíssem atividades voltadas para os pais e mães das/os estudantes a fim de se fazer uma sondagem para que possam identificar quais são as dúvidas, os sentimentos, os preconceitos, os valores e os tabus manifestados nos mães e nos pais ou responsáveis em relação ao tema da sexualidade e da afetividade.

Neste sentido, esse estudo deixou evidente a necessidade de investimento em ações com o objetivo de fomentar e promover a Educação Sexual de forma sistematizada e permanente na escola, haja vista que durante as discussões ocorridas no ateliê as/os professoras/es arguíram e concluíram que não possuíam formação e preparo adequados para lidar com os assuntos relacionados a este tema e que nem mesmo a escola estava preparada para isso.

Assim, pretendemos, a partir dos dados levantados nesta pesquisa, construir materiais e promover ações educativas elaboradas a partir das suas dificuldades, necessidades e possibilidades no sentido de tornar a escola preparada e as/os profissionais bem informadas/os e capacitadas/os, ampliando a compreensão sobre o tema sexualidade, revisando valores, aprofundando conceitos e instrumentalizando, possibilitando assim, a construção de uma postura profissional consciente da importância de sua atuação na área da sexualidade. Também existe uma necessidade de sensibilização de mães e pais das/os alunas/os e da comunidade em geral de que fazer a Educação Sexual não significa um incentivo à iniciação sexual, mas, sim, preparar as/os adolescentes para uma sexualidade responsável.

6.2 ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA

Neste item apresentamos os resultados das análises da abordagem da Educação Sexual nos livros didáticos de biologia. Para isso, selecionamos os livros utilizados pelos Colégios Estaduais de Jacobina-BA, os quais são aprovados pelo PNLD e distribuídos gratuitamente para as escolas públicas de todo o Brasil. Além disso, vale ressaltar que estes livros figuram entre os mais distribuídos no Brasil e na Bahia, conforme relatório do FNDE (não mostrado).

No livro didático A⁹, a unidade 5 – O ser humano: evolução, fisiologia e saúde dividem-se em quatro capítulos, sendo o capítulo 34 que aborda o tema sexualidade com o título Fisiologia humana IV: controle hormonal e reprodução. Já o

⁹ Por questões didáticas os livros foram identificados alfabeticamente

livro B traz no título do capítulo 34 a temática da Reprodução na unidade V que aborda a Anatomia e Fisiologia Comparada dos Animais. E a reprodução humana é o subtítulo 3 do capítulo em questão.

Percebemos uma preocupação excessiva de todas/os as/os autoras/es dos livros em questão de abordar temas relacionados à anatomia, fisiologia, profilaxia e prevenção de doenças, privilegiando a dimensão biológica do corpo. Mas a própria OMS (1975) e os PCN (1997) propõem que se trate da sexualidade em suas múltiplas dimensões, a partir da relação do corpo biológico e do corpo cultural. Portanto, é imprescindível que os livros didáticos contemplem aspectos relativos a emoções, sentimentos e prazer em muito debatidas e divulgadas na sociedade atual por diversas ciências: psicologia, psiquiatria, neurociências, entre outras.

De uma forma geral, os dois livros didáticos ao tratarem a Educação Sexual dão ênfase ao sistema genital masculino e feminino, destacando-os anatômica e fisiologicamente. Os livros A e B coincidem em abordar o ciclo menstrual e os métodos anticoncepcionais. O livro A também traz um tópico acerca das Doenças Sexualmente Transmissíveis o que se trata de uma necessidade nos dias de hoje e da pílula do dia seguinte, ressaltando que é um método de emergência, definindo seu modo de atuação no organismo feminino. O texto ainda recomenda a orientação médica para uso da anticoncepção de emergência.

A ênfase de ambos os livros se dá na descrição anatômica e funcional, algumas passagens se referem a sensações, de modo implícito: “Um pouco acima da uretra está o clitóris, que, por possuir muitas terminações nervosas, é muito sensível aos estímulos, além de apresentar tecidos que se enchem de sangue durante a excitação” (Livro B, p. 309). Fica evidente a inexistência da relação entre sexualidade e prazer, afeto ou desejo.

Não se pode negar que os conceitos e definições são abordados com correção científica, no entanto as interações humanas, a afetividade, o respeito por si e pela/o outra/o, as representações socioculturais da sexualidade são relegadas a segundo plano e não aparecem nos livros investigados, transparecendo a ideia de que o sexo permite a perpetuação da espécie humana. O livro A tenta uma aproximação do/a leitor/a (aluno/a) quando apresenta um quadro sobre curiosidades abordando entre outras coisas o tempo de vida de um espermatozoide, já no livro B

não parece haver a preocupação da identificação com o/a leitor/a para o qual se destina.

Podemos afirmar que os livros A e B não contemplam os objetivos propostos pelos PCN, pois embora a sexualidade se expresse nas diferentes fases da vida, nos livros didáticos analisados o foco central está na reprodução, em momento nenhum é abordada a sexualidade infantil, nem tampouco é ressaltado que a menopausa é o encerramento da atividade reprodutiva, mas não da atividade sexual. Ainda está implícito nos livros A e B alguns estereótipos sexuais que legitimam o sexo adulto, heterossexual e monogâmico como o normal, o aceitável. No livro A, ao abordar o ato sexual está descrito: “Dessa forma, ele pode ser inserido na vagina” (p. 583), já no livro B ao abordar o sistema genital feminino descreve “[...] Dele sai à vagina, que se abre na vulva (órgãos genitais externos) e recebe o pênis durante o ato sexual [...]” (p. 309).

Uma questão crucial que precisa ser revista na redação dos livros didáticos é que as/os autoras/es reconheçam quem é o/a leitor/a (aluno/a), que considerem aspectos da adolescência como uma etapa do desenvolvimento que apresenta características próprias, uma vez que o/a adolescente enfrenta diversos dilemas: existencial, vocacional, sexual.

A noção de saúde sexual defendida pela OMS requer uma abordagem positiva da sexualidade, essa também é uma demanda dos PCN. Sendo assim, não podemos admitir como legítimo que os livros didáticos restrinjam essa temática a aconselhamentos técnicos relacionados à maternidade ou a medidas que evitem as doenças sexualmente transmissíveis. Afinal, a sexualidade é um dos quatro fatores descritos pela OMS como determinantes da qualidade de vida.

Muitos temas considerados centrais ao abordar o tema da sexualidade para adolescentes são deixados de fora por ambos os livros analisados masturbação, iniciação sexual, busca por espaço social de homem e mulher, busca de identidade social e sexual, homossexualidade, abuso sexual, disfunções sexuais, maternidade e paternidade na adolescência (ressaltando que gravidez tem um período de início e fim, mas o ser mãe e o ser pai é para toda a vida), planejamento familiar. Os livros A e B não relatam repercussões das mensagens transmitidas pela mídia, e nem

problematizam a noção de respeito e responsabilidade associada ao relacionamento sexual.

A inexistência de um trabalho sério e comprometido por parte dos familiares e da escola pode desencadear alguns transtornos à/ao adolescente, tais como: anorexia nervosa, obesidade, acne, consumo excessivo e inadequado de drogas, depressão, entre outros.

Neste viés, é fundamental discorrermos, de modo sucinto, a partir dos tensionamentos provocados com as análises dos livros didáticos, bem como com base nos achados da pesquisa exploratória e nas discussões realizadas no ateliê, sobre conceitos de sexo, sexualidade e Educação Sexual.

SEXO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL

A educação sexual é um tema polêmico que deve ser abordado nas escolas, de modo a contribuir para a diminuição da discriminação social contra pessoas do sexo feminino ou de orientação não heterossexual. É aconselhado às escolas que educam alunas/os na faixa etária de 11 a 18 anos que trabalhem com o tema “orientações sexuais”. Isso porque o ensino adequado da Educação Sexual pode ajudar as/os estudantes a compreenderem melhor a si mesmas/os, às/aos outras/os e a tornarem mais claros seus valores e suas atitudes pessoais (MICHAEL REISS, 1997). Deve-se ter atenção, contudo, com a forma como a educação sexual é encarada nas escolas, na medida em que este tema pode estar profundamente implicado na preservação de antigas normas sexuais (JIM JOSÉ, 1999).

O discurso que as/os autoras/es dos livros analisados fazem ao tratar da educação sexual vai ao encontro do determinismo biológico que associa a anatomia e a fisiologia dos órgãos genitais do macho/homem e da fêmea/mulher para, obrigatoriamente, também fazerem a associação entre masculino e feminino.

Na linguagem popular, sexo é referenciado como o ato sexual, portanto, como um sinônimo deste. É comum ouvir-se as expressões: “sexo é bom de fazer”, “não faço sexo há muito tempo”, “o que ele/a quer é sexo”, “o seu problema é a falta de sexo”. Todas as expressões definem sexo como a relação sexual propriamente dita, visando a satisfação de uma “necessidade” orgânica, extravasando uma

energia corporal. No contexto escolar, expressões do tipo “falar de sexo”, “aprender sexo”, “tudo acaba em sexo” demonstram como é “árduo” o trabalho daquelas/es que se dedicam à educação sexual: uma missão rodeada de discriminação, insinuações e rótulos pejorativos, sarcasmos e ironias em relação às possíveis “aulas práticas”.

Destarte, aqui, ao discutirmos o emprego das expressões sexo/sexualidade voltamos a nossa atenção à ênfase biológica, observada nos livros didáticos analisados. A abordagem exclusivamente orgânica, corporal, reprodutiva e higienista tem sido uma das críticas mais recorrentes da educação sexual, em todos os seus níveis e épocas. No dia 18 de julho de 2002, foi publicada uma pesquisa, considerada o mais importante estudo até então realizado no Brasil sobre educação sexual, pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Coordenada pela socióloga e pesquisadora da Unesco, Maria das Graças Rua, a pesquisa revelou que “os professores não têm preparo para lidar com a sexualidade dos jovens”, pois “se limitam a falar de sexo, apenas como atividade reprodutiva, sem considerar as múltiplas manifestações da sexualidade, como desejo, amor, paixão, prazer, medo e sensibilidade”.

Esta declaração aponta para uma distinção conceitual entre ‘sexo’ e ‘sexualidade’. Com base nesta diferenciação, Furlani (2005) apresenta uma interessante problematização em torno da palavra composta “Educação Sexual”:

será que na “origem” do adjetivo ‘sexual’, bem como no seu entendimento estaria, tanto a “explicação” constitutiva dos aspectos curriculares dessa disciplina quanto, da atuação docente, da organização dos cursos de formação de professores/as voltados para ele? Parece-me que o predomínio histórico do enfoque biológico pode estar relacionado ao substantivo ‘sexo’, por ter sido esse o principal responsável pela proveniência etimológica do “sexual” da palavra Educação Sexual. Então pergunto: se o substantivo ‘sexualidade’ fosse o determinante do enfoque educacional, a postura didático-pedagógica seria outra? (FURLANI, 2005, p. 43).

Assim, Furlani defende que essa conotação reprodutiva que é dada a Educação Sexual é devido a origem da palavra sexual, a qual é derivada da ideia cultural de sexo impregnada no imaginário da sociedade. Assim, para a referida

autora, se tomarmos a sexualidade (ao invés de sexo) como sendo a origem da palavra sexual, poderíamos ressignificar o que seja educação sexual.

Portanto, desconstruir essa lógica é fundamental à uma educação sexual capaz de ultrapassar as fronteiras do biológico-reprodutivo e inserir-se numa abordagem cultural-plural. De um modo geral, quando falamos em sexo, podemos estar nos referindo às genitálias (um atributo corporal, morfológico, anatômico) que identificam e distinguem um macho (homem) de uma fêmea (mulher). Essa definição atrela o conceito aos órgãos reprodutores e, portanto, associa o sexo à visão reprodutiva, além de restringir a compreensão de sexo à genitalidade, desconsiderando o alcance das possibilidades eróticas dos corpos. Essa ideia reforça a perspectiva biológica de que o sexo, neste sentido, constitui-se numa adaptação evolutiva imprescindível para as espécies, e então, legítima, compulsoriamente, a heterossexualidade.

De um modo geral, “o conceito de sexo se apresenta limitado à questão biológica, enquanto o conceito de sexualidade pode ir muito além disso, ou seja, pode considerar também aspectos de ordem vivencial e eróticos (simbólicos)” (FURLANI, 2005, p. 44). Numa abordagem integrada, a representação popular que temos sobre sexo (genitália, definidor do masculino ou feminino e ato sexual) poderia ser incorporada à sexualidade, ou seja, o sexo é um integrante de grande importância, mas não o único de nossa vida sexual. Assim, segundo Furlani (2005, p. 44) se, sob o enfoque de origem do substantivo ‘sexo’, bastaria a compreensão da abordagem biológica (em que muitas vezes o entendimento médico é a preponderante), parece que, no momento em que o substantivo sexualidade é tido como referência, a educação sexual, bem como sua prática pedagógica poderiam ter um caráter mais amplo: de abordagem histórica, sociocultural, semântica, biológica, estética, afetiva e política, sendo esta a nossa compreensão do que seja educação sexual.

Traçando um paralelo com o debate sobre saúde de adolescentes (tema de abordagem em educação sexual – sexualidade), perfilhamos do entendimento de FERREIRA, M. de A. et al (2007, p. 218) quando estes, analisando a experiencição dessas/es sujeitas/os a quem se refere como “categoria sociocultural, historicamente construída a partir de critérios múltiplos que abrangem tanto a dimensão

biopsicológica, quanto a cronológica e a social”, propõem uma reflexão sobre o espectro de situações, fenômenos e sentimentos intensificados e inéditos que envolvem esta fase da vida e que “não deve ser tomada como um conjunto de fenômenos universais implicados no crescimento e desenvolvimento somático-mental”, visto que “uma vez que as transformações pelas quais passam as/os adolescentes também resultam de processos inerentes aos contextos sociais (históricos, políticos e econômicos) nos quais as/os sujeitas/os adolescentes estão imersas/os” (FERREIRA, M. de A. et al, 2007, p. 218)

A abordagem sobre as DST nos livros didáticos de biologia, especialmente a AIDS¹⁰ por exemplo é uma das narrativas mais engessadas quando se propõe sua vivência junto à comunidade adolescente, pois desconsidera o manancial de subjetividades que permeia a vida destas pessoas e o contexto no qual estão inseridas. No mesmo sentido, a promoção da saúde adolescente sob o enfoque da Atenção Básica (SUS), especialmente na Saúde da Família que envolve as/os profissionais de saúde, a família e a/o adolescente, esta/e enquanto sujeita/o herdeira/o de uma endêmica epidemia que se tornou política pública obrigatória de saúde.

A simples distribuição de preservativos, acessados, em sua maioria, por adolescentes do sexo masculino, desconsidera os aspectos que são próprios da saúde sexual e reprodutiva da juventude. Portanto, nem no Sistema Único de Saúde (SUS), nem no panorama educacional a atenção à adolescência é efetivada, ficando a cargo das famílias e da escola, à sua maneira e quando o fazem, tecer o diálogo sobre o fenômeno da sexualidade. E esta interlocução entre a política pública de saúde com a educacional, além de imprescindível é salutar a todas e todos, cuja articulação e não fragmentação impactam no sucesso do diálogo com a adolescência de forma honesta, respeitosa e ética, sem classificações moralistas e porta-vozes da racionalidade estribada.

¹⁰ No livro B não foram encontradas narrativas sobre DST/AIDS.

No contexto de homogeneização de comportamentos e estilos de vida que caracteriza a sociedade contemporânea, ser “jovem” significa mais do que uma delimitação etária: ser jovem é ser novo e inovador, projetado para o futuro; juventude é beleza, leveza, humor, responsabilidade, coragem, ousadia e... sexo (VILLELA; DORETO, 2006, p. 2.467).

Uma juventude sem acesso ao conhecimento e autoexperienciação de sua vida se torna, como tem se tornado, alvo fácil das doenças tradicionais e das mais modernas, já que a sexualidade não é tratada honestamente na maioria dos círculos sociais, entre os quais, a família e a escola. Nesse sentido, afirmam Villela e Doreto (2006, p. 2.468): “A epidemia pelo HIV é uma ameaça real, e não apenas para os jovens. As gestações não planejadas também, em qualquer idade. Assim, são necessárias políticas públicas de saúde e de educação que minimizem os riscos relacionados ao exercício da sexualidade pelas pessoas em qualquer idade”.

Portanto, repensar e ressignificar as práticas de educação sexual, tendo a sexualidade como substantivo-referência, como propõe Furlani constitui tarefa fundamental para o diálogo com a vida na adolescência, este momento da existência humana que inaugura um turbilhão de possibilidades identitárias e emancipatórias. Para tanto, as narrativas discursivas precisam privilegiar a compreensão da vida sob outras perspectivas, de modo especial, sob o olhar da afetividade, da alteridade, da prática da *dádiva-cuidado* e da autonomia (que perpassa pelo autoconhecimento).

E, nesse sentido, as mulheres são relegadas a um plano que a escamoteia e invisibiliza, quando não invisibilizadas no discurso estabelecido nas narrativas didáticas sobre Reprodução Humana, como é o caso dos livros de biologia nas séries do Ensino Médio, predominantemente compostas por adolescentes. Tecer o debate sobre gravidez (desejada ou não) perpassa pela discussão sobre a autonomia do corpo feminino e da regência de suas vidas, despidas de heteronormatividades impostas por uma cultura patriarcal que domina a narrativa sobre as mulheres no discurso científico e as silenciam para anular seu processo de contribuição para o conhecimento sobre si e sobre o mundo.

Portanto, a descrição sobre “concepção, gravidez e parto” nos livros didáticos de biologia enquanto “fisiologia da resposta sexual”, além de calcadas numa narrativa heteronormativa, patriarcal e limitada da ação humana, empobrece o

universo de reflexões que podem ser trabalhadas sobre o tema nos circuitos adolescentes.

O ato sexual, em muitas espécies animais, é precedido por uma sequência de atitudes comportamentais bem definidas. Na espécie humana o comportamento sexual não é tão estereotipado como nos animais, mas, ainda assim, ocorrem certas alterações fisiológicas comuns a todas as pessoas, que constituem o que se denomina ciclo de resposta sexual. (AMABIS, 2015, p. 543).

Ciclo de resposta sexual é a expressão que representa a ideia conceitual de educação sexual que os livros didáticos de biologia aqui analisados adotam. Tal fato, é reflexo e é refletido da evidente inquestionabilidade da determinação biológica no discurso científico, para os quais sexo e sexualidade são sinônimos e tratados sob o ponto de vista do sexo biológico e da biologia reprodutiva. Daí “ciclo de resposta sexual”, o qual, segundo Amabis, corresponde “as certas alterações fisiológicas comuns a todas as pessoas” (2015, p. 543), que ocorrem durante o ato sexual. Este ciclo é dividido em quatro fases – excitação, estabilização, orgasmo e dissolução – para, dessa forma, explicar a “fisiologia da resposta sexual” ao se discutir concepção, gravidez e parto.

Assim, o parto é tratado como uma fase final, natural de uma sequência precisamente cronometrada de acontecimentos fisiológicos contidos no “ciclo de resposta sexual”: “o parto consiste na expulsão do feto pelo útero e ocorre ao fim do nono mês de gravidez, cerca de 266 dias após a fecundação” (AMABIS, 2015, p. 551). Já em Lopes e Rosso (2011, p. 40-41) a questão da gravidez e seus consectários é ausente, no máximo relegada ao capítulo sobre Embriologia Humana, que se ocupa em “estudar o processo de desenvolvimento do indivíduo a partir do zigoto até o nascimento”, consoante descrito no título primeiro do referido capítulo, intitulado “Desenvolvimento embrionário humano”.

Reduzir a experiência/fenômeno da gravidez a um processo que se quer imputar a lógica da mecanicidade e homogeneização dos sistemas, desejos e direitos reprodutivos, como “processo final da resposta sexual” ou como instrumento da embriologia é menosprezar a subjetividade e a objetividade humana. E a produção desse conhecimento utilitarista-racionalista vem retirando a séculos o

direito ao autoconhecimento e autonomia sobre os corpos das pessoas, sobretudo sobre os corpos das mulheres, sobre os quais o epistemicídio feminino se vingou, a começar do epistemicídio bíblico-cristão, desembocando na produção/usurpação do conhecimento científico, especialmente no ocidente.

No próprio pensamento cristão, enternecido pelo direito divino, de inspiração tomista, prevalece a hegemonia masculina na produção do conhecimento sob todas as matizes e justificações. Em sendo o homem à imagem e semelhança de Deus e tendo a filosofia, de certo modo, debruçado sobre tais questões metafísicas, intuía-se, por suposto, que o homem branco seria a imagem de deus, sendo ambos, um só (ambos “deuses”). Ou seja, ele é o padrão que deve guiar os demais sujeitos epistemológicos. (SANTOS, G., 2014, p. 9).

As mulheres foram sistematicamente alijadas do processo de produção do conhecimento, inclusive sobre suas vidas e seus corpos, confisco secularmente praticado pela sociedade heteronormativa, androcêntrica, machista, misógina e racista que construiu uma narrativa sobre o feminino sob a perspectiva do controle, do menosprezo, do utilitarismo e da violência. A abordagem que os didáticos apresentam para o universo educacional é extremamente limitada e por isso, problemática para o trato das questões que envolvem o contexto da adolescência. Não dá conta, posto que inibe, silencia e impõe.

No livro sagrado dos cristãos, que repousa suas raízes na lei mosaica, ao ditar as normas de conduta de alguns povos, cristalizou a odiosa insignificância feminina. Através do mito criacionista, o deus (onisciente, onipresente e onipotente) teria criado o mundo, o homem e deste (este), a mulher. Uma lógica em que o útero passa a dar lugar à costela e o pecado passa a ser condição *sine qua* ao ser humano, por ter-se deixado seduzir pela mulher (a Eva). Ambos expulsos do que se convencionara chamar de paraíso, a mulher passa a estar ligada ao prazer, ao sexo, à natureza, à carne, ao pecado, razão pela qual, fez-se imperioso normatizar esses seus domínios e enquadrá-los em padrões androcentricamente estabelecidos. (SANTOS, G., 2014, p. 9).

Toda uma construção discursiva fora criada em todas as estruturas formativas da sociedade para controle da figura feminina, cuja gênese está no apoderamento de sua capacidade reprodutiva que encontra no útero seu elemento mais valioso e na monogamia seu conseqüente logicamente imposto, além de

promover a primeira divisão social do trabalho, calcada no gênero, consoante dedução de Marx e Engels:

Hoje posso acrescentar: o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher, na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino. A monogamia foi um grande progresso histórico, mas, ao mesmo tempo, iniciou, juntamente com a escravidão e as riquezas privadas, aquele período, que dura até nossos dias, no qual cada progresso é simultaneamente um retrocesso relativo, e o bem-estar e o desenvolvimento de uns se verificam às custas da dor e da repressão de outros. É a forma celular da sociedade civilizada, na qual já podemos estudar a natureza das contradições e dos antagonismos que atingem seu pleno desenvolvimento nessa sociedade. (ENGELS, F., 1977: 70-71).

E esta tem sido a tônica imposta pelos sistemas de produção e de cultura ao longo do tempo, cujo ápice se vislumbra no capitalismo e seus mecanismos de controle e inferiorização da vida das mulheres. Sem pretensões de aprofundar a discussão, já que ela é densa, é interessante analisar alguns desses mecanismos de domínio, a exemplo da publicidade machista que estampa diariamente as telas dos televisores brasileiros, onde o consumo de determinados bens e serviços são atrelados violentamente sobre os corpos femininos. Basta assistir um comercial de cerveja ou de limpeza para se chegar a esta conclusão. Pior ainda quando este tipo de comportamento capitalista invade o mundo infante-juvenil com suas fábricas de ilusões e imposição de comportamentos desejados por esse sistema opressor e patriarcal, inclusive influenciando na precocidade das experiências de vida.

Às mulheres fora imposta uma narrativa social, política e cultural-moral sobre seu papel no sistema que lhes delega um sortilégio de comportamentos, padrões e compromissos que compõem o repertório patriarcal e que tem seu apogeu na imposição da violência (física e emocional) sobre elas. Uma das violências emocionais pode ser depreendida da retórica construída sobre a figura feminina e seus direitos reprodutivos, quando se condiciona a felicidade desta com a capacidade de reprodução/filiação. Se por um lado a figura materna povoa o repertório cultural das sociedades, relegando à estranheza e ausência de feminilidade àquelas sujeitas que não nutrem tal desejo, por outro lado, diversas

narrativas epistemológicas aterrorizam a vivência da sexualidade feminina, como acontece com a narrativa sobre o parto nos textos bíblicos e com a medicalização/mercantilização da vida pela ciência.

Ser mulher é sinônimo de sofrimento, depuração e expiação, de acordo com essas leituras discursivas.

Mas os autores sagrados dos textos que inspiram a nossa tradição ofereceram outro motivo muito fecundo para discriminação. Eva torna-se a responsável pela perda do paraíso. Fora ela que dera crédito à serpente. O versículo do Gênesis (3,16), quando Deus dá o castigo a Eva pela transgressão “A paixão vai te arrastar para teu marido, ele te dominará” não poderia ser mais explícito para marcar as relações de dominação e dependência da mulher ao homem, anunciando previamente que a mulher sofreria muito na gravidez e daria luz entre dores (CHASSOT, 2003, p. 5).

Não podemos dissociar o debate sobre educação sexual das questões identitárias e cotidianas que condicionam a vida das pessoas. Pelo contrário, é preciso promover uma genealogia dos comportamentos/culturas humanos de modo a oportunizar o reconhecimento individual e coletivo das/dos sujeitas/os epistemológicas/os/ontológicas/os. As estruturas que edificaram e edificam as sociedades precisam ser compreendidas em sua historicidade e como cultura construída que pode ser desconstruída a depender das correlações sociais dispostas a tal. O patriarcado, portanto, precisa ser categoria de análise no diálogo sobre educação sexual, sob a perspectiva de sua resignificação, a começar pelo descarte do binarismo dos corpos que reconhece como naturais apenas os arquétipos homem e mulher, geralmente associados à genitalidade e a reprodução, garantido o privilégio discursivo à heteronormatividade social.

O silenciamento contumaz do diálogo sobre gravidez, parto e maternidade causa um grande dano à vida das mulheres, a começar pelo confisco e medicalização do corpo feminino e do conhecimento sobre o corpo e dos direitos reprodutivos das meninas nas escolas, nas famílias e nas estruturas sociais que reproduzem o sistema patriarcal. Elas são ensinadas/condicionadas ao exercício do papel de cuidadora da família e objeto de desejo, deleite e controle masculino. Destoar dessa binariedade e recusar a vivência do fenômeno da gravidez é sair das margens aceitas pela sociedade na qual estão inseridas. E esta imposição de

padrão feminino é bastante característica no processo de gestação, parto e pós-parto, onde o controle sobre o nascimento estampa o racionalismo utilitarista e patriarcal.

É característico desse racionalismo a criação de uma narrativa medicamentosa e intervencionista da ciência oficial sobre ato de gestar e de nascer, onde o protagonismo é confiscado da mãe e do bebê pelos doutores da medicina. As fábulas criminosas que foram construídas sobre o parto revelam a brutalidade com a qual o paradigma científico dominante agiu e age sobre a vida das mulheres. Muitas destas são mães muito cedo, sendo alto o índice de gravidez na adolescência ou convivem com outras mulheres (como suas mães) que vivenciam este processo. De acordo com a Fundação Osvaldo Cruz (Fiocruz, 2014), em pesquisa realizada sobre o nascimento no Brasil, 55% das gestantes entrevistadas não desejaram a gestação que experienciavam durante o período da pesquisa, sendo que entre as adolescentes, 2/3 declararam não terem desejado a gravidez e 3.4% afirmaram a tentativa de interromper¹¹.

A todas elas, sem sua maioria, são confiscados os direitos reprodutivos e sexuais e, por conseguinte, a compreensão sobre a decisão sobre a manutenção da gravidez e sobre o parto enquanto processo natural, fisiológico e que perpassa pela autonomia feminina como instrumento de defesa da dignidade das mulheres. No mesmo sentido, o silenciamento sobre a violência obstétrica que assola a vida dessas adolescentes e jovens, como mecanismo de naturalização do controle e medicalização de seus corpos e do ato de nascer. A endêmica cultura da cesariana eletiva, por exemplo, constitui uma das formas de se praticar a violência obstétrica, figurando o Brasil como país campeão nesse tipo de procedimento, o que já vem sendo considerado pelas autoridades nacionais e internacionais como um severo problema de saúde pública.

Se consideramos o interesse temático manifestado pelas alunas e pelos alunos com os quais contatamos na pesquisa em torno da abordagem sobre a

¹¹ Em pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde (2011), do UNICEF (2011) e do CEPAL (2012), 19,3% das crianças nascidas vivas em 2010 no Brasil são filhas e filhos de mulheres de 19 anos ou menos; em 2009, 2,8% das adolescentes de 12 a 17 anos tinham 1 filho ou mais e em 2010, 12% das adolescentes de 15 a 19 anos possuíam pelo menos um filho, passando para 15% em 2000.

educação sexual, conforme será analisado no decorrer deste trabalho, concluiremos que as temáticas relacionadas à sexualidade são de relevante interesse destes sujeitos, que merecem uma escola e uma sociedade preparadas para lidar com esta realidade de forma honesta, respeitando a diversidade identitária. Do universo pesquisado, 81% manifestam interesse pelo debate sobre DSTs; 65% - prevenção, 64% - aborto, 56% - abuso sexual, 56%), - concepção e gravidez e 53% - sexualidades.

Nesse sentido, “pensar a gravidez na adolescência ou a vulnerabilidade dos jovens ao HIV exige a reflexão sobre os diversos sentidos que o exercício da sexualidade adquire para cada uma dessas pessoas que, talvez, só tenham em comum o fato de terem nascido num mesmo período de tempo”, pois os atributos construídos em torno da masculinidade enquanto categoria binária representa um enorme descompasso entre o tratamento do tema com as meninas, cuja virgindade é vista como trunfo social e com os meninos, cuja sexualidade é estimulada sem maiores moralidades, inclusive precocemente.

O percentual das/os interessados no diálogo sobre o aborto também merece destaque, especialmente em virtude do alto grau de censura que sofre o tema e, por conseguinte, àquelas/aqueles que sobre ele se debruçam. Nesse sentido, a narrativa feminina sobre o autocontrole da vida e do corpo é constantemente rechaçada pela normatividade guiada pelo universo heterossexual que criminaliza uma conduta que tem por protagonista a autocorporeidade feminina e seu direito de decidir. A despenalização do corpo e, aqui, do aborto, precisa ser debatida com as/os adolescentes e a escola tem um papel fundamental nisso, já que constitui um fato social que existe independentemente dos sistemas de controle que sobre elas/es atuam e, por existir na vida de milhares de meninas, cada vez mais precocemente, torna-se necessário um debate honesto sobre o abortamento seguro que não fira a segurança, a dignidade, o corpo e a vida das mulheres, sem intimidações.

As possibilidades discursivas no diálogo desse tema com as/os adolescentes precisam ser exploradas, posto que são sujeitas/os de direito à informação e ao autoconhecimento e que possuem um universo extenso e plural de narrativas ao alcance das mãos, especialmente com o advento da rede mundial de

computadores e as novas ferramentas de comunicação social, como as redes sociais. Entre esses debates está o diálogo sobre direitos reprodutivos e autonomia do corpo que alcança, sobretudo, a vida das meninas adolescentes e que só tem sentido se baseado em um compromisso ético-educativo.

É nesse sentido que vinha sendo tecida a política de educação sexual então praticada pelo Ministério da Educação (e que está sob ameaça pelo governo interino que promoveu um golpe de Estado no Brasil recentemente) e que tinha por compromisso dialogar sobre esses temas, através de experiências como o GTF , a exigir “uma abordagem pedagógica que inclui informação, reflexão, emoção, sentimento e afetividade” (BRASIL/MS, 2010, p. 7), convocando as/os adolescentes e jovens a “intensificar o diálogo entre seus pares”, por acreditar que a adolescência se aprende com ela mesma. “Partem, também, da convicção de que os setores Saúde e Educação estão relacionados a vários temas que precisam ser contextualizados e discutidos, tais como: sexualidade, prevenção das DST/HIV/aids, cidadania, participação, direitos, relações de gênero, diversidade sexual, raça e etnia” (BRASIL/MS, 2010, p. 7).

O Que Falam as Imagens – Uma Análise do Texto Imagético dos Livros Didáticos de Biologia

Às imagens são de suma importância para o aluno compreender e desenvolver a análise crítica acerca do conteúdo estudado. Neste sentido, Mendonça e Tomazello (2002, p.152) enfatizam:

No processo pedagógico, o recurso da imagem pode ter seu uso relacionado à concretização, à aproximação de algum lugar e ao estabelecimento do diálogo sobre as diferentes representações, mas também, pode ter seu uso ligado à economia de tempo, seguindo a máxima popular que “uma imagem vale mais que mil palavras”, de tal forma que uma imagem é aceita rapidamente pelos alunos, num rápido consumo, reproduzindo o pensamento de quem a explorou. (TOMAZELLO, 2002, p. 152).

Às ilustrações dos livros A e B, são de boa qualidade e nitidez, fazendo com que a/o aluna/o entenda a figura, as legendas são corretas do ponto de vista científico, e correspondem ao objeto de estudo não obstaculizando a compreensão do conteúdo. O livro A é mais rico em imagens, quadros e esquemas coloridos que chamam a atenção e ressaltam aspectos de maior relevância, cumprindo melhor o papel de exemplificar o texto escrito.

Nos livros analisados a maioria das atividades propostas estão baseadas em cópia literal do texto e fixação de conteúdos, não auxiliando em nada na aplicação de conhecimentos ao cotidiano da/o educanda/o, o livro A e B descrevem respectivamente “Por que o consumo de sal iodado previne a formação do bócio?” (p.592) “Em que parte dos testículos ocorre a produção de espermatozoides?” (p. 313), com este tipo de atividade não há como possibilitar ao aluno a descoberta e posterior elaboração do seu próprio sistema de valores (ético, cultural, profissional, etc.) através da tomada de consciência de si e da afirmação da identidade. Segundo Ronca e Terzi (1995, p. 44), “as atividades devem explorar o conhecimento dos alunos e levar em conta seu desenvolvimento, permitindo que se estabeleçam relações em diferentes esferas, situando o aluno em seu mundo”.

No livro didático A, as atividades apresentadas ao final do capítulo consistem em 5 (cinco) questões dissertativas, das quais 4 (quatro) se referem ao tema do controle hormonal e as respostas são encontradas no livro após uma breve leitura, já a quinta questão, a única que se reporta ao tema da sexualidade, apresenta uma tabela onde é analisada a eficácia dos métodos anticoncepcionais e solicita ao aluno para analisar qual destes métodos previne a gravidez e a transmissão de doenças. Nas questões objetivas a ênfase novamente recai ao controle hormonal. O que dizer dessa omissão do tema nas questões propostas pelo livro didático? Não seria necessário utilizar o espaço das atividades para estabelecer uma relação com as atitudes da/o aluna/o na aplicação do conhecimento construído?

No livro B são apresentadas 11 questões ao final do capítulo todas dissertativas, sendo as respostas encontradas no texto após uma breve leitura. É proposto um item de atividade em grupo que proporciona uma possibilidade de aproximação com temas atuais que podem auxiliar a/o educanda/o na construção de uma imagem sobre a infertilidade e as técnicas de reprodução assistidas, a

puberdade masculina e feminina enquanto um fenômeno biológico e as doenças sexualmente transmissíveis.

De maneira geral, foi possível perceber que as atividades propostas nos livros didáticos analisados não oferecem condições para a necessária relação com a realidade da/o estudante. A ênfase recai na cópia literal das informações apresentadas no texto, onde o processo de aprendizagem se dá através do processo de memorização, não transformando as informações em conhecimento.

A sexualidade é um fenômeno da existência humana, portanto, faz parte também da vida das/os adolescentes. É objeto de estudo e intervenção das políticas públicas e tem sido cada vez mais discutida, principalmente devido ao aumento dos índices de gravidez e de incidência de AIDS na população jovem.

Embora aprovados pelo PNDL, os livros analisados não estão de acordo com as orientações dos PCN e apresentam como características significativas e centrais: (1) tratar da reprodução humana anatômica e fisiologicamente apenas; (2) não apresentar a sexualidade de maneira positiva ligada a vivência do prazer; (3) não mencionar em momento nenhum a diversidade sexual. Essas ideias vão de encontro a uma concepção de ciência tida como neutra, aproblemática e ahistórica, reforçando uma visão deformada da ciência e da tecnologia onde “o ensino científico, incluindo o universitário, reduziu-se basicamente à apresentação de conhecimentos já elaborados, sem dar ocasião dos estudantes de se aproximarem das atividades características do trabalho científico”. (GIL-PÉREZ et al., 2001).

O que é possível apreender na análise sobre diversidade nos livros didáticos do ensino médio é que abundam marcas explicitamente vinculadas à heterossexualidade e ao casamento, muitas vezes evocando a noção de família, no sentido tradicional - pai, mãe e filhos – em textos e imagens, como nos exemplos que se seguem.

Nenhuma menção é feita em nenhum dos livros analisados às palavras ‘lésbica’ ou ‘lesbianismo’ e ‘transexual’, e há uma única ocorrência em um dos livros de Biologia (Silva & Sasson, 2002, p. 287) para o termo ‘bissexual’ em nota de rodapé explicativa de texto sobre transmissão do HIV/Aids na qual se lê: “bissexuais são indivíduos que mantêm relações sexuais com pessoas de ambos os sexos”.

Ficou evidente que os livros didáticos selecionados ainda carregam preconceitos que os distanciam em muito da concepção dos direitos humanos com relação às questões de gênero, bem como defendendo a heteronormatividade nas relações. Sendo assim, fica a cargo da família, e não somente a escola e educadoras/es como é delegada ultimamente, promover o papel positivo que a sexualidade desempenha na vida das pessoas a partir de diversas outras fontes que possam complementar as ideias dos livros didáticos, promovendo assim a construção de uma sociedade sexualmente sadia. Diante destes resultados, sugere-se a implantação de debates de temas sobre saúde sexual nas escolas, voltado não somente para alunas/os, mas também para mães, pais, professoras/es, de forma a fornecer subsídios suficientes para diminuir as dúvidas das/os adolescentes e preparar mães, pais e professoras/es para melhor orientar e conviver com este grupo etário.

Neste sentido, na sessão abaixo apresentamos como está e como se dará o processo de elaboração do Documento Referencial em Educação Sexual.

6.3 O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO DOCUMENTO REFERENCIAL EM EDUCAÇÃO SEXUAL

Nesta sessão abordamos o processo de elaboração/construção de um material educativo adequado para a prática pedagógica da Educação Sexual. O material educativo – Documento Referencial em Educação Sexual – é pensado, está sendo e será construído a partir de artigos e materiais atualizados sobre a promoção da Educação Sexual no contexto escolar discutidos nos capítulos 1, 2 e 3, das dificuldades e das necessidades apresentadas no capítulo 5; da experiência/vivência do Ateliê de Pesquisa Formativo e dos achados das análises dos livros didáticos de biologia descritos no capítulo 6 e da proposta da Orientação Sexual como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Assim, a realização da pesquisa exploratória, do Ateliê de Pesquisa Formativo em Educação Sexual e das análises dos livros didáticos de biologia nesta pesquisa, foi o passo inicial no sentido de se conscientizar sobre a importância da

promoção e do despertar do interesse das/os professoras/es de uma escola da rede estadual do ensino médio Jacobina para a Educação Sexual. Neste sentido, a partir da análise triangulada dos achados dessas etapas da pesquisa, estamos elaborando e elaboraremos um Documento Referencial em Educação Sexual.

Justificativa e objetivo

A partir da construção e da análise dos achados e elucubrações apresentados ao longo dos capítulos desta pesquisa, buscamos entender como as questões de gênero e sexualidade tem sido tratada nas práticas e nas vivências dos/as discentes das/os docentes de uma escola da rede estadual do ensino médio de Jacobina-BA, o que possibilitou uma reflexão sobre as necessidades, as dificuldades e as possibilidades desses/as sujeitos/as em lidar com os temas da Educação Sexual. Essa reflexão revelou a importância de se falar sobre gênero e sexualidade como compreensão básica da vida cotidiana, acerca dos aspectos biológicos, dos sentimentos, do respeito, das sensações, da responsabilidade, do comportamento, das linguagens, das representações, das escolhas, das crenças, das identidades, das posturas e da liberdade, a fim de sistematizar um modelo de intervenção pedagógica.

Observamos a necessidade de capacitação das/dos docentes no sentido de ampliar e aprofundar tanto em termos do conhecimento quanto de uma metodologia adequada para se fazer a Educação Sexual. Assim, considerando a necessidade da abordagem desse tema na escola, a importância dos recursos didáticos para o desenvolvimento adequado desse tema e a necessidade de formação complementar, buscamos e buscaremos, neste trabalho, desenvolver um documento referencial dirigido ao público da Educação Básica no sentido de auxiliá-las/os no trato pedagógico e desenvolvimento de temas relacionados à Educação Sexual.

Portanto, com o intuito de contribuir para a promoção da Educação Sexual, apresentamos a construção de um Documento Referencial como estratégia educativa para preparar as/os sujeitas/os da Educação Básica para lidar e trabalhar com os temas relacionados à Sexualidade. Esse documento também poderá (e

deverá) ser adaptado e utilizado pelas/os professoras/es como material didático de apoio para se trabalhar a Educação Sexual com os/as alunos/as em sala de aula.

Metodologia

A metodologia escolhida para a construção e elaboração do documento referencial foi a realização de Ateliê de Pesquisa Formativo e a elaboração didática a utilizada no mesmo. Desse modo, os ateliê de pesquisa terá continuidade com o intuito de se construir coletivamente um Documento Referencial em Educação Sexual através da perspectiva pós-estruturalista de desconstrução do discurso.

Com base nas discussões já ocorridas no Ateliê de Pesquisa Formativo, nas análises dos livros didáticos de biologia e das discussões delas conseguidas e apresentadas neste trabalho, cada professor/a participante do Ateliê de Pesquisa Formativo analisará os livros didáticos que utilizam em suas aulas. Durante os encontros no ateliê, cada livro didático será analisado por duas/dois professoras/es que elaborarão, cada um/a individualmente, um relatório inicial com os resultados da sua análise individual – o que estamos chamando de “esboço analítico” – de acordo com os passos que estão descritos nas análises dos livros didáticos apresentadas nesta tese. Em seguida, as/os professoras/es que analisaram o mesmo livro didático, analisarão juntas/os os esboços analíticos um da/o outra/o, discutirão entre si os argumentos e juízos que elas/es apresentarem e, então, elaborarão um relatório final da análise do livro em questão. Todas as duplas farão o mesmo. Após isso, cada dupla apresentará seus respectivos relatórios para todo o grupo, para que, coletivamente, todos/as participantes do Ateliê de Pesquisa Formativo, discutam e construam coletivamente um documento final com a apresentação sistematizada de forma didática as análises realizadas e à um roteiro e/ou matriz comum de análise de livro didático sob a perspectiva pós-estruturalista de análise que reúna os argumentos e juízos de todas/os as/os participantes. Este documento coletivo será analisado criticamente pelo pesquisador/coordenador e pela orientadora desta pesquisa e, se necessário for, após quantas rodadas de discussão com o grupo forem precisas, chegar-se-a a uma versão final deste documento.

Desenvolvimento do material educativo

As etapas e os cuidados metodológicos acima descritos, serão observados na elaboração do Documento Referencial em Educação Sexual. A elaboração do documento seguirá a seguinte estrutura geral:

a) Apresentação – apresentará o Documento Referencial em Educação Sexual, como produto decorrente do TFCC no Mestrado Profissional em Educação e Diversidade da UNEB, cuja elaboração tem o objetivo de apoiar e subsidiar os(as) sujeitos/as da Educação Básica em promover a Educação Sexual na escola;

b) Introdução – fará uma abordagem sobre as questões de gênero e sexualidade e a importância do papel do/a professor/a na promoção da Educação Sexual na escola;

c) Pesquisa Exploratória e Levantamento de Informações – apresentará a metodologia e os achados apresentados nesta etapa desta pesquisa;

d) Metodologia – apresentará a estratégia de intervenção pedagógica através de Ateliê de Pesquisa Formativo adotada para capacitar as/os sujeitas/os da Educação Básica a promover a Educação Sexual na escola. Ressaltamos que se trata de uma metodologia participativa que facilita os processos de reflexão pessoais, interpessoais e de ensino-aprendizagem;

e) Plano de Ateliê Formativo em Educação Sexual – apresentará a descrição detalhada da/para a realização de Ateliê de Pesquisa Formativo em Educação Sexual – os encontros ocorridos e que ocorrerão no ateliê.

f) Roteiro e Matriz de Análise – apresentará de forma detalhada e didática o passo a passo para a realização da análise de materiais didáticos através da prática pedagógica da desconstrução do discurso;

g) Resultados de uma Análise de Livro Didático – apresentação de análises sistematizadas didaticamente com o objetivo de introduzir problematizações sobre os temas mais importantes para a Educação Sexual, segundo as/os estudantes investigadas/os nesta pesquisa;

h) Orientações Finais.

7 O ORGASMO E A EFEMERIDADE DO FIM: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este TFCC enquadra-se numa das linhas de pesquisa (linha 1: Formação, Linguagens e Identidades) desenvolvida no Mestrado Profissional em Educação e Diversidade da Universidade Estadual da Bahia, que tem como objetivo a elaboração, o desenvolvimento e a avaliação de propostas educacionais relacionadas à problematizações de questões da Educação Básica.

O trabalho apresenta a descrição das diversas etapas envolvidas no processo da pesquisa e seus desdobramentos. A finalidade desta proposta foi a de construir e experimentar uma metodologia pedagógica que pudesse contribuir de forma efetiva, através da problematização das questões de gênero e sexualidade para a atualização/capacitação das/os sujeitas/os da Educação Básica. A condução do trabalho foi ancorada no fato de que a abordagem de temas relacionados à estas temáticas deve ser feita por meio de metodologias participativas e dialógicas e estar baseada na realidade sócio-cultural do público-alvo. Ou seja, é relevante que a Educação Sexual seja trabalhada de forma atrelada à realidade e leve em consideração a vivência regional, uma vez que o tema mobiliza as mais variadas questões advindas da cultura, da ciência e da religião.

Após uma revisão de literatura de temas relacionados à temática, procuramos investigar e apresentar as necessidades, as possibilidades e as dificuldades das/os discentes de um colégio da rede estadual de ensino de Jacobina-BA para trabalhar a Educação Sexual na escola, seguindo-se com o relato da experiência vivida nos encontros do Ateliê de Pesquisa Formativo, com a participação de um grupo de professoras/es de uma escola da rede estadual de ensino de Jacobina-BA, no qual foi discutido temas relacionados a Educação Sexual sob a luz da desconstrução do discurso.

Em seguida, apresentamos a descrição do processo de análise dos livros didáticos de biologia através, também, da metodologia da desconstrução do discurso. Finalmente, apresentamos neste item as considerações finais e conclusões e no subitem subsequente apresentamos como está se dando e se dará o processo de elaboração de um *Documento Referencial em Educação Sexual*, o

qual se encontra em fase embrionária de escrita colaborativa como resultado desta pesquisa.

Assim, ao itinerar por esta pesquisa, sobretudo, o exercício analítico realizado com os livros didáticos de biologia, afirmamos que os livros incorporaram diversos “procedimentos didáticos” com o intuito de informar, esclarecer, distinguir, estabelecer ações, descrever e construir, gradual e continuamente, um tipo de currículo dos gêneros e das sexualidades. Uma vez que na sociedade mais ampla, a produção das diferenças e das identidades culturais é feita num contexto de disputas de saber, os livros explicitaram os discursos constitutivos de vários campos disciplinares autorizados a “falar sobre”. A biologia reprodutiva, a medicina preventiva, a psicologia social, as políticas identitárias, a pedagogia, porta-vozes desses saberes, se fizeram presentes nessa Educação Sexual.

Desse modo, faz sentido perceber as representações sobre os gêneros e sobre as sexualidades em nossa cultura e no contexto da Educação Sexual a partir dos livros didáticos de biologia, sobretudo, se considerarmos a multiplicidade dos discursos que organizam e significam as práticas sexuais e generificadas da sociedade contemporânea. Esses múltiplos discursos são sugestivos de uma contingência histórica nas discussões na Educação Sexual. Eles podem ser vistos como uma demonstração da capacidade social de responder a demandas dos grupos sociais contemporâneos numa dinâmica que (re)constrói as identidades culturais e as diferenças, (re)posicionando as/os sujeitas/os. Este entendimento se mostrou pertinente, haja vista que temáticas “incomuns” à Educação Sexual (como homossexualidade, abuso sexual, estupro, feminicídio), não observados com frequência nos livros didáticos, se fizeram presentes nas discussões proporcionadas no ateliê, provocando mudanças de concepções e posturas nas/os docentes participantes.

Parece que os livros ecoam alguns temas oriundos dos movimentos sociais de meados do século XX e trazem para a escola o que talvez pudéssemos denominar de “uma nova ética sexual”; “uma nova ética escolar”. Procuramos nos aproximar e conceder ênfase aos aspectos culturais e políticos da problematização dos gêneros e das sexualidades ressaltando o caráter contingencial dos processos de construção/invenção desses saberes.

Buscamos, também, tencionar (tanto através da pesquisa exploratória, quanto através da realização do *Ateliê de Pesquisa Formativo* e das análises dos livros didáticos de biologia) as formas de se posicionar frente às discussões da Educação Sexual que, tradicionalmente vem sendo realizadas no Brasil. Fazer essa problematização a partir de uma metodologia diferenciada voltada para as peculiaridades do Mestrado Profissional e dos referenciais utilizados é um aspecto original dessa pesquisa. Os Estudos Culturais e os Estudos Feministas (nomeadamente aqueles ligados a perspectiva pós-estruturalista de análise) não têm sido, explicitamente, adotados como bússola nas discussões acerca dos gêneros e das sexualidades, especialmente nos contextos acadêmicos dos cursos de formação de professoras/res. Esses aportes teóricos distanciam-se das posturas que se comprometem com paradigmas estáveis e/ou universais. Os “modos de olhar e de fazer” introduziram uma itinerância muito mais comprometida com uma metodologia capaz de suscitar velhos e novos problemas através de uma prática pedagógica problematizadora, do que com o de propor respostas prontas para as questões de gênero e sexualidade na escola.

O texto integral deste TFCC é o resultado de uma busca para que a Educação Sexual, em qualquer nível, possa encontrar na “representação” (como expressão das identidades culturais e das/os sujeitas/os) e na “desconstrução” (como atitude analítica e uma postura pedagógica) um revigorado modo de olhar para os saberes construídos na cultura acerca dos gêneros e das sexualidades. E, a partir desses dois aspectos estabelecer, igualmente, uma prática de Educação Sexual revigorada.

Escolher a análise sociocultural como ponto de partida foi uma posição, assumidamente, intencional, na qual visamos a “desconstrução” dos paradigmas naturalizantes. Buscamos, ainda, a explicitação de que processos históricos têm justificado saberes, banalizado conhecimentos, vulgarizado formas de discriminação e preconceitos. Dessa forma, a Educação Sexual que imaginamos sempre terá diante de si a obrigação de perguntar: Em que contexto esse significado foi inventado? Que identidades e/ou sujeitos se beneficiam desse saber? Quais os efeitos dessa representação? Que contexto histórico lhe possibilitou as condições de construção?

Reconhecemos que ter como objeto de análise livros didáticos para o ensino médio não confere, a esta pesquisa, a originalidade pretendida. Muitas/os outras/os estudiosas/os e/ou educadoras/res já o fizeram e o farão, certamente, de outras formas, com outras intenções, alcançando resultados distintos. Destacamos, entretanto, a abordagem prática-desconstrutivista no trato dos dados, ou seja, o olhar pós-estruturalista que pretendemos lançar sobre os textos e as reflexões derivadas dele. Em momento algum procuramos “analisar os livros” e emitir qualquer “juízo de valor” acerca de seus conteúdos, formas, ilustrações, etc. Também não pretendemos “adivinhar” ou “descobrir” as “reais intenções” de suas/seus autoras/es com essa ou aquela ilustração, com esse ou aquele texto.

No referencial que operamos, os livros didáticos, assim como qualquer artefato da cultura, se constituem num meio. Um pretexto para a análise a que se propôs o estudo investigativo. Um local de representações. Uma referência na construção das identidades culturais e das posições de sujeito. Os livros foram uma área onde as sexualidades e os gêneros estiveram materializados. Eles “refletem” e são refletidos no “real” da mesma forma que o constroem. Da mesma forma que são construídos por essas representações.

Assim, se considerarmos a forma com que temas polêmicos não só foram visibilizados como, também, foram apresentados e discutidos, os livros problematizados evidenciam uma Educação Sexual enviesada. Como alerta Louro (1999):

[...] mesmo o texto mais radical e contestador pode ser ‘domesticado’ e pode perder sua força dependendo da forma como é tratado (p.136). Mais do que isso, talvez devamos pensar como os significados daquilo que vemos, lemos e ouvimos a partir dos recursos didáticos escolares “tocam” e “marcam” os sujeitos da educação, portanto, “[...] é preciso questionar sempre não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e os sentidos que os/as nossos/as alunos/as dão ao que eles aprendem” (LOURO, 1999, p.137).

Os métodos e artefatos escolares, as linguagens envolvidas nos processos de comunicação, as atitudes pessoais frente ao que é dito e ao que não é dito na escola, tudo isso constitui os sujeitos, meninas e meninos, mulheres e homens. Essa construção das identidades culturais é um processo permanente, articulado por

inúmeras instâncias sociais – entre elas a escola – que praticam “pedagogias” da sexualidade e do gênero. Essas pedagogias podem tanto reiterar as identidades e práticas hegemônicas, quanto podem permitir a visibilidade e a disponibilidade de representações contrárias e/ou alternativas.

É importante compreender que as/os sujeitas/os não participam desses processos de produção “[...] como meros receptores, atingidos por instâncias externas e manipulados por estratégias alheias” (LOURO, 2000c, p.25). As pessoas não são apenas manipuladas ou simples e ingenuamente aderem à eficiência da propaganda identitária hegemônica ou à pressão normativa. Os “[...] sujeitos estão implicados e são participantes ativos na construção de suas identidades” (LOURO, 2000c, p.25).

Portanto, considerando o desenvolvimento e os resultados desta pesquisa, depreendemos que:

a) Atualmente, as escolas apresentam cada vez mais a necessidade de desenvolver programas em Educação Sexual, para informar, orientar esclarecer as dúvidas das/os adolescentes sobre as questões de gênero e sexualidade. Dessa forma, devemos estabelecer propostas e alternativas para um trabalho pedagógico efetivo nas escolas. concordamos com Silva (1997) que diz que “os principais fatores intervenientes na Educação Sexual na escola pública se vinculam, fundamentalmente, à figura do/a professor/a, à sua formação profissional e à sua prática pedagógica”. Os PCN também sugerem que seja a/o docente a/o profissional indicada/o para assumir o papel de educador/a sexual. Entretanto, percebemos que “a maioria dos professores não está preparada e não tem oportunidades suficientes ou condições materiais efetivas para assumir os trabalhos escolares em gênero e sexualidade humana” (NUNES; SILVA, 2000). Portanto, fica evidente a importância de se investir na promoção da Educação Sexual nas escolas. Neste contexto, a preparação das/os professoras/es, tornando-se bem informadas/os, preparadas/os e conscientes da importância de sua atuação na área da sexualidade;

b) Dados sobre a saúde da população de Jacobina demonstram que há um considerável índice de gravidez na adolescência e de incidência de casos de DST na população jovem da cidade. Esses dados enfatizam a sexualidade adolescente

como um problema social, de saúde pública e de ordem educacional/moral a ser resolvido no município;

c) As/os discentes do colégio que compõem o universo amostral deste estudo se caracterizam como sendo, predominantemente, do sexo feminino, com faixa etária entre 14 a 17 anos e pertencentes à religião católica;

d) Verificamos que nenhum/a dos/as estudantes investigados/as afirmam existir um trabalho pedagógico (sistemático e permanente) de Educação Sexual sendo desenvolvido na escola onde estuda e apenas um pouco mais da metade deles/as afirmaram que alguma atividade sobre o tema em questão foi realizada na escola, contudo, destacam que essas atividades eram pontuais, tais quais fórum e/ou palestras e relatam, ainda, que as/os profissionais que abordam temas sobre a Educação Sexual são as/os professoras/es de biologia;

e) Com relação aos temas mais importantes para a Educação Sexual, segundo as/os alunas/os, a maioria considerou que as DST, prevenção, aborto, abuso sexual e concepção e gravidez são os temas mais importantes a serem abordados. Observamos, ainda, que em relação às dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar para lidar com a Educação Sexual, segundo as/os discentes são: a timidez e o constrangimento, a falta de materiais didáticos específicos, a incompreensão dos pais e a insegurança em transmitir informações sobre o assunto;

f) Após a apresentação desses achados para as/os professoras/es participantes do *Ateliê de Pesquisa Formativa*, as/os mesmas/os reconheceram a inexistência de projetos pedagógicos na escola e perceberam as dificuldades e necessidades das/os discentes, reconhecendo, também e portanto, assumindo, as necessidades de mudança de postura em suas práticas pedagógicas e da implementação de ações pedagógicas e didáticas que promovam de forma sistemática e contínua a Educação Sexual em vossa escola;

g) Neste sentido, a implementação do *Fórum de Sexualidade* pela escola, locus da pesquisa, foi outro resultado consequente das discussões do *Ateliê de Pesquisa Formativa*. Assim como a decisão de buscar estratégias para envolver os pais neste Fórum e dialogar de modo a também tensionar a Educação Sexual na Educação Básica;

h) As considerações apresentadas acima indicam que existe/formou-se um clima favorável para a implantação da Educação Sexual na escola *locus* da intervenção. Durante os encontros do Ateliê de Pesquisa Formativo as/os professoras/es reconheceram(-se) que podem se preparar melhor, bem como, que devem trabalhar, constitutivamente, a Educação Sexual em suas aulas. Neste ponto, observamos uma dicotomia entre teoria e prática uma vez que as/os professoras/es reconheceram a importância de se trabalhar a Educação Sexual na escola, mas, no entanto, não incluem em suas práticas a discussão desse tema. Esses achados evidenciam a necessidade de investimento em ações com o objetivo de preparar as/os sujeitas/os da Educação Básica para promover a Educação Sexual na escola;

i) Assim, considerando a necessidade da abordagem da Educação Sexual na escola, a importância dos recursos didáticos para o desenvolvimento adequado desse tema e a necessidade de promoção da Educação Sexual na escola, buscaremos desenvolver um *Documento Referencial em Educação Sexual* dirigido ao público da Educação Básica no sentido de auxiliá-los no desenvolvimento de alguns temas relacionados às questões de gênero e sexualidade. A elaboração do *Documento Referencial* está e será pautada nos resultados apresentados neste TFCC. Assim, daremos continuidade ao *Ateliê de Pesquisa Formativo* como a principal estratégia pedagógica a ser adotada na construção do documento referencial, uma vez que seu objetivo é articular técnicas/estratégias com uma postura pedagógica crítico-transformadora, a fim de viabilizar a dinâmica de grupo, a revisão de atitudes e valores no campo das questões de gênero e sexualidade como resposta à questão fundamental desta pesquisa, além de oferecer um espaço para discussão da vivência dos professores sobre a sexualidade das/os suas/seus alunas/os, levando em consideração suas angústias e inseguranças. Usamos uma metodologia participativa que facilita os processos de reflexão pessoais, interpessoais e de ensino e da aprendizagem, integrando o grupo e estabelecendo vínculos de afetividade e respeito mútuo.

É importante ressaltar que o *Documento Referencial em Educação Sexual*, poderá (e deverá) ser adaptado e utilizado pelas/os professor/es como material didático de apoio para se trabalhar os temas das questões de gênero sexualidade com as/os alunas/os em sala de aula. Além disso, teremos a parceria do estudante

de Iniciação científica-IC, Fernando Macedo da Silva nos Ateliês, em virtude da aprovação do subprojeto de pesquisa, intitulado: *Educação Sexual Na Educação Básica: Formação em Exercício*, orientado pela docente Ana Lúcia Gomes como desdobramento da 2ª etapa da pesquisa intitulada: *PROFISSÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO PIEMONTE DA DIAMANTINA: formação, contextos de diversidade e práticas pedagógicas, sob a coordenação da professora orientadora Ana Lúcia Gomes da Silva*.

A experiência vivenciada nos encontros do *Ateliê de Pesquisa Formativo*, que teve a participação de professoras/es de uma escola pública da rede estadual do ensino médio de Jacobina-BA permitiu inferirmos que:

j) Inicialmente, alguns professores e algumas professoras que participaram do primeiro encontro desistiram em participar do *Ateliê de Pesquisa Formativo*. Acreditamos que essas desistências podem estar relacionadas ao despreparo, à insegurança, à timidez ou mesmo a falta de conhecimento da importância de se trabalhar a Educação Sexual na escola.

K) O ambiente criado nos encontros foi rico em interações e em partilha. Foi uma oportunidade para que as/os docentes pudessem falar de suas experiências com o tema, de suas dúvidas, de seus conflitos e trazer situações do seu cotidiano para serem discutidas com os integrantes do grupo;

l) À medida que as discussões foram acontecendo foi possível percebermos uma melhor interpretação e maior compreensão das informações debatidas no Ateliê. Pudemos entrar em contato com as dúvidas mais recorrentes sobre as temáticas em questão em relação à prática pedagógica no contexto de sala de aula. Notamos que a cada encontro desenvolvido, formava-se um “clima” de debate científico, donde cada participante, à medida que ia se informando e se entrosando com a metodologia do Ateliê, posicionava-se com mais segurança e espírito crítico. As relações foram fortalecidas gradativamente no grupo, com repercussão positiva nas atitudes das/os participantes;

m) Foi interessante perceber que as discussões das/dos docentes no encontro se tornaram elementos de reflexão, produção de novos sentidos e significados, permitindo neles o desenvolvimento de uma consciência crítica, criando

condições para uma intervenção transformadora e contribuindo para uma mudança da cultura e da postura profissional;

n) Assim, a desconstrução do discurso praticada no *Ateliê de Pesquisa Formativo* apresentou-se como uma metodologia pedagógica bastante adequada para o desenvolvimento da temática das questões de gênero e sexualidade e para a promoção da Educação Sexual. O Ateliê permitiu o alcance dos objetivos propostos, sensibilizando e preparando as/os professoras/es para lidar com a complexidade e a abrangência dos temas relacionados à Educação Sexual. Os encontros se desenvolveram de forma aberta, dialógica, crítico-reflexiva, favoreceram o processo de ensino e de aprendizagem, a reflexão, a conscientização; facilitaram a identificação de problemas e, assim, porporcionaram proposições, por parte das/dos docentes, de ações que podessem resolver os problemas identificados na realidade vivenciada na escola *locus* deste estudo; forneceram bases para a produção de novos sentidos e conduziram a mudanças em relação à concepção de como deve ser a Educação Sexual na escola;

o) A metodologia para discutir os temas no *Ateliê de Pesquisa Formativo* proporcionou maior sensibilização na abordagem dos temas da Educação Sexual e incentivou as/os docentes a participarem dialogicamente do processo de aprendizagem. A transcendência da mera transmissão de informações possibilitou que elas/es e elas deixassem de ser apenas receptoras/es para se tornarem sujeitas/os ativas/os, questionadoras/es das informações e construtoras/es de conhecimentos.

p) A desconstrução do discurso mostrou-se adequada como prática pedagógica a ser utilizada no trabalho docente para com a prática da Educação Sexual. Neste sentido, como perspectivas futuras, que construiremos como continuação deste trabalho um *Documento Referencial em Educação Sexual*. Contudo, é importante salientar que ele está sendo e será elaborado para atender às necessidades regionais e, portanto, sua utilização deve ser adaptada de acordo com a realidade local de cada contexto escolar, pois, qualquer trabalho envolvendo a Educação Sexual está diretamente relacionado a fatores sociais e culturais localizados no tempo e no espaço;

q) A realização da pesquisa exploratória, do *Ateliê de Pesquisa Formativo* em Educação Sexual e das análises dos livros didáticos de biologia nesta pesquisa, foi passo inicial no sentido de se conscientizar sobre a importância da promoção e do despertar do interesse das/os professoras/es de uma escola da rede estadual do ensino médio Jacobina para a Educação Sexual. Outras iniciativas devem ser adotadas no sentido de dar prosseguimento ao trabalho aqui descrito (como por exemplo, a apresentação desses resultados em outros colégios da rede estadual do ensino médio de Jacobina-BA, com o intento de informar, sensibilizar e incentivar as/os educadoras/es desses colégios para que possam promover a Educação Sexual em suas escolas, caso não haja). As/os próprias/os docentes identificaram e ressaltaram, durante os encontros, a importância de dar continuidade ao processo de aprendizado sobre o tema, bem como expandir a experiência vivenciada e os conhecimentos adquiridos para a sala de aula.

Finalmente, concluímos que a pesquisa-ação colaborativa se configurou como uma metodologia efetiva na investigação e no tratamento do tema Educação Sexual, tendo a escola como local privilegiado para o seu desenvolvimento. Esperamos que este trabalho tenha colaborado efetivamente para a construção de conhecimentos, habilidades e competências na área da Educação Sexual e contribuído para a atualização/capacitação das/os professoras/es que participaram do *Ateliê de Pesquisa Formativo* em Educação Sexual.

Destarte, parece evidente que muitas pessoas resistem às imposições e às implicações das hegemonias, reagem ao caráter limitado dos padrões normativos, explicitam a pluralidade, subvertem as regras. Aqui buscamos ser uma dessas pessoas. Intentamos que este estudo na bricolagem de sua originalidade, fosse uma possibilidade de contribuição e de atitude docente à uma Educação Sexual menos sexista, menos machista, menos misógina e menos homofóbica.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. *Revista Estudos Feministas - REF*, Florianópolis: UFSC/CCH/CCE, v. 09, n.02, p. 575-585, 2001.

ANZALDÚA, Gloria. Bridge, Drawbridge, Sandbar or Island: Lesbians-of-Color Haciendo Alianzas. In: ALBRECTH, Lisa; and BREWER, Rose M. (eds.). *Bridges of Power: Women's Multicultural Alliances*. Philadelphia: New Society Publishers, 1990. p. 216-33.

BORDO, Susan. *Twilight Zones: The Hidden Life of Cultural Images from Plato to OJ*. Berkeley: University of California Press, 1997.

Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 63, p. 93-95, 1987.

CONFERÊNCIA NACIONAL DA EDUCAÇÃO BÁSICA- CONAE. Documento final. Ministério da Educação. Brasília: 2014. 114p.

COSTA, M. V. *Caminhos investigativos – novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 133-160.

DERRIDA. *Ensino, saúde e ambiente*. v.2 n.2 p 2-20 agosto 2009.

DEGNASGNÉ, S. (1997) L'ê concept de recherch  collaborative: l' id e d'um rapprochement entre chercheurs universitaires et participants enseignants. *Revue des Sciences de L' ducation*, v. 2, n. 23.

ESTRELA, M. T.; MADUREIRA, I.; LEITE, T. Processos de identifica o de necessidades: uma reflex o. *Revista de Educa o*, v. 8, n. 1, p. 29-47, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indigna o: cartas pedag gicas e outros escritos*. S o Paulo: Editora UNESP, 2000.

FOUCAULT, M. *Ética, sexualidade, política*. (Ditos e Escritos V). Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade*. A vontade de saber. 11. Ed. Rio de Janeiro. Grail, v.1, 1993.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 17 ed. Rio de Janeiro. Editora Graal, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FRANCO, M. L. P. B. *O livro didático e o Estado*. Revista Ande. São Paulo, v.01, n. 05, 1982.

FREIRE, Paulo. *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1995

FREITAG, B. et al. *O estado da arte do livro didático no Brasil*. Brasília: INEP/REDUC, 1987.

FREITAG, B.; MOTTA, V. R. & COSTA, V. F. *O livro didático em questão*. São Paulo: Cortez /Autores Associados, 1989.

FREITAG, B.; MOTTA, V. R.; COSTA, W.F. *O livro didático em questão*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FURLANI, J. *O bicho vai pegar! Um olhar pós-estruturalista à Educação Sexual a partir de livros para didáticos infantis*. 2005. Tese (Doutorado – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Porto Alegre, 2005.

GUIMARÃES, G. M. A.; ECHEVERRÍA, A. R.; MORAES, I. J. Modelos didáticos no discurso de professores de ciências. *Investigações em Ensino de Ciências*, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 303-322, 2006.

GUIMARÃES, G. Margaret. A.. ECHEVERRÍA. A. R. MORAES. I. J. M. Modelos didáticos no discurso de professores de ciências. *Investigações em ensino de Ciências* – V11(3), pp.303-322, 2006

IBIPIANA, Ivana M. Lopes de Melo.(2005). *Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimento*. Brasília. DF: Líder, 2008.p.10

JAGGAR, Alison M; BORDO, Susan R. *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.

JOSE, J. Drawing the Line: Sex Education and Homosexuality in South Australia, 1985. *Australian Journal of Politics and History* n45: (2) 197-213, Jun 1999.

LADSON-BILLINGS, G. *The Dreamkeepers: Successful Teachers of African American Children*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1994.

LIONCO, Tatiana; DINIZ, Debora. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. *Rev. psicol. polít.*, São Paulo, v. 8, n. 16, dez. 2008.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação – uma perspectiva pós-estruturalista*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

MACEDO, Roberto Sidnei. *Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação*. 2.ed Brasília: Liber Livro, 2010.

MAGALHÃES, Maria. Cecília. Camargo. A pesquisa colaborativa e o professor alfabetizador. In: FIDALGO, S. S; SHIMOURA, A. da S. *Pesquisa crítica de colaboração: um percurso na formação docente*. São Paulo: Ductor, 2007.

MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo revolucionário*. Porto Alegre: Artes Médica, 2000.

MOLINA, O. *Quem engana quem: professor X livro didático*. Campinas: Papyrus, 1987.

MOYSÉS, L.M.M. *O cotidiano do livro didático na escola: as características do livro didático e os alunos*. Brasília: INEP, 1985.

NEGRÃO, E.V. A discriminação racial em livros didáticos e infanto-juvenis. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 63, p.86-87, 1987.

NOSELLA, M.L.C.D. *As belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos*. São Paulo: Moraes, 1981.

OLIVEIRA, J.B.A. *A pedagogia e a economia do livro didático*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Tecnologia Educacional, 1983b.

OLIVEIRA, J.B.A. *Os livros descartáveis: exigência pedagógica ou apenas um bom negócio*. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, no. 44, p. 90-94, 1983a.

OLIVEIRA, J.B.A. *Subsídios para uma política do livro didático*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Tecnologia Educacional, 1983c.

PIMENTA, Selma Garrido (2012). Apresentação da coleção.p.9-18. In: ALMEIDA, Maria Isabel. *Formação do professor do ensino superior: desafios e políticas institucionais*. São Paulo: Cortez.

PIMENTA, Selma Garrido; Lima, Maria do Socorro Lucena (2012). *Estágio e docência*. São Paulo: Cortez.

FIORENTINI, D. (2004).Pesquisar práticas colaborativas ou pesquisar colaborativamente? In: *Pesquisa qualitativa em educação matemática*. Belo Horizonte: Autêntica.

PINTO, R. P. A representação do negro em livros didáticos de leitura. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 63, p. 88-92, 1987.

RAGO, Margareth. Por uma educação libertária: o gênero na nova escola. In: BARBOSA, Raquel Leite Lazzari.(Org.) *Formação de educadores: desafios e perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.p.479-490.

REISS, M.J. Teaching About Homosexuality and Heterosexuality. *Journal of Moral Education* 26: (3) 343-352, sep 1997.

RIOS, R., & SANTOS, W. Diversidade Sexual, Educação e Sociedade: reflexões a partir do Programa Nacional do Livro Didático. *Revista Psicologia Política* [Online], 8(16), 2009.

SANTANA, M. C.S.; WALDHELM, M. C. V. Abordagem da sexualidade humana em livro didático de ciências – desvelando os bastidores de uma proposta. *Ensino, Saúde e Ambiente*, v.2 n.2 p 2-20 agosto 2009.

SANT'ANNA, Affonso Romano de . *Ler o mundo*. 1 ed. São Paulo: editora global, 2011.

SANTOS, B. de S. *Um discurso sobre as ciências*. Cortez, 1986.

SCHEIBE, L. O livro didático e as contradições do real. *Revista Ande*. São Paulo, v. 05, n. 10, 1986.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da; MARAUX, Amélia T; SILVA, Zuleide Paiva. Educar para a diversidade: um desafio de toda a sociedade. In: BATISTA, Hildonice de Souza; MALTA, Arlene (orgs). *Iniciação à docência: diálogos educacionais no PIBID de licenciatura em ciências biológicas*. Salvador: Edufba, 2013.

SILVA, Rosimeri Aquino. *Sexualidades na escola em tempos de AIDS*. [Dissertação de Mestrado] Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre: PPG Edu/UFRGS. 1999.

SILVA, T. T. da. O currículo como fetiche – a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

TRIUMPHO, V.R.S. O negro no livro didático e a prática dos agentes de pastoral negros. Local, editora, data???????

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 2 Ed. São Paulo: Cortez, 1986, pp. 47-72

VAN DE VEN, P. Comparisons Among Homophobic Reactions of Undergraduates, High-School-Students, and Young Offenders. *Journal of Sex Research*. n31: (2) 117-124,1994.

VIANNA, C. RAMIRES, Lula. A eloquência do silêncio: gênero e diversidade sexual nos conceitos de família veiculados por livros didáticos. *Psicologia Política*, 8(16), 345-362, 2008.

VITIELLO, Nelson. *Sexualidade: quem educa o educador. Um manual para jovens, pais e educadores*. São Paulo: Iglu, 1997.

APÊNDICE A - Questionário de Pesquisa

IDADE:

SEXO:

RELIGIÃO:

ESCOLA:

DOMICÍLIO EM QUE VOCÊ MORA: () ZONA RURAL () ZONA URBANA

1 – Para você, o que é Educação Sexual?

2 – A escola em que você estuda realiza algum trabalho de Educação Sexual?

Sim. Qual(is)?

Não

3 – A escola em que você estuda possui algum professor que ensina Educação Sexual?

Sim. Professor(es) de qual(is) disciplina(s)?

Não

4 – Qual(is) os temas que você acha mais importantes abordar na Educação Sexual da escola?

“Ficar”

Aborto

Abuso Sexual

Anatomia e fisiologia dos órgãos sexuais

Concepção e Gravidez

Conhecimento do corpo

Doenças Sexualmente Transmissíveis

Família

Feminismo

Gênero

- Machismo
 - Masturbação
 - Métodos Contraceptivos
 - Mudanças físicas do corpo na adolescência
 - Mudanças psicológicas na adolescência
 - Namoro
 - Pedofilia
 - Prazer
 - Prevenção
 - “Primeira vez”
 - Prostituição
 - Reprodução humana
 - Sexualidades (heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, transexualidade, intersexualidade)
 - Sentimentos (amor, afeto, desejo, atração, paixão)
 - Violência de gênero
 - Preconceitos/tabus. Quais?
-
-

Outro(s). Qual(is)?

5 – No seu cotidiano, qual(is) a(s) sua(s) dificuldade(s) encontrada(s) para falar sobre os temas relacionados à Educação Sexual?

- Existência de preconceitos
- Falta de conhecimento sobre os temas
- Falta de material didático específico
- Incompreensão dos pais
- Insegurança em transmitir informações sobre o assunto
- Nenhuma dificuldade
- Timidez e constrangimento
- Outros. Qual(is)?

6 – O que você fez ou faz para tirar as suas dúvidas sobre puberdade e sexualidade?

7 – Você já conversou com seus pais sobre assuntos relacionados à puberdade, sexo e sexualidade?

- Sim, com o meu pai e com a minha mãe
- Sim, mas apenas com o meu pai
- Sim, mas apenas com a minha mãe
- Não

8 – Você já conversou com alguém em salas de bate-papo e/ou redes sociais sobre assuntos relacionados à puberdade, sexo e sexualidade?

- Sim
- Não

9 – Você já leu algum material sobre Educação Sexual?

- Sim. Qual(is)?
-
-

- Não

10 – Qual(is) ferramentas e/ou material(is) você utiliza em seus estudos escolares sobre educação sexual?

- Cartilha
 - Internet
 - Livro didático
 - Nenhum
 - Panfletos, folders e similares
 - Redes sociais (Ex.: facebook)
 - Outros. Qual(is)?
-
-

11 – Qual a importância do livro didático para o seu aprendizado sobre Educação Sexual? Justifique.

OBRIGADO POR SUA COLABORAÇÃO!!

APÊNDICE B - Documento Referencial em Educação Sexual

DOCUMENTO REFERENCIAL EM EDUCAÇÃO SEXUAL



Imagem: **A Grande Muralha das Vaginas**: quatrocentas vaginas esculpidas em gesso pelo artista plástico britânico Jamie McCartney a partir de moldes das vaginas de voluntárias.

Roberto Santos Teixeira Filho
Jacobina-BA
2016

Roberto Santos Teixeira Filho
Ana Lúcia Gomes da Silva
Demais autores (docentes participantes do *Ateliê de Pesquisa Formativo*)

Documento Referencial em Educação Sexual

Documento de subsídio à Educação Sexual na Escola

Jacobina
2016

SUMÁRIO

Apresentação.....	1
Introdução.....	2
Pesquisa Exploratória e Levantamento de Informações.....	4
Metodologia.....	5
Plano de Ateliê Formtivo em Educação Sexual.....	6
Roteiro e Matriz de Análise.....	7
Resultados da Análise Pós-estruturalista de Livro Didático.....	8
Orientações Finais.....	9
Referências.....	10

APRESENTAÇÃO

Este Documento Referencial em Educação sexual é produto do TFCC de Mestrado em Educação e Diversidade da UNEB, desenvolvido pelo mestrando Roberto Santos Teixeira Filho sob a orientação da Prof^a. Dra. Ana Lúcia Gomes da Silva.

Com o objetivo de promover a Educação Sexual na escola, este Documento Referencial contém uma proposta pedagógica que orienta e subsidia o/a professor/a, independente da disciplina que leciona. Ele permite, através de uma metodologia pedagógica em grupo, que as/os professoras/es adquiram mais segurança e possibilidades em abordar problematizando os temas ligados à Educação Sexual na sala de aula, possibilitando assim, uma maior reflexão e discussão no meio estudantil.

Está disponível neste trabalho um apoio didático abordando temas da Educação Sexual que foram especialmente selecionados de acordo com a importância, necessidades e dificuldades apresentadas pelas/os estudantes de uma escola da rede estadual do ensino médio de Jacobina-BA.

Este documento está estruturado de modo a oferecer às/aos sujeitos/as da Educação Básica um fio condutor para o planejamento com abertura para possíveis adaptações.

Esta proposta de processo de promoção da Educação Sexual na escola prevê a realização de um conjunto de encontros em formato de Ateliê de Pesquisa com objetivos diversos e complementares: construção de conceitos, reflexão sobre a prática e a postura profissional diante das questões abordadas, aplicação de conhecimentos ou, ainda, o debate de ideias e posições sobre assuntos polêmicos. Para o desenvolvimento do trabalho, sugerimos que o “coordenador” planeje um cronograma com encontros semanais de quatro horas de trabalho, selecione os temas de acordo a necessidade das/os sujeitas/os envolvidas/os.

Esperamos que este material didático formativo seja uma ferramenta útil para incentivar, capacitar e desencadear o processo de formação de profissionais da educação, especialmente as/os professoras/es, que aprendem e também ensinam.

INTRODUÇÃO

Promover a Educação Sexual não é tarefa fácil, mas ela envolve, sobretudo, a intencionalidade humana, a expressão e a vivência. “A sexualidade humana é um fenômeno extremamente complexo que inclui fatores psicológicos, biológicos e sociais e que tem influência bastante significativa sobre o comportamento humano” (LETTNER e BRITO, 1987, p.149).

Neste sentido, a sexualidade é entendida como algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte. Conforme Corrêa (2003 p.40) é algo cultural e contingencial, que se aprende e se constrói; não é algo estanque que se limita ao biológico; e nem começa, nem termina na escola. É algo que atravessa toda a vida escolar e que exige respostas da escola. Tais respostas jamais concorreram com aquelas oferecidas pela família, pelos meios de comunicação, pelos amigos, pela experimentação; são complementares a todas essas, o que não restringe o poder de influência dessa escola; pelo contrário, amplia sua responsabilidade, na medida em que todos os saberes estão interagindo, de forma dinâmica e até controvertida, no cotidiano escolar, sugerindo direcionamentos e intervenções.

Os PCN (2000) sugerem que seja o/a professor/a o/a profissional indicado/a para assumir o papel de Educador/a Sexual na escola, pois eles/as desempenham um papel importante para intervir e informar as/os estudantes sobre os temas relacionados à Educação Sexual de forma a contribuir para a prevenção de problemas graves como doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência, abuso sexual, aborto e outros temas relevantes. A/O docente, no seu papel de Educador/a Sexual, precisa ficar atenta/o para não entrar na vida particular, na intimidade das/os suas/seus alunas/os. Ela/Ele deve promover debates, conduzir as discussões de forma a auxiliar na orientação e no desenvolvimento do tema e criar condições para que as/os estudantes tracem seus caminhos, formem suas atitudes e opiniões. O grande desafio é capacitar-se para desenvolver este trabalho, uma vez que a Educação Sexual não pode ser dissociada da educação como um todo. Portanto, faz-se necessária a preparação das/os sujeitas/os da Educação

Básica, tornando-os bem informados, prontos e conscientes da importância de sua atuação na área da Educação Sexual. Assim, o/a educador/a deve buscar a capacitação profissional, ampliar a compreensão sobre a Educação Sexual, aprofundar conceitos, revisar valores e se instrumentalizar.

A elaboração deste Documento Referencial em Educação Sexual, que utiliza a oficina como metodologia pedagógica, foi baseada nos resultados obtidos na pesquisa desenvolvida na/para a construção deste trabalho.

Esperamos que este documento referencial possa contribuir para a promoção da Educação Sexual na Escola.

ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Cara/o participante,

Convidamos o/a Sr(a) para participar da Pesquisa “A EDUCAÇÃO SEXUAL NOS LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA: uma abordagem no campo do currículo”, que refere-se a um projeto de mestrado sob a responsabilidade do pesquisador Roberto Santos Teixeira Filho, o qual pertence ao programa de Mestrado Profissional em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas/Campus IV – Jacobina-BA. Esta pesquisa pretende diagnosticar como está a Educação Sexual no ensino médio da rede pública de ensino da cidade de Jacobina-BA e elaborar um material didático para colaborar para a construção de uma educação inclusiva e de qualidade combatendo toda forma de preconceito e discriminação.

Sua participação é voluntária e consiste em responder um questionário com questões objetivas e rápidas, o qual será entregue ao Sr(a) em sala de aula, individualmente, em envelope fechado, em dia letivo no turno de sua aula e em horário e dia previamente divulgados. O Tempo para responder o questionário é de aproximadamente 25 minutos. O/A Sr(a) deve responder ao questionário individualmente e de forma privada e, após a conclusão das respostas, o/a Sr(a) deverá devolver ao pesquisador responsável o questionário respondido dentro do envelope fechado.

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa podem ser desde desconforto e constrangimento até formas mais danosas, como sofrer bullying podendo causar traumas, principalmente para adolescente ao tratar do tema sobre "Educação Sexual". Para minimizar e/ou evitar que estes danos ocorram, o questionário será entregue ao Sr(a) em envelope fechado para que o/a Sr(a) possa devolvê-lo dentro do envelope sem expor, assim, as suas respostas. Além disso, o/a Sr(a) não precisa se identificar no questionário e poderá procurar o lugar que julgar mais adequado para responder ao questionário garantido, assim, a sua privacidade. Estes procedimentos garantem que as suas respostas não sejam expostas de forma individualizada preservando-se, assim, o seu anonimato e, conseqüentemente o seu

bem-estar social e individual. Se você aceitar participar estará contribuindo para o seu aperfeiçoamento profissional, para sua formação de cidadão, para a construção de uma cidadania que preze pelo respeito e pela equidade e para a construção de uma prática educativa inclusiva e de qualidade e para o combate dos preconceitos e das práticas discriminatórias e excludentes.

Se depois de consentir em sua participação, o/a Sr(a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois de responder ao questionário, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O/A Sr(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo.

Para qualquer outra informação ou acesso aos resultados e sempre que quiser você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável no endereço Avenida J. J. Seabra, nº 158; Bairro Estação; Jacobina-Ba; CEP: 44700-000 , pelo telefone (74) 3621-3337, FAX: 3621-4154, pelos e-mails: mped@gmail.com; unebcampus4@yahoo.com.br/ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana – CEP/UEFS (75) 3161-8067 ou email: cep@uefs.br para tirar suas dúvidas sobre a pesquisa do ponto de vista ético.

Consentimento Pós-Informado,

Jacobina – BA, _____ de _____ de 2016.

Assinatura do(a) participante da pesquisa

Data: ____/____/____

Assinatura do pesquisador responsável

Data: ____/____/____

Assinatura da pesquisadora colaboradora

Data: ____/____/____